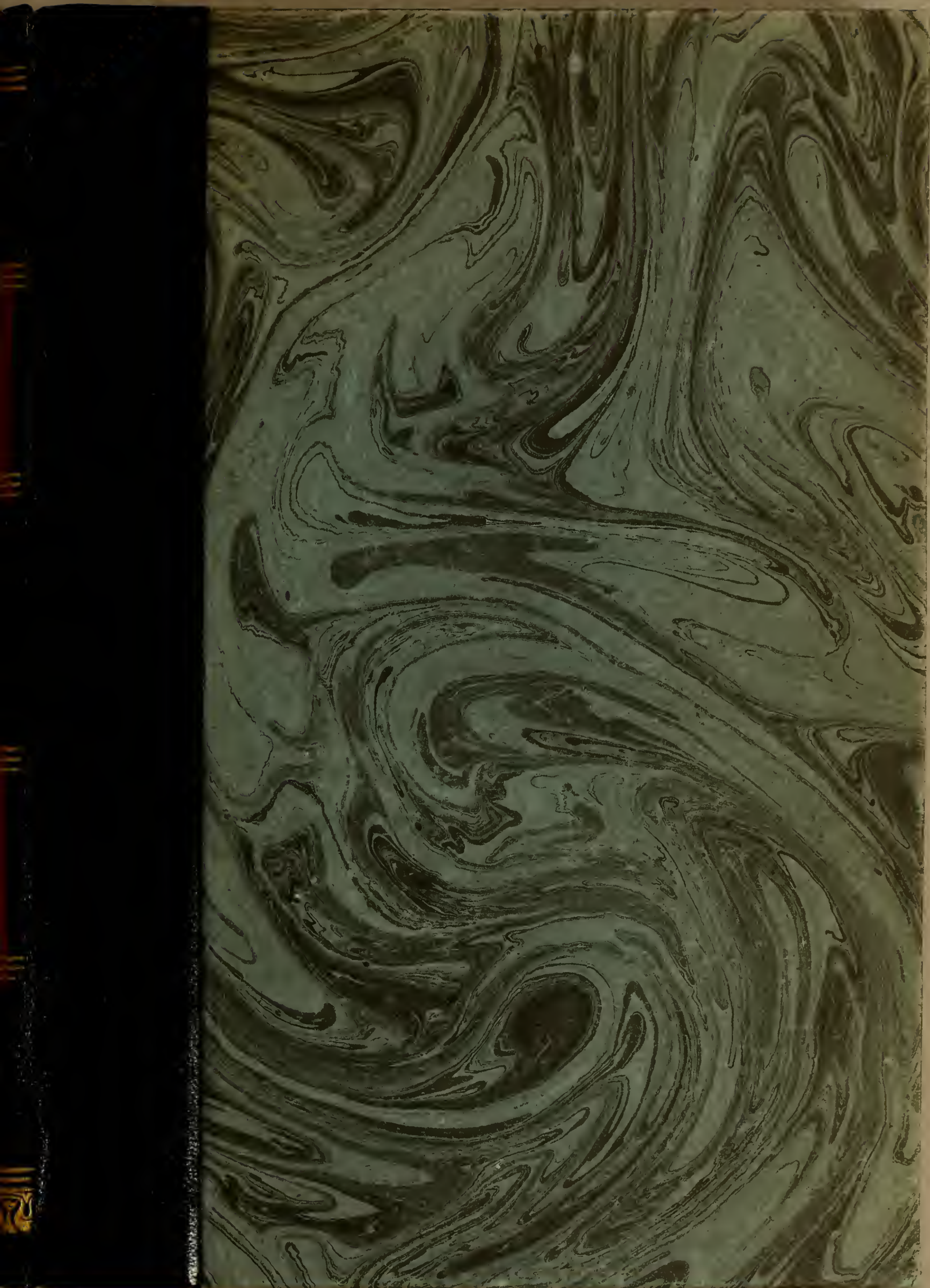
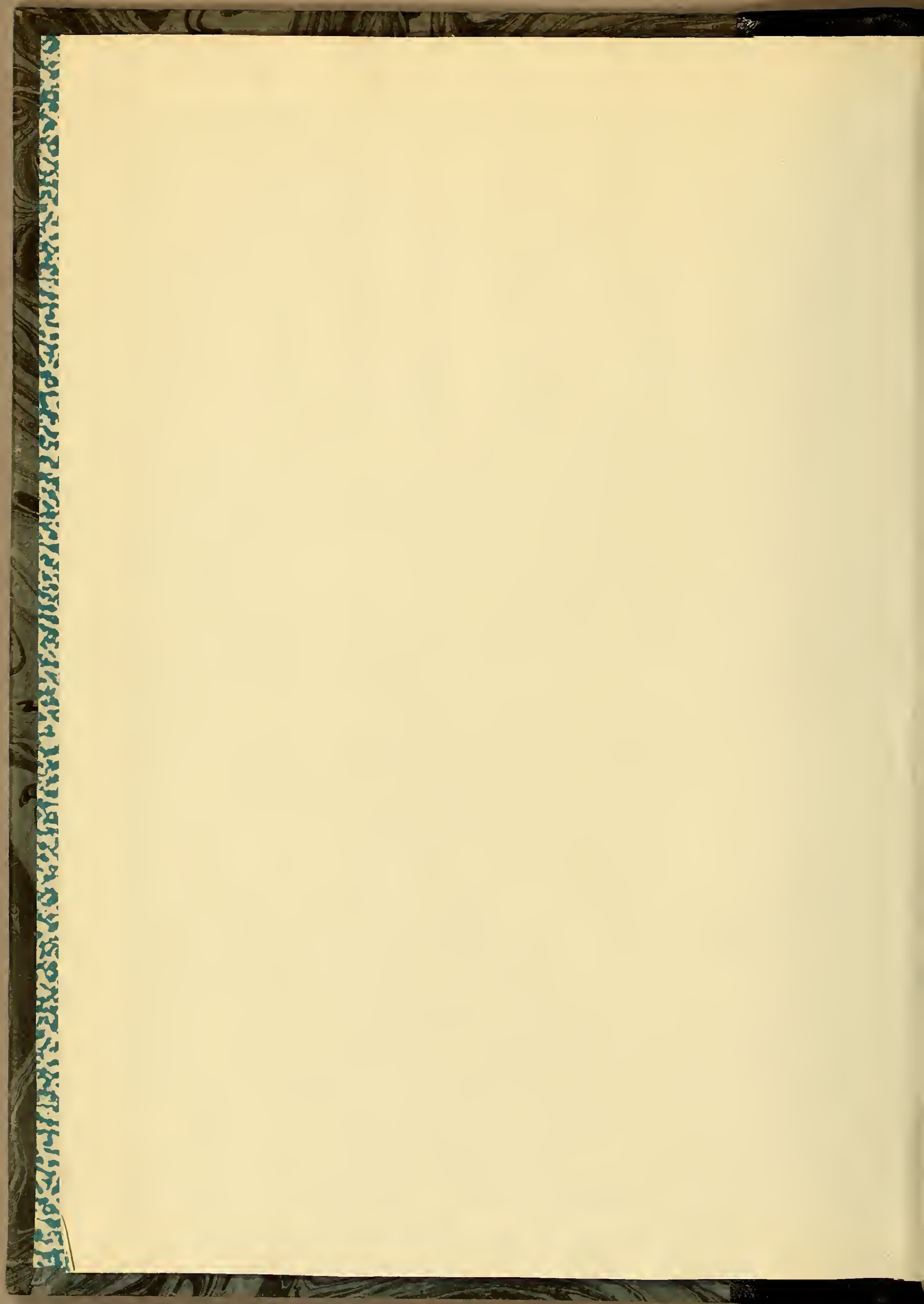






APPENDICE
Á
MEMORIA
DA
VIDA
DO
LORD WELLINGTON,
CONTENDO
DOCUMENTOS, E OBSERVAÇÕES
SOBRE
A GUERRA PENINSULAR,
INVASÃO DA FRANÇA,
PAZ DA EUROPA.

POR
JOSÉ DA SILVA LISBOA.



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1815.

Com Licença de S. A. R.


RPJCB

N. I.

ELOGIO DO LORD WELLINGTON,

POR

WILLIAM PLAYFAIR,

PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE EDIMBURGO, AUTHOR DA INQUIRIÇÃO SOBRE AS CAUSAS DA DECADENCIA DAS NAÇÕES RICAS E GUERREIRAS,

INSERTO EM NOVA OBRA DOS RETRATOS POLITICOS.

TOMO II. ANNO 1814.

AS brilhantes victorias alcançadas pelo Duque do Wellington, e a grande e feliz alteração que elle produzio na situação do mundo civilisado, tem gravado o seu retrato no espirito de todo o homem pensador.

Como porém os seus merecimentos e serviços requerem o serem considerados em huma Synopse, traçarei rapido debuxo delles, ainda que seja desigual á tarefa de fazer justiça a tão grande General.

Quando o Exercito Britannico veio auxiliar o opprimido povo da Peninsula, medonha, negra nuvem pendia sobre o Genero Humano.

A Europa estava ameaçada de peior que barbaridade gothica, e escuridão Africana; tinha desapparecido a esperança de resistencia; e o Despota da França só meditava o como mais facilmente cativaria o resto da Europa que estava livre.

As Nações da Europa, semelhantes aos Companheiros de Ulysses na Caverna dos Cyclopes, esperavão tremendo, que se lhes chegasse a sua hora; e a Gram Bretanha, ainda que victoriosa no mar, era havida por desprezivel Potencia em terra. O Inimigo do Genero Humano, pelo numero de soldados, pela experiencia dos Officiaes, e pelos violentos meios que adoptou para sustentar os seus exercitos, olhava com desprezo para as poucas tropas Britannicas expedidas debaixo do commando de hum Capitão, que só tinha reputação de se ter comportado com valentia nas guerras da India. A derrota do General *Moore*, que aliás era de alta reputação, augmentou a ousadia dos Francezes, a desesperação do mundo, e as facções da Hespanha.

O Senhor Arthur Wellesley emprehendeo a defeza de Portugal debaixo destas adversas circunstancias, e com desproporcionados meios. Entre nós mesmos havia hum partido forte, e importante, que não profetizava senão infortunio ás nossas armas; e que olhava a expedição do pequeno Exercito de Inglaterra na Peninsula, como hum recurso desesperado.

Tal era o estado das cousas quando o Lord Wellington principiou a sua carreira militar na Peninsula.

Jámais se duvidou do seu valor; porém ainda os seus amigos não se persuadião de que elle tivesse a pericia competente a se medir com os Marechaes da França, e a habilidade de bem avaliar a differença entre hum exercito dos Naturaes da India, e o de Veteranos Francezes.

O Senhor Arthur, tão modesto como valoroso, e tão habil para esperar pela occasião opportuna, como rápido para vêlla, e se aproveitar della quando se offerecesse, destruio todos os esforços do inimigo. A Sciencia Militar deste, e o numero de suas Tropas, não tiverão effeito contra os superiores talentos daquelle antagonista. E qual foi o glorioso resultado? A Europa he salva, e o bravo Wellington foi o primeiro que fez brecha na muralha que havia de fechar o Genero Humano como em hum grande e escuro Calabouço.

Bem como a luz que raia na madrugada, repelle gradualmente a escuridão e tempestade da noite, assim os Francezes perdêrão a sua reputação de serem invenciveis; e o Exercito Inglez se fez temivel por toda a parte aonde o dirigio o seu bravo Conductor, que jámais o deixou de levar á victoria.

O Despota Francez derrotado na Peninsula, e temendo arriscar a sua fama em pessoal encontro com hum General que elle affectou desdenhar, determinou-se á huma ainda mais extensa conquista na outra extremidade da Europa, e se precipitou á sua fatal expedição de Moscow. Bonaparte conhecia, que o proprio

poder dependia da sua reputação de invencibilidade, e por tanto voltou-se para Russia; e como se desprezasse a Hespanha, esperava entre tanto que fallissem as Finanças Inglezas, e os meios de recrutar o Exercito Alliado. Esta expedição dava-lhe escusa para não vir atacar em pessoa ao Lord Wellington, por quem estava aterrado.

O mesmo valor do Lord Wellington, que obrigou a Bonaparte a procurar fama, victoria, e conquista em outro lugar, mostrou ao Magnanimo Imperador da Russia, e aos seus Generaes, que os Francezes não erão invenciveis; e elles se resolvêrão a vir encontrar o choque com a sua nativa coragem, e com a firmeza, e desesperação, que huma tal causa naturalmente inspira.

As Aguias Francezas voárão á Russia, mas voárão para não mais tornarem; e a arrogancia Franceza soffreo a maior humilhação que jámais se recorda nos annaes do Genero Humano.

O mundo sabe as circunstancias, e o feliz resultado. O Tyranno segunda vez volta desertor do Exercito, refugia-se na sua Capital; e o homem que tinha por alvo subjugar o mundo, apparece incapaz de se defender a si mesmo.

As victorias do Lord Wellington continuárão a ser cada vez mais brilhantes; e tal era a confiança posta no seu valor e saber, que, nos ultimos dois annos, a Gram Bretanha, tendo hum nobre orgulho por haver produzido hum tal Commandante, não duvidou, ainda nos mais criticos momentos, dos seus felizes sucessos.

Depois de vencer todos os grandes Generaes que forão mandados contra elle, foi o primeiro que invadio a França, e lhe fez sentir a pena do talião pelos males que havia causado ao Genero Humano.

A Europa está agora em pleno júbilo, e as liberdades do Genero Humano estão seguras: ella está na expectação da melhor, e mais estavel ordem politica; que jámais antes existio. Tal he a produzida mudança, e tambem a mais completa e feliz que a Humanidade nunca vio, e que foi principiada pelo Lord Wellington, e á elle devida.

Contemplando as suas grandes acções, e as suas ainda maiores consequencias, perdemos-nos em assombro, quando consideramos os inadequados meios com que effeituou tão grande empreza.

O immenso numero dos Exercitos Francezes varias vezes espoliou ao Lord Wellington das vantagens e fructos da victoria, mas não da mesma victoria. Talvez jámais existio outro General tão constantemente victorioso, ou que achasse as suas difficuldades tão grandes depois de vencido o inimigo. Isto foi principalmente visivel depois da batalha de Salamanca. Ainda depois da batalha da Victoria, as suas difficuldades forão grandes pela mesma causa, e pelos máos successos do General *Murray* nas Costas de Hespanha; mas, ainda assim, aquelle grande homem não proferio huma só palavra de invectiva, ou queixa.

Hum dos mais vivos traços do caracter do Lord Wellington he ser o mais sincero, e candido homem da

terra : elle não adula, nem desdenha, a ninguem ; e trata a todas as pessoas como ellas merecem ; e por tanto nada faz maior honra a qualquer homem, que está debaixo de seus olhos, e junto á sua pessoa, do que o alcançar a sua estima.

Lord Wellington he de vista clara e penetrante, e não se assemelha ás pessoas que dão o seu favor, e patrocinio sómente por terem bondade natural, tendo porém ignorancia do verdadeiro caracter de seus protegidos. Elle escolheo para seu Ajudante de Campo ao Principe de Orange (ora Rei da Hollanda) que obteve a sua estima pessoal pela sua coragem, e por outras boas qualidades.

O Lord Wellington he hum dos Generaes mais humanos aos seus soldados ; e o Cavalleiro mais cortez aos seus Officiaes. Elle he o amigo, e patrono do mérito ; he a admiração de todos que ouvem fallar de sua pessoa em distancia, e he adorado por aquelles que estão perto delle.

N. II.

CARTA REGIA,

Citada nas pag. 130.

CLero, Nobreza, e Povo de meus Reinos de Portugal. = Eu o Principe Regente vos Envio muito sau-

dar. No momento em que, de accôrdo com o Meu poderoso fiel, e antigo Alliado El-Rei da Gram Bretanha, Me occupava séria e activamente em reunir, e pôr em acção, todos os meios com que poderia resgatar-vos do duro captiveiro e oppressão, á que vos reduzio hum Poder, que não tem limites na sua ambição, e que deseja realisar a monarchia universal, não só da Europa, mas do mundo inteiro; e quando para este fim lhe tinha já Declarado a guerra pelo Meu *Manifesto* datado do primeiro de Maio, em que deduzi, para conhecimento vosso, e de toda a Europa, as justas razões, que justificavão a Minha Conducta, e que me animão a huma tão decidida resolução; he nesse mesmo momento, que chega a meu conhecimento o generoso esforço com que Hespanha se levantou, toda reunida em hum só corpo, para resgatar o seu Rei, e a sua Real Familia do captiveiro a que havião sido levados com huma astuta perfidia, e para conservar o seu governo monachico; e que seguindo o mesmo louvavel exemplo, vos havieis levantado, e procurado restaurar os direitos do vosso legitimo Soberano, e a monarchia, que por mais de sete seculos vos tem feito felizes, e respeitaveis aos olhos do Universo inteiro, principiando a manifestar-se este generoso e fiel desenvolvimento nas Provincias do Norte e Sul do Reino, extendendo-se depois á todas as outras, até por meio das Tropas Hespanholas, e finalmente á Cidade de Lisboa, a pezar do numeroso exercito Francez que alli se achava, e que em differentes combates foi der-

rotado e vencido com os soccorros do meu poderoso Alliado. Qual haja sido o meu prazer, e doce satisfação, os vossos corações vo-lo dirão; e como bons filhos conhecereis os sentimentos do vosso Soberano, e Pai commum de todos, que só desejara poder achar-se no meio de vós, para vos conduzir no caminho da gloria, e da honra, que tão gloriosamente seguís, e para vos Fazer conhecer quão justa paga he do amor que vos Tenho, a fidelidade que Me mostrais, e quanto Vo-lo mereço pelos sacrificios que fiz para evitar a inutil effusão do vosso sangue, e pela dôr com que me retirei d'entre vós, para segurar a vossa conservação, salvando a Minha Real Familia, e para tentar com todo o esforço a vossa restauração, unido ao meu poderoso Alliado. A prudencia fundada na tristissima experiencia das grandes Nações, que não havião podido resistir aos numerosos exercitos que Bonaparte recrutava em quasi toda a Europa subjugada, me fez crer, que, Cedendo, e Retirando-Me, poupava o vosso sangue, e segurava as vossas propriedades; tanto mais que em qualquer caso vos Preparava hum asylo no vasto Imperio, que Me propuz levantar sobre os alicerces que deixárão principiados os meus Augustos Predecessores; Salvando-vos aquella mesma Real Familia, cujos sagrados direitos defendesteis vinte oito annos, derramando vosso sangue contra hum poder muito superior, Declarando, á face do Universo, que já mais Renunciaria ao direito com que reinava sobre vós. Preparando todos os meios da vossa restauração, ganhei

certamente aquella consideração, que merecem resoluções extraordinarias, generosas, e que as tristes experiencias da Hespanha verificão ter sido fundadas, e não imaginarias. Eia pois fiéis vassallos, e valorosos Portuguezes, persistí na generosa resolução que tomastes; e lembrados de que vos mostrais dignos filhos de hum extremoso Pai e Soberano, que tem todo o direito á vossa confiança, proseguí na adopção dos meios mais energicos, de que deve resultar a conservação, e integridade da monarquia, que felizmente se acha restaurada, e com o soccorro e auxilios do meu poderoso Alliado El-Rei da Gram Bretanha; e obedecendo aos delegados do Meu Poder e Authoridade Real, que vos hão de communicar as Minhas Reaes Ordens, procurai fazer causa commum com a Hespanha, para a estabilidade das duas Monarquias, e para conseguir a restituição e liberdade dos Augustos Membros que compoem a Familia Real de Hespanha, hoje detidos em França; fazei que huma só vontade vos anime a todos; que não haja sacrificio á causa commum que vos custe, lembrados, que o vosso Pai e Senhor tem sobre vós attentos os seus olhos; que não só as rendas dessa parte da monarchia ha de gostoso sacrificar para a vossa defensa, mas ainda a de todas as outras partes, como já o havia principiado a executar por meio de emprestimo, que mandei fazer na Gram Bretanha, com o consentimento do meu Poderoso e fiel Alliado S. M. B., e que serão applicados á vossa defensa, e com as remessas que daqui recebereis, seja de fundos

da Minha Real Corôa, seja de tudo o que o zelo patriotico de todos os vassallos que tem a honra de estarem comigo, e de rodearem o Throno, habitando esta parte dos Meus Estados, contribuio gratuitamente com esse beneficio; e que finalmente nenhum sacrificio custará ao Meu Coração, tendo sempre presente ante os Meus Olhos as acções dos Meus Grandes Avós, particularmente dos Senhores Reis D. João o I.º, e D. João IV., em épocas muito semelhantes á presente. Não esquecerei de lembrar-vos aqui, que, no meio das gloriosas acções, com que tendes restaurado a Monarchia, e reintegrado os meus Reaes Direitos, he necessario que tenhaes presente, e pratiqueis a mais exacta observancia das Leis, a mais prompta obediencia ao Governo, e a maior moderação no emprego da força armada, para não cahirdes em excesso algum; ainda mesmo contra os homens que julgareis os mais criminosos, e que devem ser castigados com toda a severidade das Leis; mas sempre procedendo ás devidas formalidades, para que, em caso algum, se confunda o réo com o innocente; não vos esquecendo que o vosso Soberano sempre Praticou o antigo principio de hum Imperador Romano, que antes queria que se salvassem mil réos, do que fosse punido hum só innocente; e para este fim abstendo-vos de qualquer acção immediata da vossa parte, deixai aos meus zelosos, e imparciaes Ministros, o conhecimento de homens máos e perversos, e que devem ser castigados com todo o rigor das Leis. Com taes sentimentos, e de que a lem-

brança do vosso nome seja eterna, e sempre venerada pelos vossos descendentes, a quem affiançais com tão generosos esforços a sua existencia, e independencia, nada vos será impossivel: e conservando illesa a gloria do nome Portuguez, sereis hum eterno monumento daquella fidelidade e amor do Soberano, e da patria, que em todas as idades foi o caracter, e distinctivo da Nação Portugueza. Assim o executai, e confiados no auxilio da Providencia, em que puz sempre a toda a minha confiança, e implorando o Deos dos Exercitos, *não temais que deixe de ser feliz o exito de huma tão justa causa*; e conservai sempre na vossa lembrança a memoria e denodo, com que não cessarei hum só momento de occuparme da vossa conservação, e futura felicidade, que de par com a dos meus outros vassallos foi sempre o principal, e o unico objecto dos meus paternaes cuidados. Igualmente vos lembro, que deveis ter presente, que os serviços que nesta occasião me fizerdes, e á Minha Real Corôa, serão por Mim liberalmente recompensados, e que os reputarei como aquelles, que mais devem merecer a Minha Real Consideração. Assim o cumprireis, executando estas minhas Reaes Ordens, que mando publicar entre vós por meio desta solemne Proclamação.

Escripta no Palacio do Rio de Janeiro aos 2 de Janeiro de 1809. PRINCIPE.

N. III.

CONTA

DADA AO PARLAMENTO BRITANNICO, da distribuição do generoso auxilio, com que aquelle respeitavel Corpo, em nome de toda a Nação Ingleza, procurou alliviar os males, que a guerra assoladora havia causado a Portugal no anno de 1810.

ILlustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Havendo o Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S. M. B. communicado á este Governo a conta da distribuição do donativo votado pelo Parlamento do Reino Unido da Gram Bretanha, e Irlanda, para soccorro dos habitantes das terras de Portugal devastadas pelo Exercito de Massena na invasão de 1810, desejão os Governadores do Reino que V. Excellencia faça levar á Presença de S. A. R. o Principe Regente da Gram Bretanha com o mais respeitoso acatamento as expressões da sua gratidão por tão grande beneficio, digno por certo do magnanimo Coração de S. A. R., que o encommendou, e da generosa Nação, que o concedeu. Estes sentimentos são os de todos os Portuguezes, que, tendo recebido da liberalidade Britannica os meios de verem diminuidas as ter-

riveis calamidades da sua patria, se achão ligados por novos vinculos á huma Potencia, a quem amão por habito, por interesse reciproco, e por gratidão. Os Governadores do Reino, offerecendo a S. A. R. os testemunhos do agradecimento de seus Concidadãos, não só cumprem huma obrigação, que lhes he muito agradavel, e lisongeira, mas são fiéis interpretes da vontade de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, cujos paternaes disvélos tanto se interessão em tudo o que póde concorrer para o bem de seus vassallos. A certeza do beneficio, que deste opportuno soccorro recebêrão os desgraçados, será tambem a recompensa mais grata para o Coração generoso e humano de S. A. R. o Principe Regente da Gram Bretanha. João Croft, Membro da Legação Britannica, que he o portador dos Despachos do Cavalheiro Carlos Stuart, se encarrega tambem de entregar a V. Excellencia a presente carta. E por esta occasião não poderião os Governadores, sem injustiça, deixar de participar a Vossa Excellencia que ao mesmo Croft, e á seu companheiro o Desembargador João Gaudencio Torres, se deve a boa e imparcial distribuição do donativo, e a escrupulosa applicação delle aos fins, a que fôra destinado. Ambos corrêrão as terras devastadas com gravissimo incommodo, e risco de vida, principalmente nos primeiros tempos, em que grassava huma terrivel epidemia; examinárão com a maior exactidão as circunstancias dos habitantes, que tinhão direito a ser soccorridos, e dirigírão a repartição dos soccorros (que em

alguns artigos fizerão per si mesmos) com tanta regularidade, e justiça, que não consta que houvesse hum só queixoso. A diligencia, além de mui trabalhosa, foi dilatada, e por consequencia dispendiosa: mas nenhum dos ditos dois Encarregados consentio em ser embolçado de suas despezas, cuja importancia accresceo assim ao fundo destinado para auxilio dos indigentes. O Governo vai pôr na Augusta Presença do Principe Regente Nosso Senhor estes relevantes serviços, e deseja que os de João Croft, particularmente, cheguem ao conhecimento de S. A. R. o Principe Regente da Gram Bretanha, a quem o procedimento nobre, justo, e desinteressado de hum Empregado Britannico dará a maior satisfação. O mesmo Croft poderá informar a Vossa Excellencia de todas as particularidades deste negocio, em que teve tão consideravel parte. Com esta occasião renovo os protestos mais sinceros da distincta consideração, com que me offereço obsequioso à Vossa Excellencia. Deos guarde a Vossa Excellencia. Palacio do Governo em 4 de Setembro de 1813. De Vossa Excellencia o mais attento e fiel Captivo, D. Miguel Pereira Forjaz. Illustrissimo e Excellentimo Senhor Conde de Funchal.

N. IV.

PROCLAMAÇÃO CONGRATULATORIA

DOS

GOVERNADORES DO REINO.

" A PAZ, dom precioso do Ceo, vem reparar os
,, males causados por huma guerra, cuja ferocidade e
,, devastação não tem exemplo nos Annaes da His-
,, toria...

,, He tudo Obra do Supremo Arbitro do Univer-
,, so, ante cuja Divina Magestade nos devemos humi-
,, lhar, e offerecer-lhe as mais fervorosas acções de
,, graças por tantos e tão singulares favores.

,, A profunda Sabedoria de S. A. R. O PRINCIPE
,, REGENTE Nosso Senhor, que com heroica re-
,, solução frustrou os *infames projectos* do Tyranno,
,, e que com inalteravel constancia, prudencia, e ener-
,, gia, dirigio os esforços de seus Vassallos para sus-
,, tentarem tão porfiada luta, exige tambem de nós o
,, mais profundo reconhecimento. Os Soberanos de Por-
,, tugal forão sempre os Pais de seu povo; mas ne-
,, nhum ganhou ainda tanta gloria, nenhum conseguio
,, triumphos tão maravilhosos, nenhum teve tanto di-
,, reito a reinar sobre o coração de seus Vassallos,

„ como o nosso adorado Principe, e Clementissimo So-
„ berano.

„ A S. A. R. devemos a íntima Alliança com a
„ Gram-Bretanha, cuja cooperação e generosos auxi-
„ lios tanto contribuírão para o triumpho da boa causa.

„ Sim, Portuguezes, acabou-se a Campanha, os
„ illustres Guerreiros, voltão finalmente a seus lares,
„ coroados de louros immortaes, que seu intrépido va-
„ lor, constancia, e disciplina, colhêrão desde as mar-
„ gens do *Tējo* até as do *Garonna*, Commandadas pe-
„ lo *Invicto Duque da Victoria*, &c. &c. „

N. V.

Paraphrase da antecedente Proclamação.

Este *Credo Politico*, proclamado por S. A. R., e por tão Altas Authoridades, he bem que ande annexo á Memoria da Vida do *Lord Wellington.* Espero que os Leitores não considerem gravóso offerecer breve paraphrase, expondo mais explicitamente as causas do bem que gozamos; para trazer a concordia todos os espiritos sobre cousas essenciaes á Prosperidade do Estado, a fim de complemento e perpetuidade das vantagens que temos experimentado. O Economista *James Stuart* bem observa, que, quando Deos quer felicitar a hum povo, dá-lhe não só hum Principe que o ama,

e he amado, mas tambem uniformidade de sentimentos nos objectos do Bem Geral. *Isto, e só isto* (diz elle) *cria a unanimidade.*

Ainda que o Senhor *Duque da Victoria* fosse o immediato instrumento da Divina Providencia para a Salvação e Independencia da Monarchia Portugueza, e com poderosa efficacia cooperasse á Paz da Europa, com tudo he de summa Complacencia Nacional o vêrse, que as Principaes causas desta felicidade forão: Primeira; a heroica retirada de S. A. R. o PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor ao Brasil, constituindose (por assim dizer) a *Cabeça do angulo*, e o primeiro Annel da extensa cadêa dos portentosos successos, que sobrevierão, dando o mais efficaz exemplo, que excitou as Potencias do Norte a consultarem, unanime e vigorosamente ao restabelecimento da sua Dignidade, para debellarem ao Inimigo Commum: Segunda; a confirmação da Alliança entre as Coroas Lusitana e Britannica, e sua sabedoria, e perseverança nas adversidades, para destruir o *Systema Continental*; e estabelecer hum opposto *Systema Liberal* de Commercio.

As causas da prolongação da guerra forão: Primeira; a Facção que produzio a anarchia e tyrannia da França: Segunda; a hostil desconfiança, e vil calumnia, que ella propagou contra a Gram-Bretanha, para os Soberanos não se ligarem ao Governo Inglez. A exposição destas causas he necessaria, não menos á estima e honra dos nossos constantes Alliados, que

á geral detestação das maximas dos admiradores e sequazes dos infieis aos seus Principes legitimos, que tentárão perverter a Ordem Social, e abolir a Constituição do Estado. He de esperar que os conhecimentos de taes causas perpetuamente produzão iguaes bons effeitos contra a malina influencia da Gallomania, não de todo extincta *.

Os Vassallos de qualquer parte da Monarchia devem dar a S. A. R. os mais cordiaes e perennes Agradecimentos, por ter, com sacrificio de Sua Pessoa, salvado o Decóro Soberano, e preparado a Resuscitação da Europa, pela sua *Expedição ao Brasil*. Esta expedição, além de ser hum Monumento singular na

---

* Diz o vulgar proverbio, *morre o poeta, fica a satyra.* Como a luta acabada, mas ainda não extincta, tomou o caracter de Guerra por principios de Economia politica, e de Direito das Gentes, e manifestou a grande verdade de ser o *Commercio Franco* o *Universal Civilizador*, fazendo em toda a parte sentir os males da falta de sua franqueza (em justos limites) nos póvos, e o consequente retrocesso da industria e riqueza social, espero venia á prolixidade de observações minhas, e alheias, a esse respeito. He notorio que grassão entre sensatos, ainda mais que no vulgo, abstrusas idéas, e recriminações absurdas, e impoliticas, á que he urgente pôr cobro, oppondo argumentos á dicterios: bem se póde dizer com o Classico Latino: *Sermo oritur, non de villis, domibus ve alienis; sed quod magis ad nos pertinet, et nescire malum est, agitamus.*

Historia, he sobremaneira admiravel Acto de Magnanimidade Real, que excede todo o alcance de expressão. Valer-me-hei de termos dos seguintes Escriptores Inglezes, que assaz conhecião o coração humano, e os grandes negocios da Sociedade.

Adam Smith observa, que, não obstante o que se diz da inconstancia dos homens, elles com tudo são, de facto, as *arvores que mais custão a desarraigar.* Se he difficillimo ás pessoas de casas estabelecidas, e ainda aos individuos desejosos de fortuna, que não achão na patria, alterar a sua residencia (muito mais para mudança á terra distante) que indiziveis difficuldades physicas, e moraes se havião de encontrar para expatriação de huma Augusta Familia de Casa Reinante de tantos Principes, havendo de sahir com prompta Resolução, e instantanea execução, do antigo Patrimonio da Monarchia, para tão longo e perigoso transporte Ultramarino? Só hum Heróe de triplicado peito, e de força de animo extraordinario, podia aventurar-se á tal empreza, por contemplações politicas, ainda que justas, e necessarias, mas ainda então não de absoluta evidencia em todos os espiritos, visto que não estava nessa epocha inteiramente desenvolvida a espantosa natureza ferina do Tyranno da Europa. A distancia do theatro da guerra não deixava assaz vêr a horribilidade do caracter desse homem de sangue, que, com a sau *coroa e mão de ferro*, tudo myrrhava, e destruia, onde quer que expedisse as suas esfaimadas cohortes.

O celebrado *Malthus*, que o Ministro Inglez *Lord Perceval* appellidava o *Newton da Sciencia Economica*, no seu *Ensaio sobre o Principio da População*, diz: " Toda a pessoa sente afferro a seu paiz natal: não ha mal que não soffra, primeiro que consinta arrancar os laços com que a natureza o atou com multiplicados nós á roda do peito. Na verdade, o grande Plano da Providencia parece ás vezes requerer que esses laços se quebrem; mas nem por isso deixão de causar dôr aguda; e posto assim se promova o bem geral, com tudo não deixa de ser hum mal nos individuos que o soffrem. O mar que tem a passar, lhes traz a idéa da separação da morte; e se resolvem a padecer antes quaesquer males no seu paiz, do que se aventurarem á passagem para outros que não conhecem *. ,,

A grandeza da Expedição he realçada pelos seus immediatos effeitos, que desatinárão o Inimigo para accelerar a sua quéda. Se elle que tinha feito entrar, como dado infallivel, no calculo de seus *infames projectos* a sorpreza da Pessoa de S. A. R., não perdesse o alvo, he indizivel até onde irião as calamidades da Nação. O Dia daquella expedição se póde considerar

---

* Make them bear the ilis they suffer;
Than fly to others which they Know not of.
Lib. III. Cap. IV.

como o dia da perpetua *Victoria da Justiça* contra o transitorio *Triumpho do Crime.*

Seja licito dizer, que a *Esperança do Orbe* se transportou em a Náo *Principe Real.* Foi vizivel o Favor da Divina Vontade * na salvação de S. A. R., e da Real Familia. Depois de nebulosos dias de tempestades, e chuvas, que embargárão o passo aos invasores, raiando a Aurora da Independencia Nacional, a Magestosa Face do Senhor D. JOÃO Principe do Brazil, surgindo no Téjo, como a *Estrella d'Alva*, dissipou nevoas, e fez socegar e luzir o Oceano, para o milagre da sahida de Lisboa com a sua Esquadra, dando comboi á huma das maiores Frotas que dallí se partírão para a Sua *Grande Terra* d'America Meridional **. Valer-me-hei, para a descripção da scena, da sublime phrase do Poeta Lyrico de Augusto: outra não sei, nem o podia igualar

---

* *Pater providentia gubernat, dedisti in mare viam, et inter fluctus semitam firmissimam. Spes orbis terrarum ad ratem confugiens: transeuntes mare, per ratem liberati sunt. Benedictum est signum per quod fit justitia.*

Salam. Sap. Cap. XIV.

** Grande terra que contina

Corre de Callisto á seu contrario Pólo,
Que soberba fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Appollo.

Cam. Lus.

Simul Alba nautis
Stella refulsit,
Defluit saxis agitatus humor,
Concidunt venti, fugiant que nubes,
Et minax (sic Dii voluere) ponto
Unda recumbit.

A Cidade de S. Salvador, Bahia de todos os Santos, primeira Capital do Brazil, foi tambem a primeira que teve a felicidade de beijar a Augusta Mão do Pai da Patria, e da Real Familia; e igualmente a Honra da Immortal Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808, que, declarando (ainda que provisoriamente) abertos os Portos deste vasto Estado ao Commercio de todas as Nações, que estivessem em paz, e harmonia com a Coroa, accrescentou immovel Columna fundamental ao Imperio Lusitano, adoptando-se desde então huma Policia mais liberal, nunca vista nas Monarchias, que tem Colonias Ultramarinas. Não se póde ora dizer, que só foi *filha da necessidade*; visto que se acha faustamente confirmada pelo definitivo Decreto de 18 de Junho do corrente anno de 1814. Mas no Conselho de Estado era reservada á Cidade do Rio de Janeiro * a fortuna do estabelecimento da Corte.

* O Escritor Inglez Mr. *Barrow* (cujo juizo he de feliz agoiro para os futuros destinos da Monarchia) tocando

Os olhos e corações da antiga Metropole acompanhárão com lagrimas e saudades a Esquadra, que veio completar o projecto, já em difficeis conjuncturas lembrado por insignes Homens de Estado da Nação, mas que até na Gram Bretanha parecia pouco antes desesperado, e chimerico.

---

aqui por escala, na sua viagem philosophica a Cochinchina em 1792, publicada em 1806, assim se explica: " O primeiro notavel objecto que attrahe a attenção depois de passar o *Cabo Frio*. he a perspectiva de huma verde Cordilheira, que cerca a costa maritima com huma enseada, ou bacia, que, vista de distancia, parece estreitar-se em huma cancella entre dois portaes de pedra sólida, os quaes, sendo inteiramente nús, são por isso mais conspicuos, porque em todas as outras visinhas mais prominentes partes da Serrania (chamada *Serra dos Orgãos*) estão revestidas de luxuriante vegetação. Avisinhando-se á terra, avista-se a entrada do grande porto do Rio de Janeiro, onde, da parte esquerda occidental, se descobre hum penedo sólido em figura conica, que, em linguagem nautica, se diz *Pão de Assucar*, não absolutamente perpendicular, mas algum tanto inclinado á barra. Esta massa dura he composta de brilhante granito, e se eleva a 680 pés sobre a superficie do mar. Surgindo no Canal, appresenta-se aos olhos enlevados huma das mais magnificas scenas da natureza. Imagine-se hum immenso lençol d'agoas correndo ao coração deste bello paiz, cercado por huma cadêa de altas montanhas, sempre magestosas, sendo os seus cumes tintos de azul e encarnado, ou sepultados nas nuvens:

Deixo á mãos habeis a descripção dos trabalhos e perigos de tão extraordinaria Expedição ao Occidente,

---

phantasie-se aquelle lençol d'agoas entre doze a quatorze milhas, matizado de innumeraveis pequenas Ilhas, desparzidas sobre a superficie maritima em toda a diversidade de fórmas, e assoalhando variedade de côres, e exuberante verdura, que jámais cessa: concebão-se as praias destas Ilhas matizadas com cheirosos, e lindos arbustos, não plantados pelo homem, mas diffundidos pela facil e liberal mão da natureza; figure-se o dito lençol d'agoas, com as suas Ilhas, fechado de toda a parte por montes de mediana altura, levantando-se em gradual progresso huns acima de outros, e todos profusamente ornados de vivo verde, e coroados com gruppos das mais nobres arvores, com suas praias chanfradas com muitos portinhos, lançando os seus braços em deliciosos valles, com murmurantes ribeiros, que vão desaguar naquelle vasto commum reservatorio; represente-se, em summa, huma serie de oiteiros ao longo das praias deste magnifico lago (que não he menos de cem milhas em circuito), e se terá mui imperfeita idéa do soberbo theatro do vasto porto do Rio de Janeiro; o qual, tanto pela segurança e commodidade dos Navios, como pela sua situação, e fertilidade do paiz adjacente, se póde justamente contar na ordem dos primeiros para Estação Naval. O seu terreno e clima he admiravelmente proprio á producção de quasi toda a sorte de vegetaes. Se a Corte de Portugal se transplantasse ao Brasil, bem depressa hum poderoso e brilhante Imperio se poderia erigir no Sul d'America, para contrapesar o recrescente poder dos Estados Unidos no Norte.

feita pelo Novo Principe Lusitano, que parece ter sido destinado pela Providencia a executar devidamente o grande Plano, não menos politico, que philanthropico, do Senhor Infante D. Henrique, de abrir ao mundo hum commercio sem limites. Os acontecimentos são notorios, e alheios do objecto immediato deste escrito: apenas tenho indicado quanto baste ao fim proposto. Elles justificão a observação de hum dos Donatarios do Brasil (o qual tambem fez para Maranhão a primeira expedição de Commercio) o nosso Celebrado Historiador das descobertas dos Portuguezes. " He cousa ,, mui racional, que os grandes edificios, para serem ,, perpetuos e firmes, sejão fundados sobre profundos ,, alicerces de trabalho. Permittio Deos que este des- ,, cobrimento, pela magestade delle, passasse pela *Lei* ,, *que tem as grandes cousas*; as quaes, quando se ,, querem mostrar a nós, tem principios trabalhosos, ,, e casos não pensados, e de muito perigo *. ,,

,, Eis como se explica sobre este successo hum ,, Author Allemão anonymo em hum Opusculo dado ,, á luz em Londres em 1813, combatendo o *Systema* ,, *Continental*, pag. 42.

,, A occupação de Portugal, reino tributario á ,, França depois de sua paz com ella feita (no Decre- ,, to de 27 de Novembro de 1807 se declarão os gran- ,, des sacrificios do Erario), tinha por pretexto a ad-

* *Barros.* Decad. Liv. 6. Cap. 1. in fin. e Liv. I. Cap. 2.

,, missão dos Navios Inglezes nos seus portos. Entre-
,, tanto que o Governo Francez procurava dar segu-
,, ranças ao Principe Regente , e lhe fazer crer que
,, as tropas entradas no seu reino , não devião guardar
,, senão as Costas , e que elle seria sempre respeitado
,, como Soberano de Portugal , com tanto que commet-
,, tesse hostilidades contra Inglaterra , o Governo Bri-
,, tannico esclareceo a Corte de Lisboa sobre os seus
,, verdadeiros interesses ; e a empenhou a se embarcar
,, para o Brasil. Bonaparte depois declarou , segundo a
,, sua *phrase consagrada* , que a *Casa de Bragança ti-*
,, *nha cessado de reinar.* Ella teria na verdade cessado
,, de reinar , se tivesse alli ficado : ella seria condemna-
,, da a trazer de rastos huma existencia captiva á des-
,, cripção do usurpador. A sua honorifica retirada pa-
,, ra outro hemispherio provou , que os partidos ex-
,, tremos são os mais prudentes a tomar com tal ini-
,, migo. O dia em que o Principe do Brasil se fez á
,, véla de Lisboa , foi a éra de hum novo esplendor
,, para a Monarchia , antigamente gloriosa , e conquis-
,, tadora. O Brasil foi vivificado pela residencia da Cor-
,, te , pelas riquezas , e pelos novos habitantes , que
,, para ahi concorrêrão ; e Portugal foi reconquistado
,, para seu legitimo Soberano com o auxilio daquelles
,, mesmos Inglezes que se accusavão de abandonarem a seus
,, Alliados ; e as tropas Portuguezas aguerridas , e ani-
,, madas de hum enthusiasmo novo , ajudão a libertar
,, a Hespanha , e *poderão bem cedo apparecer sobre as*
,, *fronteiras da França.* ,,

Os successos forão além deste prognostico: os Portuguezes dirigidos pela Politica da firme Alliança de S. A. R. com S. M. B. penetrárão até ao coração da França; e avançarião igualmente até a *Capital da Injustiça*, se a Victoria dos Confederados do Norte nos muros de París não abatesse o usurpador, e os Soberanos triumphantes não firmassem a *Paz da Europa.*

Agora, como cançado viajante, que, escapando ao assassinio de salteadores, acha hum póuso donde alonga a vista á larga estrada corrida, se póde com serenidade, e sem susto, fazer hum retrospecto aos annos antecedentes, e inquirir as causas, não só de tantos desastres causados pelo usurpador, mas de tantas preoccupações das (segundo diz o dito Allemão) *cabeças petrificadas de prejuizos* em favor da França, e em odio de Inglaterra, que prolongárão os males da Revolução.

Em 3 de Novembro de 1808 o Ministro dos Negocios Estrangeiros da França, dando conta do *estado da Nação*, teve a inepcia de appellidar a Inglaterra o *eterno Inimigo commum do Mundo*, quando aliás esta queria commerciar com todo o Orbe. Todavia disse huma verdade, que a *sua vontade era humilhar a França.* Parabens ao mundo que assim succedeo.

Alli diz: "A Inglaterra, em vesperas da sua ex-,, clusão do Continente, aproveitou-se de circunstan-,, cias para introduzir na Hespanha o seu máo Genio, ,, e excitar neste desgraçado paiz todo o furor das pai-,, xões. Qual será o fruto de seus esforços? Podem el-,, les esperar excluir os Francezes de Hespanha e Por-

„ tugal? Póde o exito ser duvidoso? Que presagio nos
„ offerece o nosso Heroico Exercito, que, aqui lu-
„ tando contra huma força o dobro maior que a sua,
„ foi capaz de levantar tropheos de victoria naquella
„ mesma terra em que havia pelejado com tanta desa-
„ vantagem, e dictar as condições de huma *gloriosa*
„ *retirada*! „

O Invasor levanta tropheos de victoria, quando se ajoelha ao Heroe Britannico em *Roliça* e *Vimeiro*, e supplíca o exterminio de todo o seu Exercito, como preço da aviltante submissão; e chama *dictar as conpições* de huma *gloriosa retirada*, o receber a lei (sim menos dura do que cumpria) do Vencedor, que assentio á *Canvenção de Cintra*, não pelo proprio juizo, mas pelo accordo da maioridade dos Commandantes Inglezes de Superior Patente de terra e mar, que nisso não correspondêrão ás expectações das Nações alliadas! He falso que a força Ingleza fosse em dobro a respeito da Franceza: aquella, no total, não excedia a 17$ homens, e toda não entrou na batalha do *Vimeiro*: a nossa força então nem estava junta, nem organizada.

Bonaparte, vendo que a resistencia dos Hespanhoes era indomavel, quando alguns habitantes de Madrid lhe dirigírão hum vil *Memorial*, em nome do Clero, Nobreza, e Povo, datado de 9 de Dezembro de 1809, evidentemente dictado pela astucia, ou extorquido pela violencia daquelle Archi-machialista, em que lhe supplicavão a sua protecção, deo a seguinte resposta,

que fará Epocha nos annaes da hypocrisia dos usurpadores. Só transcreverei estes termos :

„ Tenho abolido os privilegios que os Grandes usurpárão durante o tempo das guerras civis. Como ha hum só Deos , assim só deve haver hum Poder Judiciario. Expulsarei o Exercito Inglez da Peninsula. Já não ha obstaculo que possa resistir á execução de minhas resoluções. Mas o que fica além do meu poder , he consolidar os Hespanhoes como huma Nação debaixo do Governo de hum Rei , se elles continuarem infatuados pelos principios de aversão , e odio da França , que os partidistas dos Inglezes , os inimigos do Continente , tem introduzido no seio da Hespanha. Os *Bourbons não podem mais reinar na Europa.* As divisões na Familia Real forão machinadas por Inglaterra. A intenção desta he estabelecer na Hespanha a sua predominante influencia ; projecto insensato , cujo resultado seria a perpetuidade da guerra Continental ; o que causaria a effusão de torrentes de sangue. Não póde existir Potencia alguma que esteja debaixo da influencia de Inglaterra. Não duvido abdicar os meus direitos de Conquista a favor d'ElRei , e estabelecello em Madrid , logo que trinta mil Cidadãos que esta Capital contém com o Clero , Nobreza , Negociantes , e Letrados , declararem os seus sentimentos , e a sua fidelidade , dando exemplo ás provincias , e ao *povo illuminado* , e fazendo conhecer á Nação , que a sua existencia e prosperidade dependem essencialmente de hum Rei , e de huma *Constituição livre* , favoravel ao povo , e

hostil sómente ao egoismo, e ás paixões altivas dos Grandes. Se taes são os sentimentos da Cidade de Madrid, ajuntem-se os 30$ habitantes nas Igrejas, e na presença do Santissimo Sacramento prestem hum juramento, não sómente com a boca, e sem nenhum equivoco Jesuitico, promettão apoio, affeição, e fidelidade ao seu Rei. Os Padres no Confessionario, e no pulpito; a classe mercantil na sua correspondencia; os Letrados nos seus escritos e fallas, infundão estes sentimentos no povo; então renderei o meu direito de Conquista, porei o Rei sobre o throno, e me comprazerei de conduzir-me como verdadeiro amigo dos Hespanhoes. Vossos netos me abençoarão como vosso Regenerador. „

O Ministro da Guerra o Conde de *Hunebourg*, em 15 de Setembro de 1809, dando conta da Campanha, passa em silencio todas as operações do Heroe Britannico; e só, com a empôlla da Diplomacia Gasconica, ostenta as proezas de seu Amo, e os seus recursos e tropheos em outras partes da Europa. Todavia alli transluz a sua admiração da existente Força e constante Politica de Inglaterra, e não menos a sua ancia e angustia pela perseverança do Governo Inglez na guerra, presagiando-lhe final infortunio; que aliás só contra elle se converteo. He agora aprazivel combinar os seguintes phantasticos prognosticos com os reaes resultados.

“ Inglaterra tomou parte na guerra Continental, appresentando-se no mesmo instante com *tres exercitos* differentes, nas costas de Napoles, nas de Hollanda, e

em Portugal. Considerando-se a situação dos exercitos e S. M., e o resultado das Expedições Inglezas, poder-se-ha vêr, sem huma especie de satisfação, o fazer a Inglaterra, á exemplo da Austria, esforços além da proporção de seus meios, e das necessidades da sua marinha! Que póde ella esperar desta lutta em terra, e corpo a corpo com a França, que não se volte em sua desavantagem, e vergonha? *A facilidade que tem os Inglezes de se passarem de hum lugar a outro por mar*, póde fazer calcular, que tudo quanto escapar ao desastre da Expedição ao Escalda, irá a reforçar o seu exercito em Portugal. Empenhada nos Combates da Hespanha e Portugal, de que o seu dever e interesse prohibem affastar-se, ella verá que estes paizes serão os sepulchros dos seus mais valentes guerreiros. A dôr da sua perda fará emfim nascer no espirito do povo Inglêz hum justo horror aos homens crueis, cuja ambição e odio delirante os fazem atrever a pronunciar a palavra de *guerra eterna*. Essa dôr trará á este povo o desejo da paz; e todo o homem de bom senso a póde predizer como mui proxima, se os Inglezes se obstinão a empenhar-se em huma lutta no Continente. A Europa vio realisar-se o que a penetração de V. M. tinha percebido, quando me escrevia. — Nós somos felizes em ver que os Inglezes se engolfão nos pantanos da Zelandia: o máo ar, e as febres particulares deste paiz, bem depressa destruirão o seu exercito. „ —

Todavia, fazendo o dito Ministro alarde das im-

mensas forças do Usurpador, pede novas levas; e no Conselho de Estado o Orador deste Corpo o Conde de *Lessac*, e o Conde *Lacepede*, requintando em vil lisonja no Senado (que até já enfastiava ao novo Tiberio * pelas baixas adulações), chamando o *primeiro Capitão do Mundo*, *e o maior homem do seu seculo*, com outros epithetos hyperbolicos e desmerecidos, requerem hum Senatus Consulto para levarem ao degolladouro pela sua tactica de carnificina a muitos milhares de conscriptos. Eis a amostra da eloquencia dos Novos Estadistas.

,, O caracter do nosso Imperador he a previdencia. A espada da guerra alcança os filhos de Albion, dissipa as suas illusões, mostra o abysmo em que o seu governo os submergio; e por hum constraste bem frizante entre a França do nono anno do Seculo XIX., e a França do nono anno do Seculo XVIII., a aguia de Napoleão vôa victoriosa sobre a Europa, desde as margens do Vistula até além do Téjo.

,, O nosso Imperador calculando sobre huma paz proxima e longa, mas enganado em suas justas esperanças, devia recorrer ao *thesouro de homens*, deixado sem reserva. Que Força! Que Imperio! E que effeitos não se devem esperar desta força temivel, quando se vê posta em movimento pelo genio mais vasto; por

---

* *Tam projectae patientiae servitutis taedebeat.*
Tacit.

aquelle, que com hum olho penetrante descobre neste de immenso todo, que elle mesmo tem creado, dirigido, e mantido maravilhosamente em acção, os mais pequenos destes innumeraveis recursos que devem concorrer para o todo; a quem nenhuma circunstancia escapa, nem no passado, nem no presente, nem no futuro; e que, segundo convém aos seus designios impenetraveis, escolhe os tempos, os homens, e lugares; tão espantoso quando espera com huma paciencia imperturbavel o instante que elle tem designado, como quando, com a rapidez do relampago, executa tudo quanto tem concebido. Renunciem os nossos inimigos á seus projectos insensatos ao *aspecto de tanto Poder*. Eis o que tem feito o genio do Imperador; eis o que a sua alta providencia inspira! ,,

Para desanimar os póvos na sua carreira heroica de sacudir o jugo Francez, despertando os seus ciumes mercantís, com a impotencia, e raiva de Eunucho, que tem odio ao que não póde gozar, assim dizia.

,, A Inglaterra vencida nas Confederações, que tantas vezes tem renovado, se aproveita da guerra para augmentar a sua riqueza pelo *monopolio universal do Commercio*. Ellas tem empobrecido os seus Alliados por guerras em que só pelejão pelos interesses de Inglaterra. Abandonando-os no momento em que as suas armas cessão de servir á esses interesses, vem o destino daquelles Alliados a ser-lhe tanto mais indifferente, quanto póde conservar algumas relações commerciaes com os mesmos. ,,

A falsidade destas cavillações se mostrou no feliz termo da guerra, que o Governo, e o Heroe Inglez, tanto accelerou. O Ministro Britannico queria a *Paz da Europa*, e não a *Paz da França*, que só era requerida pelo Tyranno para accumular novos meios de subjugar toda a Terra, como fez depois da *Paz d'Amiens*, senhoreando-se da Italia, e derribando o Imperio Germanico.

Tinha Inglaterra empobrecido as Nações, e todavia a França pôde achar, para mil roubos, tantos thesouros, e todo o genero de riquezas dos Estados que invadio, e ainda das opulentas republicas commerciantes, que abateo, como Genova, Ragusa, Veneza, Hamburgo, e as Cidades Anseaticas? Inglaterra empobrece o nosso Reino, animando-o, com toda a especie de subsidio, a debellar os invasores, e sendo aliás pelo commercio o maior comprador, e o melhor pagador, dos productos de sua terra, e industria? França enriquece a Europa tudo destruindo, e prohibindo produzir, e commutar; enriquece a Portugal invadindo-o, e impondo-lhe quarenta milhões de cruzados de geral contribuição, fóra outras muitas estorções, e sacrilega expilação dos templos, e á vil titulo de resgate da propriedade, como se os Portuguezes fossem ainda peiores que servos da gléba!!!

Por mais que declamem contra o Governo e Commercio Inglez a Satellites do Tyranno, e os avêssos Economistas, o senso commum repelle as suggestões insidiosas. Todo o mundo preferirá sempre o mercado

de quem vender o melhor, mais variado, e de menos preço, que se accomoda ás exigencias e faculdades de pagar de todas as classes. Este he o uso constante do Genero humano, que as declamações do machiavellismo em vão pertendem confutar, sendo sempre repellidas pela voz pratica de todos os paizes em que ha demanda dos productos Britannicos.

A genuina fonte da grandeza Commercial de Inglaterra he (no geral) a sua activa industria; exaltada intelligencia dos methodos economicos; mais constante verdade nos tratos; maior possibilidade de fazer longo credito; superior belleza e barateza de supprimentos de toda a sorte; privativa seriedade, e firmeza de caracter. Tudo isso lhe attrahe immensa, voluntaria, e constante correspondencia e freguezia em todas as regiões do globo. Só fatuidade revolucionaria, céga jelozia mercantil, baixa inveja da prosperidade alheia, ignorancia das verdadeiras causas das riquezas das Nações (por falta de bons principios de Economia politica), podem converter em crime social o que he o mais infallivel criterio de adiantamento civil.

He absurdo pensar que o Governo Inglez ache sua conta na pobreza das Nações com quem commerciar. Que equivalentes darão os pobres? Elle só deseja que todos os paizes dirijão a sua industria para os objectos em que o Eterno Distribuidor dos bens da vida lhes deo alguma superioridade, e, por assim dizer, *natural monopolio*, que as ciosas Nações poderáõ invejar, mas não tolher. Assim em toda a parte se guardaráõ

as devidas proporções, e o equilibrio de interesses. Os rivaes pois devem imitar, mas não desacreditar, a Nação que sobresahe no Theatro da Civilisação com lustre que lhes deslumbra os olhos, e confunde os entendimentos, verificando a censura de Tacito: *Vitium parvis, magnisque civitatibus commune; ignorantiam recti, et invidiam.*

O Estabelecimento do Banco de Londres he o seu forte coração, de viva systole e dyastole politica, para regular o fluxo, e refluxo do Capital pecuniario do Universo, que alli entra, para logo, pelo proprio interesse, sahir a vivificar o Corpo Civil. O seu miraculoso *Credito*, tão longe está de ser o irresistivel iman dos metaes preciosos do Mundo, que, ao contrario, he a Machina Economica de maior prodigio e força expansiva que a da *Bomba de Vapor*; pois o seu infallivel e notorio effeito he dispensar o mais possivel, o uso da moeda metallica na circulação interior, substituindo-lhe papel de giro mercantil ao par, e até acima, de valor do oiro, pela diffusão da confiança (symptoma de commum justiça) e consequentemente poder a actividade commercial desparzir por todo Orbe, como os orvalhos do Ceo, a quantidade de dinheiro preciso a liquidar o Saldo da Grande Conta dos Póvos Commerciantes.

Quanto huma Nação for mais rica, e de espirito commerciante, tanto o seu commercio será de mais vantagem á de inferiores cabedaes, que, em fim de conta, se enriquecem com os fundos alheios, que ne-

cessariamente se lhe acreditaráõ, estabelecida em sólidas bases a confiança reciproca. Todos os póvos lhe serão naturalmente favoraveis, e confederados; porque ninguem quer perder o fructo de seu trabalho; e deseja achar quem o possa bem pagar, e seja habituado a fazer as especulações mercantís as mais arriscadas, com espirito liberal, excitados pela esperança da boa fortuna, que, de ordinario, favorece os activos, e os que se põe mais em contacto com os de superior industria.

He penoso reflectir, que, sobre a desgraça da invasão do Porto em 1809 por *Soult* (fosse traição ou supina incuria) até accrescesse a deshonra, que aviltou a officina typographica dessa Cidade de Antonio Alves Ribeiro, onde se imprimio o infame folheto (sem dúvida de cunho Francez) com o titulo de *Desengano proveitoso, que hum amigo da patria se propõe dar a seus Concidadãos*: em que, entre as pueris repetições das inepcias jacobinicas, tambem se brada, dizendo: *A Inglaterra trabalhou sempre por nos tirar o oiro do Brazil.* Quanta gente ainda hoje se illude com essa rhapsodia, e com outras de igual impericia?

Baste aqui perguntar? Alguem deo jámais o seu dinheiro de graça, ou por troco de equivalentes? E porque espontaneamente o remettemos em immensa quantidade para Asia (1)? Que conta faria tirallo das minas, perden-

---

(1) Ninguem duvida remetter á carradas oiro e prata para Asia, e comprar ahi fazendas de algodão, quando os

do elle de valor progressivamente pela superabundancia, e falta de sahida por operações do Commercio? A immensidade de metaes preciosos que gira em todo o Orbe, não he prova evidente que as leis que tentão fixallos nos paizes mineiros, são absurdas e inexequiveis?

Porque não ha igual queixa contra Hollanda, que antes enthesourava em seu Banco montões do mesmo oiro do Brazil e Mexico, e d'outras partes, circulando ainda no paiz a mais pura e innumeravel moeda desse metal? Porque se dissimula a famosa *Conta dada* pelo Ministro das Finanças da França antes da Revolução, o celebre *Neker*, que á face da Nação, e da Europa, se jactou que alli existia em circulação 88 milhões de libras esterlinas, maior massa de dinheiro metallico que nunca houve em Inglaterra? Se Inglaterra fosse o sorvedouro do nosso oiro, este ahi já hoje não teria o valor do ferro.

O oiro Inglez (dizem) corrompe os Gabinetes. Sem dúvida muito sahe para subsidiar as Potencias nas guerras que Inglaterra tem sustentado para manter o Equilibrio Politico. Eis hum grande meio de esgoto do seu capital pecuniario, e que alli impossibilita a sua concentração *. He notorio que em 1811 em diante

---

Asiaticos não nos comprão huma só sacca deste genero. mas temos ciumes de remetter os metaes preciosos para Inglaterra, que nos comprão por milhares, com os mais effeitos da terra!!

* Conta-se que certo Embaixador Inglez, dando ao Mo-

a prata e oiro chegârão a valor em Inglaterra cincoenta por cento mais, pelas grandes sommas do Governo Inglez despendidas á beneficio da defeza do Continente.

Os que ainda não se desabusárão, lêão a famosa arenga de Bonaparte em 31 de Março de 1811 em resposta ao seu *Conselho do Commercio*, que representava os males da França pela falta de Commercio com Inglaterra. Ahi diz: " Os Decretos de Berlim e Milão são Leis fundamentaes do meu Imperio no que regulão o *Commercio Neutral*. As relações commerciaes com Inglaterra devem cessar. Inglaterra está sobrecarregada de *papel-moeda*. O Continente será fechado ás importações de Inglaterra. *França tem abundancia de dinheiro*. Entrarão *cem milhões de Contribuições* para a guerra. *Tenho duzentos milhões no meu Thesouro particular. Tenho além disto novecentos milhões de tributos pagos em Corôas*, etc., etc.

Agora seja licito perguntar. Donde veio a este novo Pluto tanto dinheiro? França não tem minas de ouro e prata, nem commercio Inglez, e nunca póde realisar a estupida ameaça de invadir a Gram Bretanha. He visto pois tello roubado ás Nações mineiras, e

narcha junto ao qual estava, parte de huma victoria dos Confederados de seu Governo, e que attribuia ao *favor da Providencia*, perguntando-lhe, se Deos tambem era Alliado á seu Soberano, respondeo: sim, Senhor; e *he o unico que não nos pede subsidios*.

commerciantes. Logo Inglaterra não he a caixa e sepultura dos metaes preciosos. E porque Bonaparte, e a França, com tanto cabedal e latrocinio, sempre ficou pobre e miseravel? A razão he obvia, e a mesma porque os Barbarescos, com seus Côrsos, vivem em penuria, immundicia, e tyrannia. O mais sabio dos antigos Reis bem disse: *huns, repartindo o proprio, ficão ricos; e outros, roubando o alheio, sempre estão em indigencia* *.

Bonaparte, reconhecendo o absurdo da sua accusação de *Monopolio universal* aos Inglezes, em que ninguem de senso commum póde acreditar, por mais que se repize, sendo impossivel tello no Commercio exterior sem companhias exclusivas (só havendo na India em poucos artigos privativos da sua Companhia), e menos ainda onde os portos são abertos á todas as Nações, comprando e vendendo com ellas sob a Lei da Concurrencia, e não sendo praticavel abarcamento e colloio de Commerciantes Inglezes em tantos e tão distantes partes do mundo, para venderem e comprarem á lesivo preço, antes acontecendo notoriamente o contrario **; recorreo á outra mais poderosa intriga,

* Alii dividunt propria, et divitiores fiunt; alii rapiunt non sua, et semper in egestate sunt.

Proverb. Salom.

** A grande queixa que se ouve fazer contra Inglezes he, que elles vendem os seus effeitos o mais barato

e com razão apparentemente mais plausivel, de fazer odiosa a Preponderancia da Marinha de Inglaterra, exercida contra os Neutros, que commerciavão com a França, e paizes da sua dominação. Prescindindo dos venaes escritos dos seus aduladores, para se manifestar a injustiça da argucia, bastaria citar as proprias Ordenanças de Marinha de França de 1688 no Liv. 3. Tit. 19. Art. VII.

" Todos os Navios que se acharem carregados de ,, effeitos pertencentes aos nossos inimigos, e as mer- ,, cadorias dos nossos vassallos e alliados que se acha- ,, rem em hum Navio inimigo, serão igualmente de ,, de boa preza. ,,

Valin, o Commentador Francez destas Ordenanças, sustenta a justiça da decisão, e diz que tambem Hespanha a seguia. Na verdade essa tambem era a regra da antiga lei maritima intitulada o *Consulado do Mar*, havida, desde o Seculo XII., por *Direito publico da Europa*. A França, e Hespanha, quando tinhão grande Marinha, a fizerão valer em seu favor. Porque só Inglaterra não teria direito de dizer, que França usasse contra si do direito que estabeleceo contra os outros? Não he esse o bom *Canon* do Di-

---

possivel, e comprão os generos da terra o mais caro possivel. Que perda e desgraça para a Nação que he supprida a mais commodo preço, e reputa pelo mais alto valor os proprios productos!!

reito Natural e Civil, que todos os Juriconsultos justificão * ?

Nos principaes Congressos da paz geral que tem havido, jámais se assentou o ponto por unanime accordo das Potencias. Os Soberanos se tem contentado a esse respeito com estipulações a seu favor; e o principio que a *Bandeira cobre a carga*, ainda se não póde considerar como *Direito das Gentes Universal*; e só como *Direito das Gentes Convencional*, privativo de certos Estados por Tratados especiaes. Já tivemos esse Direito dado em antigo Tratado com Inglaterra, que ora se renunciou em o novo Tratado de Alliança, não obstante a intima Amizade Politica e Mercantil das Corôas Portugueza e Ingleza, visto que as circunstancias da preponderancia terrestre da França exigião esse sacrificio, para ser contrabalançada pela ponderancia maritima da Gram Bretanha, que só assim podia obstar ao Plano da Monarchia Universal do tyranno Corso.

A contraria doutrina dos Publicistas era racionavel no antigo estado do equilibrio das Potencias; mas era absurda na opposta situação politica da Europa, em que a França, com a sua baioneta, e arte revolucionaria, poderia hir por terra até os confins d'Asia, e ameaçava a todas as Potencias, na sua veloz, áltiva, e feliz carreira militar, tendo, sem mascara, procla-

---

* Quod quisque juris in alium statuerit, ut ipse eodem jure utatur.

clamado París a *Capital do Mundo*, destruindo a *Neutralidade* ainda de minimos Estados do Continente. Como porém o tigre * não podia traspassar ao Atlantico, e agarrar tambem os Anglos-Americanos, para confundillos no seu vertice, moveo pedra sobre pedra para calumniar o Governo Inglez, contra elle indispondo os Governos e Povos, forçando os Estados Unidos d'America a fazer *Actos de hostilidade*, e final rompimento de guerra, com o pretexto dos bloqueios das Costas, e das buscas, e prezas em mar alto dos navios neutros que encobrião propriedade inimiga, ou se dirigião á seus portos.

O novo Barbarôxa sem Marinha do Estado, não podendo dar protecção á sua Marinha mercante, tinha evidente interesse em alliciar os Anglo-Americanos, e mais Estados que possuião algum resto de navegação, para trazerem á França o que esta precisasse. Assim a Marinha Ingleza só boiaria no mar como as aves do Oceano, fazendo inutil dispendio, e alarde de suas forças, sem poder alcançar preza em propriedade dos inimigos, nem ter victorias destruindo-lhes as Esquadras. O Governo Inglez seria demente, se consentisse nessa evasiva, e complicidade dos neutros, que lhe farião hostilidades disfarçadas sem perigo, tendo exorbitantes ganhos estes verdadeiros alliados dos inimigos do Genero Humano. Elle bem conhecia as simuladas commissões

* *Voltaire* descreveo os seus Francezes *moitiè singe*, *moitiè*

neutralizantes, e o quanto o commercio maritimo influe na força e renda dos Estados, para consentir com paciencia nas manhas de Caballistas.

Os principios metaphysicos dos *Azuni*, e de outros Escriptores, que figurão o mar como *bem commum*, e estrada geral, erão semelhantes aos principios, igualmente methaphysicos, da *igualdade e liberdade franceza*, que derão cabo de legitima franqueza civil, e real independencia dos Governos regulares da Europa; e tinhão além disto o ridiculo poetico da *ficção de Direito*, inventada por Academicos ultramontanos, e Doutores do *Palais Royal*, que todo o navio se deve considerar huma *Colonia fluctuante*. Só a França, e a sua Confederação do Norte d'America, o crêrão, pela honra que lhes dá o Mathematico e Methapysico *Condorcet* (victima digna da Revolução) de serem as *unicas Nações illuminadas* * !!!

Na carta do Ministro dos Negocios Estrangeiros de Bonaparte ao General *Armstrong*, Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos de 22 de Agosto de 1809, assim legisla.

" A França admitte o principio que a *Bandeira cobre a carga*. Hum navio mercante, navegando com os despachos do seu Governo, he huma *Colonia fluctuan-*

---

tigre. A revolução fez desenvolver a larva, e apparecer no caracter desta féra.

* Esquisse du Tableau d'Esprit humain.

te. Violar este navio por visitas, buscas, ou outros actos arbitrarios, he violar o territorio de huma Colonia, he attentar contra a independencia do seu Governo. Os mares não pertencem á nação alguma, elles são communs aos povos, e de dominio de todos. O Governo Inglez conhece a injustiça do seu Codigo maritimo. Mas que lhe importa o que he justo? Elle só considera o que he util? „

„ O direito (ou antes a pertenção) de bloquear por huma Proclamação os Rios e Costas, he tão revolucionario, como absurdo. Nenhum direito se póde derivar de simples vontade ou capricho de huma das Partes interessadas; elle só deve derivar da natureza mesma das cousas. Huma Praça não he verdadeiramente bloqueada, senão quando está cercada por mar, e por terra. Bloquêa-se para a embaraçar que não receba soccorros, que poderião retardar a sua entrega: só então he que ha direito de impedir a introducção de navios neutros, etc. „ As Potencias Continentaes ligadas contra Inglaterra farão causa commum: ellas olhão ao mesmo fim; devem recolher as mesmas vantagens, como tambem devem correr a mesma sorte. Nenhuns portos gozarāō de algumas vantagens de que são privados os da França. Huns e outros serão ao mesmo tempo abertos ou fechados ao commercio de tudo. „

Eis como falla em direito quem mostrou em todos os seus factos não haver outro direito senão o da força! O tyranno em phrenesi deu em si proprio, e se fechou hermeticamente, como o Gram Monomotapa,

quebrando a lei cosmologica do proprio Regedor da Sociedade, prohibindo, quanto em si esteve, a total correspondencia de hum e outro hemispherio; chegando ao excesso de forçar a mesma França a produzir o que foi dom da Providencia á outros climas, perdendo tempo, capital, e trabalho, em estultas tentativas, em que *guerreou contra a natureza das cousas*, como diz o Pai da orthodoxa philosophia *Socrates*.

Inglaterra tinha o direito da *defeza natural*, de si, e da civilisação. Se a França podesse ser soccorrida em seu commercio, e consequentemente promover os seus reditos particulares e publicos, pelos Neutros, que não póde subjugar, teria toda a segurança e vantagem, e Inglaterra toda a perda, e até risco de sua existencia: se esta fosse conquistada, quem resistiria á França? Se o bloqueio de Costas e Rios he nullo e inepto, não tem França razão de se queixar; pois as forças de Inglaterra não realisaráõ jámais o que a natureza das cousas impossibilita. Mas a experiencia faz ver o que póde a sciencia nautica, que reproduz, em breve tempo, os navios em varios portos de extensa linha maritima. Ella mostrou o quanto foi effectivo o systema dos novos bloqueios, descorçoando os neutros, e inanindo os recursos da França. Isto basta para o justificar, no estado de tão atroz e injusta guerra, em que só França foi a aggressora com os seus principios, e despotismos.

A refutação das jactancias e imposturas de Bonaparte bem se manifestão na Obra publicada em 1813

por hum anonymo Allemão acima citado, que se suppõe ser *Wilhelm Schleger.*

" O segredo do despotismo consiste em obrar de modo, que toda a pessoa não veja a cousa publica, e ninguem pense senão no interesse particular. Este he o systema pelo qual Bonaparte tende a Monarchia Universal. A mesma politica com que em 1797 fazia e desfazia na Italia Republicas ephemeras, he por elle exercida em mais vasta escala, e com fórmas despoticas. As Nações regidas debaixo da influencia franceza, podem conhecer o que ellas valem aos olhos do Senhor dos seus Senhores, meditando sobre as palavras daquelle Despota, quando deo á seu Sobrinho o Ducado de *Berg* : = Lembrai-vos sempre, que os vossos primeiros deveres são para comigo, depois para só a França, e depois para o povo confiado ao vosso governo. =

,, Felizmente cégo por seu orgulho, commetteu hum grande erro, rompendo a paz da Russia, que lhe era táo util. Só a mais profunda hypocrisia podia captivar ao actual Imperador Alexandre, que aliás era hum Soberano táo humano, e magnanimo, e á quem a Allemanha desde 1803 olhou como seu futuro Libertador. Bonaparte tinha antes chegado a persuadillo, que a teima dos Inglezes em manter a sua preponderancia maritima, era a causa unica de todos os males do mundo civilisado.

,, Ha muitos annos declamadores salariados de Bonaparte tinhão annunciado, como resultado proximo das

suas medidas prohibitivas contra Inglaterra, e estagnação de seu Commercio, a ruina das suas manufacturas, a miseria do povo, a bancarrota nacional, e a insurreição e ruina do Estado. Nada disto se verificou, Ainda que Bonaparte julgasse ter guardado as Costas por huma nuvem de esbirros das Alfandegas, com tudo descubrio muita quantidade de mercadorias Inglezas de clandestina entrada no Continente, e até na França, que elle confiscava e queimava. Em quanto celebrava por huma pompa ridicula estes *autos de fé commerciaes*, elle mesmo, vendo a inactividade e falta de renda das suas Alfandegas, se apoderou do contrabando, como de *Monopolio Imperial*, dando licença aos Navios Inglezes para importação de mercadorias de Inglaterra.

,, Póde-se objectar, que, se a politica da França he oppressiva, a de Inglaterra não he menos; e que o seu despotismo maritimo he tão contrario aos interesses das outras Nações, como o espirito de conquistas que anima o Governo Francez.

,, As asserções mais destituidas de fundamento, sem cessar repetidas com segurança, e inculcadas com emphase, sempre fazem impressão nos espiritos, que não reflectem, e cuja inercia se repousa em *idéas vagas*. Vamos pois examinar o que significa este grito vulgar de *liberdade dos mares*. Se he possivel tyrannisar o Oceano, não he a Inglaterra, mas a França, que o tenta fazer, quanto lhe permitte a sua impotencia maritima.

,, *A historia fará valer o mérito da perseverança heroica de Inglaterra* contra a tyrannia da França, pondo-a em contraste com a submissão dos dois terços da Europa. Se hoje possue as maiores forças Navaes sem exemplo, e se isso he hum mal, vem a ser o effeito dos males que por estes 20 annos a França attrahio á Europa. Nenhuma pessoa tem jámais acusado os Inglezes de interromperem ou vexarem *em tempo de paz* a navegação de Estado algum. Ninguem os increpa de não observarem para com os seus inimigos as *leis da guerra*, sanccionadas entre as Nações civilisadas: versa pois só a questão a respeito do seu procedimento com os neutros.

,, A guerra maritima se faz principalmente pelos interesses do Commercio: ella seria absolutamente illusoria, senão fosse permittido atacar por todos os meios a navegação commercial do inimigo. Isso authoriza-o aprezar todas as propriedades particulares dos vassallos inimigos expostas ao mar, e ainda destruillas; o que aliás na guerra terrestre he reprovado como barbaridade.

,, De duas Potencias belligerantes, a mais fraca sobre o mar, he naturalmente mais interessada a favorecer os neutros, que então vem a ser seus Commissarios para o transporte das mercadorias, que ella não póde fazer, tendo os proprios navios bloqueados, ou expostos á certa preza, não lhes podendo dar protecção por combois; e bem que perca os proveitos do frete, sempre ganha os grandes interesses do Com-

mercio. O melhor negocio dos neutros seria transportar a propriedade do belligerante mais fraco, se o mais forte lhes não puzesse restricções adequadas. Este pois não será tão desaizado, que tenha só as despezas e os riscos da guerra, sem aliás poder fazer prezas nas propriedades dos inimigos, cubertas com bandeiras insidiosas. He-lhe pois melhor ter com os neutros *guerra aberta*, do que huma *guerra disfarçada*; e tambem aos neutros faz mais conta continuar no seu trafico, expostos á preza contingente, do que á hostilidade certa.

,, Na guerra d'America as Potencias que fazião a *neutralidade armada*, proclamárão o principio: = *Bandeira cobre a carga.* =

,, Inglaterra não reconhecerá jámais este principio: aliás os neutros poderáõ transportar contrabandos de guerra, e até soldados, ás Costas do inimigo.

,, *O bloqueio de Costa* não differe do *bloqueio de Porto*. Se o belligerante tem meios de o fazer, tem o direito de o executar. Se he difficil bloquear huma Costa, os navios neutros entraráõ e sahiráõ á seu risco.

,, Inglaterra, com a maior Marinha nunca vista, só declara bloqueados portos e costas. Bonaparte, sem huma Esquadra, declarou bloqueados todas as Possessões Britannicas, e *desnacionalisadas*, e de boa preza, todas as embarcações, á que os navios Inglezes dessem busca no mar. Assim *castigou os neutros pela sua fraqueza*; fazendo-lhes esta horrivel injustiça, porque não

tinhão forças para susterem a sua independencia, e quando aliás ninguem he obrigado a impossiveis.

,, Se Inglaterra algumas vezes trata duramente os neutros, Bonaparte não soffre que existão alguns, e destroe, quanto em si está, até a sombra dos direitos da neutralidade. Se he tão violento tendo as suas Esquadras fechadas nos portos, que seria se fosse poderoso no mar?

,, O ministerio Francez não cessa de proclamar a *liberdade dos mares*, como o fim sublime do *Systema Continental*: com tudo, em todas as negociações com Inglaterra não tem feito (se quer por cumprimento) alguma estipulação para o futuro em favor dos neutros.

,, Tem-se inundado a Europa com declamações e calumnias contra o Governo Britannico, e, desfigurando-se os factos, se repete por todas as partes o écho do *Cathecismo Francez*: = *os Inglezes são os tyrannos dos mares, e os eternos inimigos do Continente.* =

,, Qualificão-se os Inglezes como *Nação Commerciante*. Isto he verdade em parte, considerando-se o Commercio como huma das principaes bases da sua riqueza, e da sua potencia; mas he falso, e de toda a falsidade, se se pertende sustentar, que o Commercio seja a sua occupação exclusiva, o seu unico recurso, e que outros materiaes não entrem na admiravel estructura de sua Prosperidade Nacional.

,, O trafico dos Commerciantes, exercido em esphera limitada, e com hum desejo de ganho desproporcionado aos meios, produz o *espirito mercantil*,

justamente condemnado como egoista, e contrario a hum modo de pensar nobre e desinteressado. Porém, quando o Commercio he feito por huma Nação grande e esclarecida, cujas instituições sociaes são a *Obra prima* da razão e experiencia, que cultiva as artes e sciencias; e cuja agricultura se aperfeiçôa á proporção que as suas especulações commerciaes se extendem; então o commercio necessariamente conduz á idéas liberaes, e se faz Cosmopolita. Para elle ser florente, não só tem necessidade de paz e liberdade, mas o povo que o faz com mais extensão, interessa que os outros povos gozem tambem destes bens. A guerra tira braços ao trabalho, e, de ordinario, empobrece os Estados belligerantes, ao menos a hum dos dois. Onde prevalece o commercio, ha menos actos arbitrarios, e as leis guardão melhor a propriedade, cuja garantia produz o credito particular e publico. Póde-se crêr que huma Nação Commerciante se compraza da oppressão e ruina daquellas com quem faz o Commercio? Ella não acharia mais mercados; porque hum paiz pobre não tem nada que vender, nem comprar. Pequenos traficantes podem ser ciosos huns dos outros, e porfião em apoderar-se de monopolios, abarcar mercadorias, e empregar todos os meios para extorquir ganhos: a politica de alguns Estados tem adoptado os dos meios desta gente. Mas taes artificios em fim de conta, não podem ser uteis. Tanto nas relações dos individuos, como dos Estados, nada he duravel senão o que he voluntario, e fundado em mutuas vantagens.

,, Quando huma Nação se tem adiantado na maior parte dos ramos da industria, a sua navegação he tão segura como atrevida sobre o Globo, as mais preciosas producções de todos os climas confluem á seus portos, e igualmente as *materias primeiras* as mais communs; se possue a arte de centuplicar o seu valor, fabri-bricando-as com huma solidez e elegancia completa, e pela perfeição das suas machinas (que poupão a mão d'obra) póde vendellas ao mais commodo preço; então todos os progressos da civilisação, sejão em extensão, sejão em intensidade, vem a augmentar os seus capitaes; e consequentemente poderá vender e comprar mais producções da natureza e arte. Então o gosto dos commodos da vida, e do luxo, com todos os ornatos exteriores da existencia, podem-se espalhar por todas as classes, e se multiplicar e variar ao infinito; nem se poderia assignar termo aos melhoramentos. Huma Nação que sabe satisfazer o gosto por todos os meios, e á hum grão mais eminente, não póde deixar de ganhar no augmento da população, e riqueza das outras.

,, A experiencia de certos annos parece provar, que, em rigor, a Inglaterra póde passar sem a Europa, ainda que com incommodos e privações; pois as outras tres partes do mundo estão abertas ás suas especulações. As relações Europeas são importantes á Inglaterra, sómente em quanto a Europa era o *fóco das luzes*, e da *perfectibilidade intellectual*, e concentrava huma população mais activa, e mais poderosa, pelo *ascendente do pensamento*: não o serião, se esta cahisse

em huma uniformidade machinal, e na miseria, e barbaridade a mais insolente e illiberal, á que tyrannia Franceza a arrojasse. Continuando este estado, a Inglaterra, ficando á nado no mar, como a Archa no meio do diluvio, acharia amplas compensações, dirigindo o seu Commercio para as mais partes da terra, onde a natureza pródiga não espera senão a mão ordenadora do homem sabio.

,, Inglaterra, longe de ter interesse em perpetuar as dissensões do Continente, só póde achar a sua conta em huma paz garantida pela estabilidade dos Governos, e independencia de cada Estado. Renunciando á Conquistas na Europa, havendo-se-lhe aliás apresentado occasiões as mais seductoras, tem sido sempre fiel á seus Alliados, que não abandonárão a si proprios. Sem duvida combate pela sua propria salvação; mas *convenhamos em candura, que ella tambem combate com nobre devoção pela Causa Europea.*

,, Os defensores officiaes da geral excommunhão contra o Commercio Inglez, sustentão que esse expediente se converterá em vantagem do Commercio interior, e da industria agricola e manufactureira do Continente; elles se fundão em que a mesma Inglaterra tem muitas Leis prohibitivas da importação estrangeira. Mas o transporte por terra á grandes distancias he tão custoso, que absolutamente impossibilita o consummo de muitas especies de producções; e os canaes com que se destina supprir a navegação exterior, não tem sido até agora senão *projectos magnificos.*

,, Não podem haver grandes Fabricas sem grandes capitaes. Em Nação de poucos fundos, ou esses destruidos, às manufacturas do paiz, livres da concurrencia estrangeira, só dão mercadorias más e caras: ora huma carestia artificial, e desproporcionada aos meios de adquirir, se extenderá a todos os effeitos da circulação: o povo não podendo obter os gosos a que estava habituado, se resignará á privações; logo a falta de consumo diminuirá a receita dos impostos indirectos, e forçará o Governo a augmentar a tarifa, ou, se he possivel, augmentará novos impostos: a miseria e despovoação subirá á huma progressão pavorosa. Com esse regime se tem empobrecido a França, Hollanda, e Allemanha.

,, Os opiniaticos partidistas de Napoleão dirão, que esses males passageiros provém da resistencia á seus grandes *designios regeneradores*. Mas não ha meio de respirar com a sua ambição insaciavel; elle não conhece o futuro além de sua empreza proxima, e tem os povos e Principes em terror, miseria, e ignominia, e, em cima, com a obrigação de lhe erigirem arcos de triumpho, e de cantarem hymnos d'adulação.

Fausto agoiro o futuro desassombra. Agora com a Paz da Europa retine a França de invectivos officiaes, e diatribas literarias dos mesmos, que antes pendião da boca de quem acclamárão, o homem necessario, e tres vezes grande.

Esta apologia de Escriptor contemporaneo não he

singular; más já foi sustentada antigamente pélos celebrados Mestres da Lei das Nações.

Quando, no tempo da Rainha Isabel, Inglaterra foi ameaçada de invasão pela formidavel Potencia de Philippe II., tambem recorreo ao expediente de prohibir aos Neutros promoverem os interesses deste atroz inimigo, fazendo o Commercio dos seus Estados; e em consequencia apresou varios Navios das Cidades Anseaticas, que estavão a entrar na foz do Tejo. Ella allegou á Europa o exemplo de Eduardo III., e a *justiça da sua causa.*

A Hollanda praticou o mesmo, quando guerreou pela sua liberdade e independencia; e Henrique IV. Rei da França assentio ao Edicto dos Estados Geraes, dirigido á todos os Soberanos e Estados Neutros, para não pretextarem ignorancia de sua resolução de obstar ao transporte de mercadorias á Hespanha, pena de os tratar como inimigos. Grocio justifica o Edicto *.

" Pufendorfio na sua Obra do Direito da Natureza e das Gentes Liv. 8. Cap. 6. e 8., e na nota, assim se explica. ,, Os Inglezes podem dizer sem absurdo, que lhes he permittido fazer todo o mal que possão aos

---

* Vetant populos quoscumque ullos Commeatus, res ve alias, in Hispaniam ferre: siqui secus faxint, ut hostibus faventes, vice hostium futuros... Paruit rex Galliæ; ac siquis suorum sex intra menses in Hispaniam naviget, professus est privatum periculum fore. Grot. Hist. Lib. 3.

Francezes, com quem estão em guerra; e consequentemente empregar o meio mais proprio para enfraquecellos, e que consiste em atravessar ou impedir o seu Commercio. Não he justo que os povos neutros se enriqueção á sua custa, e attrahião á si hum Commercio interrompido por Inglaterra. Não se deve soffrer que elles o augmentem por occasião da guerra em prejuizo dos Inglezes. ,,

Se pois esta justificação era plausivel no tempo em que foi escrita, por maioria de razão tinha lugar em huma guerra sem exemplo na Europa, em que o Tyranno da França não tentava sómente, como nas ordinarias guerras, tomar algumas Possessões da Gram Bretanha, mas havia constantemente proclamado a sua tenção de anniquilar a sua existencia politica, impossibilitando até a sombra de neutralidade, e apresando a qualquer navio só por se lhe achar hum fardo de mercadoria Ingleza, ou ser destinado á alguma parte de Inglaterra; e além disto ter, á força d'armas e intrigas, provocado huma cruzada de toda a Europa contra o Governo, e para que se tinha sacrificado para salvar a Soeiedade do Barbarismo revolucionario, e Tyrannia atheistica dos Cabalistas da França.

O pretexto de animar a industria Europea, removendo dos mercados geraes as manufacturas Britannicas, e Generos Coloniaes, era tão absurdo, como risivel. A França mais perdia neste odioso expediente, destruindo as proprias Fabricas antigas, que erão bem estabelecidas, e, por assim dizer, congeniaes ao paiz,

e em que Inglaterra já mais poderia ter competencia. Não faltaráõ na França espiritos rectos que reconhecião, e, posto com voz demissa, escrevessem esta verdade, que até o celebrado Chymico *Chaptal*, sendo Ministro do Interior, animou-se a representar ao seu extravagante Governo, como se vê no Monitor de París de 25 de Setembro de 1806, e da *Introducção á Obra* iutitulada *Chymica applicada ás artes*, publicada em 1807, onde se lem as seguintes reflexões.

" O Governo Francez deve-se occupar essencialmente das manufacturas de lã, seda, linho, aguardente, porcelana, e de todos os objectos, de que o seu terreno lhe apresenta com abundancia as materias primeiras. Por deploravel perturbação desta ordem, ha meio Seculo se animão as fabricas de algodão, sem advertir-se, que esta sorte de estabelecimentos, sustentados por materias estrangeiras, hia a ser entregue á todas as casualidades das revoluções, á todas as intrigas dos Gabinetes, e á todas as variações das Leis sobre as Alfandegas; e que as fabricas essencialmente territoriaes soffrerião tanto mais desta concurrencia, quanto, para animar, multiplicar, e confirmar aquelles Estabelecimentos nascentes, seria necessario conceder gratificações, prohibir a entrada dos productos semelhantes, e dirigir para esta industria, verdadeiramente exotica, todos os capitaes, todas as luzes, todos os braços. A sua introducção não tem sido nociva ás fabricas, essencialmente nacionaes, de lanificios, sedas, linhos, etc.? O Governo, não faria melhor, se appli-

casse os seus favores á estas, deixar aos nossos rivaes os fios e os tecidos de algodão, como os meios de troca dos productos de nossa industria, e da nossa terra? Eis a questão.

N. VI.

FALLA

DO SENADO CONSERVADOR DA FRANÇA ao Imperador da Russia, contradictoria do seu Manifesto de Guerra contra esta Potencia.

" SEnhores. — *París* está occupada pelos vossos exer-
,, citos triumphantes: recebei a homenagem mais lison-
,, geira para conquistadores generosos, o premio da
,, victoria o mais aprazivel, e o mais raro, as bençãos
,, dos vencidos.

,, Os nossos desejos vos convidarão: elles ajuda-
,, rão a vossa *santa cruzada* contra o flagello das Na-
,, ções, contra aquelle Monstro, *estrangeiro á nossa*
,, *patria*, que, exaltado por huma felicidade, de que
,, elle era indigno, ao cume de hum Estado abalado
,, por partidos, perverteo a energia de hum povo ge-
,, neroso, abusou daquella energia, a fim de louca-
,, mente declarar guerra contra a liberdade do mundo,
,, e até, para assim fallar, contra a mesma especie

,, humana ; contra aquelle monstro, a quem pela sua ,, elevação foi dado o despovoar e destruir ; que do ,, Baltico aos Pyrineos arrancou os filhos aos pais, para fazellos instrumentos ou victimas de sua devo- ,, radora tyrannia, e obrigou os mesmos pais a fazerem ,, preces contra os bons successos das armas de seus ,, filhos.

,, A Providencia ouvio estas preces, e os vossos ,, bravos exercitos as realisárão. Vós triumphaes, Se- ,, nhores: mas nós não somos vencidos ; somos liber- ,, tados ; e vosso triumpho será o eterno objecto da ,, nossa gratidão.

,, Libertadores da nossa patria infeliz, dignai-vos ,, de completar a vossa obra, e encher a medida de ,, vossos beneficios.

,, Permittí, Senhores, que debaixo dos vossos aus- ,, picios, huma Deputação dos fieis Francezes vá lan- ,, çar-se aos pés do descendente do bom *Henrique*, o ,, Soberano dos Francezes; offerecer-lhe huma home- ,, nagem expiadora, supplicar-lhe que restitua á Fran- ,, ça a presença de seu Rei, e fixe com Vossas Ma- ,, gestades nesta *já purificada Capital* as bases inalte- ,, raveis da tranquillidade da Europa.

Compare-se esta phrasiologia com as seguintes fallas do Senado de París, para se fazer conceito da contradictoria declaração de sentimentos.

,, A politica, attenta alguns annos ha á causa dos ,, acontecimentos, necessariamente reflectirá sobre as ,, causas, que tem effeituado aquelle de quem ha pou-

„ co vos fallei ; e estas causas , Senadores , não me
„ parece desacertado traçallas aquì rapidamente.

„ Nós as acharemos evidentemente nas manobras
„ e intrigas da *Inglaterra* no *Continente.*

„ Muito fraca para defender-se só por mar con-
„ tra as forças Francezas , ella tem constante e suc-
„ cessivamente trabalhado em armar contra ellas todos
„ os *Gabinetes da Europa.* A *Inglaterra* tem trazido
„ e retrazido ao campo da batalha os exercitos , que
„ o Imperador tem conquistado nos doze ultimos an-
„ nos.

„ Quando Gabinetes illustrados por experiencia ,
„ desejavão a paz , a paz que allegrava a *Europa* , fez
„ gemer a *Inglaterra.*

„ Então espalhou entre o povo , e particularmente
„ nas grandes Cidades , por meio de seus numerosos
„ *Emmissarios* , e por huma activa corrupção as se-
„ mentes de odio , — causas de divisão , — principios de
„ desorganisação , que separão os vassallos dos seus
„ Principes , os povos dos seus Governos.

„ Foi desta sorte que numerosas Sociedades , de-
„ baixo do nome de amigos da verdade , amigos da
„ natureza , etc. , ou debaixo de outros titulos não
„ menos ridiculos , se tem formado , animado , susten-
„ tando , — prégando odio , insurreição , desobediencia
„ contra todo o Soberano amigo da *França* , da *Paz* ,
„ e do *Continente.*

„ Ai ! foi na nossa *França* , agora tão pacifica ,
„ então tão miseravel e tão agitada , que o Gabinete

,, *Inglez* fez, durante muitos annos, que forão an-
,, nos de crimes e desgraças, a prova daquelles fataes
,, meios de discordias e revoluções civís.

,, Foi por estes meios que a *Inglaterra* obrou em
,, 1809 contra o Gabinete de *S. Petersburgo*, porque
,, este mostrou amigaveis disposições para com a *Fran-*
,, *ça.* Foi pelos seus agentes que a *Inglaterra* pre-
,, parou na *Russia* a influencia do partido inimigo da
,, *França*; e por elle, as hesitações, as resoluções
,, hostís do Gabinete; em summa, esta ultima guerra,
,, que tem custado á *Russia* a assolação das suas
,, mais bellas Provincias, o desassocego á Europa, o pe-
,, zar á humanidade.

,, A *Inglaterra* tem empregado, sem duvida, pa-
,, ra preparar á deshonra do General *D'York*, os mes-
,, mos meios, as mesmas associações, pelos quaes em
,, 1809 fez rebellar corpos regulares, e (cousa inau-
,, dita!) fazer guerra por sua conta, contra a vontade,
,, e até contra as ordens de seu Soberano.

,, Assim a *Inglaterra* desune, e divide os paizes,
,, sobre que não póde dominar, prepara a ruina dos
,, Estados, que não póde sujeitar ao seu systema.

,, Em summa, que meios mais inevitaveis de des-
,, truição ha para os thronos mais fortemente segu-
,, ros, do que a deserção de hum exercito, a sua op-
,, posição aos interesses do seu paiz, — a sua desobe-
,, diencia ás ordens do seu Monarcha. — Se todos os
,, Soberanos interessados na suppressão de hum tal
,, crime, não unirem os seus votos para condemnallo,

,, seus esforços para segurarem o seu castigo, e o seu
,, poder para evitar a repetição delle?

,, Felizmente, Senhores, são inefficazes os em-
,, penhos de nossos inimigos para extender á *França*
,, a sua fatal influencia, e os seus fataes successos.

,, O nosso vasto territorio, a nossa immensa po-
,, pulação, sentem apenas os sacrificios inseparaveis do
,, estado da guerra; mas estão longe de soffrer as des-
,, graças do paiz, que he o seu theatro.

,, Interiormente reina a tranquillidade; a industria,
,, as artes, as obras publicas seguem a sua carreira.
,, Exteriormente, a *Austria*, e os outros Alliados, se
,, mostrão affeiçoados, e fieis.

,, As nossas forças, os nossos recursos militares,
,, são immensos.

,, Já que as principaes erupções desses des-
,, truidores volcões, accesos pela *Inglaterra*, es-
,, tão a ponto de rebentar debaixo daquelles thro-
,, nos, que querem ficar dependentes da sua politi-
,, ca, he necessario reunir proporcionados recursos,
,, ainda superiores aos perigos, que a prudencia desco-
,, bre.

,, O que hontem bastava para segurança do Go-
,, verno, hoje não chega para a previdencia. Novos
,, acontecimentos tem gerado novas necessidades; cir-
,, cunstancias imprevistas requerem sacrificios inexpe-
,, rados.

,, Hum sentimento universal de elevação, e fide-
,, lidade, se une no povo *Francez* aos sentimentos do

,, seu interesse, e da sua gloria, para dirigir a sua ,, conducta, e determinar as suas resoluções. S. M. ,, vos propõe que ponhaes á disposição do Ministro da ,, guerra, huma força sufficientemente consideravel pa- ,, ra arrostar todos os seus inimigos, destruir todas as ,, suas esperanças em todas as suas supposições; e vós ,, o sabeis, Senhores: — a reflexão, e a historia vos tem ,, ensinado, que he deste modo que repelliremos o ,, perigo, seguraremos as vantagens, firmaremos a glo- ,, ria, e prepararemos a paz.

,, O numero de homens, que o Ministro da guer- ,, ra pede, deve dividir-se em tres classes: a pri- ,, meira deve ser composta daquellas cohortes, cuja ,, vontade tem sobrepujado a necessidade, e que solli- ,, citárão como hum favor trocar o dever de defender ,, as fronteiras da *França* pela honra de ir procurar ,, o inimigo da outra banda do *Sienna*.

,, A segunda classe se compõe de hum recruta- ,, mento entre aquelles, que formando parte das qua- ,, tro precedentes conscripções, não ficão comprehen- ,, didos na ultima, &c.

,, Os esforços dos *Insulares*, authores da guerra ,, continental, espectadores de huma guerra sem fim, ,, tornão imperioso á *França* o fazer seus formidaveis ar- ,, mamentos. Ella não se tem esquecido, nem da in- ,, solencia dos vencedores no tempo de Luiz XIV., ,, nem dos desgraçados tratados no de Luiz XV.; ,, nem se esquecerá dos triumphos, que tem apaga- ,, do aquellas humilhações; da necessidade de conser-

,, var intacta a gloria, que tem adquirido; da utilidade de preparar para novos successos; da dignidade da Corôa, e honra da Nação, e do exercito *Francez*.

,, Hoje, Terça feira, 23 de Março de 1813, S. M. o Imperador e Rei, sentado sobre o seu throno, rodeado dos Principes, Grandes Dignidades, &c. recebeo huma Deputação do Corpo Legislativo; S. Ex.ª o Conde de *Montesquieu*, Presidente do Corpo Legislativo, dirigio a S. M. o discurso seguinte:

,, *Sire.* — Vossos fieis vassallos, os Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo, nos tem encarregado de pôr aos pés do throno a homenagem de seu reconhecimento, e da sua fidelidade. Em quanto grandes interesses politicos demorarão a V. M. em tão grande distancia dos seus Estados, elle esteve sempre presente aos pensamentos daquelles; elles se associarão por seus votos aos grandes e nobres trabalhos, dos quaes tocava a seus filhos a gloria e os perigos. Neste dia, como então, todos os nossos corações correspondem ao vosso; e dir-se-hia que os nossos triumphos forão suspendidos, sómente a fim de dar maior lustre á energia do vosso caracter, á extensão dos nossos recursos, e á nossa confiança em V. M. Sim, Senhor, os povos deste vasto Imperio, d'antes divididos por caracter, e por interesse, hoje reunidos pela honra, e fidelidade, já não são rivaes senão no zelo e affeição a V. M. Repellindo até a idéa de huma paz, que manchasse a honra nacional, não lhes custará sacrificio algum pa-

,, ra manter a integridade de seu territorio, e do de
,, seus Alliados, e a preponderancia, que vós lhe ha-
,, veis adquirido, e para conquistar huma paz glorio-
,, sa, unica digna dos Francezes, e de V. M. — O
,, Corpo Legislativo tem a felicidade e ufania de ser
,, interprete de huma nação generosa, que vos presta-
,, rá sempre hum auxilio sem limites, porque tambem
,, não tem limite o seu reconhecimento por tudo
,, quanto V. M. tem concebido e executado pela sua
,, prosperidade. — Com effeito, os grandes progressos
,, feitos na agricultura, e nas artes; esses immensos
,, trabalhos, que tem aberto ao Commercio novas es-
,, tradas, e aformoseado nossas Cidades por magnificos
,, monumentos; — a creação de huma marinha habil e
,, numerosa; — a manutênção de hum systema de fa-
,, zenda sem exemplo até nossos dias, e digno de ser-
,, vir de modélo aos seculos futuros; são outros
,, tantos beneficios concedidos por V. M. aos seus po-
,, vos. Nós recitaremos em nossas Provincias todas es-
,, tas maravilhas, desempenhadas entre os maiores pre-
,, parativos de guerra; nós lhe diremos que se tem
,, acodido ás precisões do Erario e do Exercito, sem
,, que ellas tenhão de supportar algum novo imposto.
,, Tranquillos ao presente, não tememos para o futuro
,, essas turbulentas menoridades, durante as quaes a
,, partilha da authoridade, e a incerteza dos direitos,
,, poderião arrastar-nos, como em épochas anteriores,
,, á terriveis perturbações civís. A ordem da Regencia
,, está fixada, bem como a da successão; e o cora-

,, ção de huma Mãi será o guarda fiel de seu filho,
,, e daquella grande fama, da qual a Monarchia será
,, sempre o emblema. Assim, o governo tutelar, tão ca-
,, ro a nossos pais, será restabelecido e aperfeiçoado,
,, e com elle esses sentimentos generosos, que formão
,, o seu esplendor; assim mais proprios dias de paz
,, estão preparados para os trabalhos a segurar a sua
,, posse, e por esforços, que devem conseguilla. Seja
,, pára sempre perpetua essa feliz concordia entre o
,, Principe, e o seu povo; a força mais poderosa da
,, Europa venha a ser o mais feliz laço da authoridade
,, e da obediencia; e o Corpo Legislativo terá a glo-
,, ria de haver dado o exemplo mais memoravel.

S. M. respondeo: —

,, Senhores Deputados: — O Corpo Legislativo me
,, tem dado, nesta breve, mas importante Sessão, pro-
,, vas da sua fidelidade e do seu amor; ás quaes eu
,, sou sensivel.

,, Os *Francezes* tem perfeitamente justificado a
,, opinião, que eu sempre tive delles, &c.

N. VII.

EIs no que parárão tantas presumpções e arrogancias. Agora o que se disse (por antiphrase) o *Senado Conservador*, canta a palinodia, e, envergonhado da propria philaucia e improvidencia, diz: a França

está purificada. Como ? de subito ? deveria accrescentar com *fogo* e *sangue*, como lhe vaticinou o politico Inglez *Burke*, o mais valente antagonista de sua Revolução, e contra quem se bradava = *nada de Burke* =, quando alguns dos mais moderados Membros da intitulada Assembléa Constituente, e Convenção, citavão as suas solidas doutrinas. Não se creia em penitencia da hypocrisia, extorquida pela necessidade, humilhação, e desfeita dos projectos visionarios de ambiciosos, e athêos. Os eternos citadores de Gregos e Romanos, que devião saber a experiencia das idades, agora mais se aviltão, inculcando a tardia descuberta de que não era Francez, mas Semi-africano da Corsica, o Despota que enthronisárão; sendo este *aborto revolucionario* o filho das proprias fantasias, o idolo de suas mãos sanguinarias, o notorio desertor do Exercito que expedírão para o Egypto, e que elle abandonou para se render aos Inglezes, sobscrevendo ao proprio exterminio. = Opposuit natura Alpemque, nivemque. =

Já bem podemos dizer com o mesmo *Burke*. Agora aprendemos grandes lições. *A França não obrou com sabedoria destruindo a sua Constituição. Isto de que ella se preza, redunda-lhe em perpetua deshonra.*

A infernal Revolução da França realisou de certo modo a fabula da Circe, que convertia em brutos os homens a quem tocava, deixando-lhes, para maior desdita, vislumbres de intelligencia, para mais se infernisarem no seu horrido estado. As causas principaes desta revolução se podem reduzir a quatro: 1.ª Falsa

ou superficial instrucção dos francezes (no geral) ainda dos seus mais afamados Escritores, sobre os principios da prosperidade das Nações: 2.ª Sua moderna corrupta litteratura em materias religiosas: 3.ª Impolitico auxilio aos Colonos rebeldes, por odio a Inglaterra, seguido de scenas de parricidio de filhos contra os pais, cujo piaculo transmigrou para Europa, occasionando-se pela guerra embaraços nas Finanças, e contendas dos Nobres e Parlamentos; o que motivou a erronea policia da *Convocação dos Estados Geraes*, o grande Couto e despertador de ambiciosos, descontentes, e enthusiastas: 4.ª Fanatismo de reformas subitas e tumultuarias das Leis fundamentaes, á pretexto de emenda dos defeitos e abusos, que só produzio assassinos, e *bebedores de sangue.*

Agora aprende-se sabedoria até da fatuidade dos loucos. A Nação Franceza, que se apregoava a mais illuminada, e Mestra da Sociedade civil, manifestou, que não sabia fazer bem algum economico e politico; e muito menos o sabia o seu *soldado* valído, que ella proclamou por *genio*, sendo o só o do *genio* do *mal* no systema dos Manichêos, absolutamente ignorando a *constituição da natureza humana*, que sempre repugna á força, e de bom grado se submette á persuasão, pela correnteza de luzes, sendo puras, e vindas do *Sol da intelligencia*, e não phosphoricas de trovoadas, e de espiritos insensatos, que até negão haver Deos. Não contente com as muitas liberaes concessões politicas do seu bom Soberano Luiz XVI.,

que se prestava á todas as *reformas compativeis com a segurança publica*, projectou destruir a Constituição da Monarchia, contra o dictame do seu proprio *Montesquieu*, o author *do Espirito das Leis*, e procedendo de salto contra a sabedoria da Natureza, que só *gradualmente* dá vida e fructificação, e tudo prostra em terremoto.

Mudança, e não *reforma*, foi o seu objecto. O Edificio Constitucional foi feito á pressa, e por trova de poesia. Tentou França o impossivel de fabricar huma *Républica* em tão vasto territorio, contra o que tinha demonstrado o dito seu *moderado Politico*, e só formou atroz anarchia, com titulos de Républica, sob mascaradas de Burlêtas Italianas. Horrorisada do cháos, mudou e remudou de conceitos e artefactos, e se abrio ainda mais tenebroso, profundo, e insondavel barathro, de feroz despotismo militar. Tremeo depois, assombrada com a negra catadura, mais horrenda que a do Centimano fatidico Adamastor, de quem até Inglaterra, como o Gama sem pavor, estremeceu, *só de ouvillo e vello*, e ainda mais ameaçadora que o alteroso Colosso de Rhodes, projectando lançar aos pés hum e outro hemispherio, para fazer passar abaixo delles, *Potencias*, *Commercios*, *Navios*, *Colonias*.

Até o Escriptor das *ruinas de Palmyra*, engrossou o bando dos *Architectos de ruinas* do proprio paiz. Os presumidos Archimedes politicos, não calculárão as resistencias de tantos prejuizos, e oppostos interesses de hum Estado antigo. Os Metaphysicos só virão

felicidades em indefinido horisonte. Os Physicos quizerão recompôr a Sociedade com atomos de Epicuro, e turbilhões de *Descartes*. E quando surgio de subito a apoderar-se do throno dos Bourbons o algoz dos Parinenses, apenas o mathematico *Carnot*, em voz balbuciente, e cheio de remorsos, se oppôz á geral manía; prevendo os immensos e irreparaveis males da Sociedade, e bem conhecendo o abysmo em que ia cahir a nova Tyro, que fatuamente projectava ser Senhora do Mundo, não pelo Commercio, mas pelo Canhão, submettendo-se á tyrannia de hum escuro Plebêo, porque promettia-lhe a dominação da terra, e o geral espolio dos paizes prosperos. Assim comprou vileza com malfeitoria.

Que era de esperar de hum throno levantado pelo arcabuz de granadeiros, que, com seu *Cabo de assalto* á frente, rompêrão o intitulado *Conselho dos Anciões*, auxiliados com o trivial estratagema (que não illude ainda a telonio de traficantes) de *Livro de Subscriptores*, em que turba de ambiciosos, timidos, ou imbeceis, anniquilárão a sua razão, estimando a propria honra em ser regidos pelo Fideicommissario de *Robespierre*, que tambem se arrogou a Dictadura, pelo serviço (de que se jactou) *de ter apregoado a Existencia de Deos*, que logo confundio a sua hypocrisia? Para cúmulo de ignominia, puzerão nos thronos mais esplendidos, e á frente das Nações civís, huma Canalha de parasitos de sua parentela, não conhecidos jámais por alguma boa qualidade militar, e civil;

verificando-se então o dito de Burke: = *A gloria da Europa acabou para sempre.* =

A França de repente abandonou a sua regular Monarchia, para adorar a hum visinho de Alger, e Espelho dos Beis, que na Italia converteu em estribarias os Templos, e no Egypto adulou os Mamelucos, e se proclamou *bom Mulsumano*, por ter destruido (como disse) o *Mufti* do Occidente, alludindo ao Veneravel Pio VI., que aliás completou a *grande obra* de seccar as *lagôas pontinas*, que todo o poder dos Imperadores Romanos jámais effeituou. Acclama-se Protector da Religião de hum Reino que sempre foi Christianissimo (não obstante os erros de alguns impios e libertinos) para depois espoliar e envilecer o *Cabeça do Catholocismo*, que, em heroico martyrio apostolico, sustentou a Magestade da Tiara, não se aterrando com as Comminatorias do Destruidor, que no seu *Codigo Novo dessagrou a uuião conjugal*, separando o que Deos ajuntou, legislando para toda a Nação ser o matrimonio smples contracto civil, com a injuria do bello sexo, sagrado deposito da Especie Humana, não respeitando até este o mais natural e innocente commercio da vida.

E haverá quem ainda creia em sciencia Franceza, liberdade Gallicana, e Lista de *Nós abaixo assignados*, que sempre se forjou sob força dominante, ou por influxo de intriga machiavellica, solicitação de importunos, ou enthusiasmos transitorios de orgulhosos, e aspirantes? Tem perdido a cabeça quem chama *Voz*

da Nação taes desacreditadas imposturas de Tyrannos, e Leguleios.

A *Inconstancia Franceza* *, (que forma o caracter maior de huma Nação espirituosa, mas que não conhece meio nas cousas, e salta aos extremos, até no que involve o bem geral da Sociedade) nunca se descobrio mais ostensivamente do que no tempestuoso periodo de seu vulcão revolucionario. O fecho ainda foi mais espantoso que o começo. Porém jámais se esperou, que a jactancia de superioridade de espirito, de que tanto ufaneava, descesse á maré tão baixa, que, havendo os novadores atordoado as cabeças com a miscellanea erudição dos classicos da Grecia, e Roma, viessem reproduzir as scenas dos Alcibiades, e Syllas, que, sob pretexto de liberdade ao povo, e ordem da Nação, occasionárão guerra civil, e usurpárão a Soberania **. Não adoptárão da historia o patriotismo

---

* He bem descripta nas Cartas do nosso Orador Vieira depois da Restauração do Reino na elevação da Augusta Casa de Bragança.

** Libertas et speciosa nomina prætexuntur. Nec quisquam alienum servitium et dominationem sibi concupivit, ut non eadem ista vocabula usurparet. Falsò libertatis vocabulum obtend, ab iis, qui, privatim degeneres, in publicum extiosi; nihil spei nisi per discordias habeant. Ut imperium evertant, libertatem præferunt; si perverterint, libertatem ipsam aggredientur. *Tacitus.*

de Scipião, o qual, depois de subjugar Carthago, recusou a idolatria do povo, e o *Consulado perpetuo*, que se lhe doou sem exemplo *; mas, em desenfreada licença, santificárão o novo Catilina, sem que encontrasse hum Catão e Tullio, que o proscrevesse no Senado, e o punisse incontinente, comprehendido em flagrante delicto, ao *costume dos antepassados*. A usurpação de Bonaparte teve por padrão a de Augusto Cesar, que destruio o Triumvirato, como elle o Directorio **.

---

* Voluerunt illi Scipioni Africano Statuas in comitio, in foro, in curiâ, in ipsâ denique Jovis Opt. Max. cellâ ponere: voluerunt imaginem ejus, triumphali ornatu indutam, pulvinaribus capitolinis applicare: voluerunt *continuum Consulatum*, quorum nullum sibi, nec plebiscito dari, neque Senatusconsulto decerni, patiendo, penè tantùm in honoribus recusandis se gessit, quantùm in emerendis.

Valer. Max. Lib. IV. Cap. I.

** Cuncta discordis civilibus fessa, et dux reliquus, *Consulem* se ferens .... ubi militem donis, populum annonâ, cunctos dulcedine otii pellexit, insurgere paulatim; munia Senatus, magistratuum, legum, in se trahere, nullo contradicente. *Verso civitatis statu*, nihil unquam prisci et integri moris: omnes, *exutâ æqualitate*, jussa principis adspectare: pauci bona libertatis incassum disserere: plures bellum pavescere; alii cupere: *ruere omnes in servitium*: cæteri nobilium, quanto quis inlustrior, tanto magis falsi et festinantes:

Ainda que os ex-regedores da França não tenhão desculpa, nem devão merecer fé em suas protestações de emenda, já confessando a justiça com que são condemnados por toda a Sociedade civíl; com tudo os unanimes actos da conformidade da França no restabelecimento da sua Monarchia legitima, e de sua Dynastia de tantos seculos, parece ora ser a verdadeira *Voz da Nação*, não obstante os visiveis symptomas de ainda senão achar extincta a manía revolucionaria.

A gloria de Inglaterra he agora pura e esplendida.

Vemos os Triumphantes Soberanos da Russia e Prussia, antes seus inimigos politicos pelas intrigas e violencias do Tyranno da Europa, espontaneamente se comprazerão de irem, como Irmãos e Amigos, visitar a seu Grande Alliado, o Principe Regente do Reino Unido, na Séde das Sciencias e Artes da paz, para admirarem os seus Estabelecimentos Economicos e Politicos, e prestarem tributo de respeito e applauso á seu *Go-*

---

quanto quis servitio promptior, opibus et honoribus extollerentur; atque, ex novis rebus aucti, tuta et præsentia, quàm vetera, et periculosa mallent. Nihil in vulgo modicum: terrere ni paveant; si pertimuerint, impunè contemni. Cum fortissimus quisque per acies aut proscriptionibus concidisset, quotusquisque reliquus qui rempublicam videret? Postquam omnem potestatem ad unum deferri pacis interfuit, cessere magna ingenia.

Tacitus.

verno, *Salvador do Commercio*, que não curvou o collo ao Dynasta, que, em tempos de luzes, projectou instaurar a policia do semi-barbaro *Licurgo*, e do Salvagem *Busiris*, *que os hospedes tristes immolava* *, até sacrificando na França os Inglezes, que tinhão ido visitar, e curar-se, a este paiz sob a fé dos Tratados.

O Imperador da Russia mostrou merecer completamente o elogio, que o Principe Regente do Reino Unido lhe fez no Parlamento no principio do anno de 1813. = " A resistencia, que S. M. o Autocrator de todas as Russias oppôz ao Governo Francez, auxiliado por seus Alliados, e Estados tributarios, em huma guerra para defeza de seus proprios Direitos Soberanos, e da Independencia de seus Estados, não póde deixar de excitar sentimentos de duravel admiração. A sua magnanimidade e perseverança; o zelo e desinteresse de seus vassallos; a valentia, firmeza, e intrepidez de seus exercitos; tem frustrado, de huma distincta maneira, a temeraria expectação do inimigo. O enthusiasmo da Nação Russa cresceo com as difficuldades da guerra, e com os perigos que a tem cercado. Ella submetteu-se á sacrificios, de que ha poucos exemplos na Historia do Universo; e tenho a satisfação de esperar confiadamente, que a *firme perveserança de S. M. Imperial será á final coroada da victoria*, e que desta contenda resultará o effeito de se estabelecer

---

* Camões, Lus.

sobre alicerces immóveis a segurança e independencia do Estado Russo. A prova de confiança que recebi de S. M. Imperial na resolução que tomou de mandar as suas esquadras para os portos deste paiz, Me lisongêa no mais alto grão; e S. M. Imperial póde contar com a Minha firme Resolução de prestar-lhe o mais cordial auxilio na grande Lutta em que está empenhado. „

Justo pois era que este Magnanimo Soberano, em justa retribuição, viesse presenciar os nobres sentimentos da Nação Ingleza, tanto no seu Parlamento (onde já o Principe Regente havia feito a Mensagem pelo Lord *Liverpool* para o soccorro dos Reinos que soffrêrão os estragos da barbaridade dos Francezes, confessando, que a Russia padecêra, não só pela propria causa, mas tambem pela causa de Inglaterra (não tendo esta experimentado os males da destruidora presença do Inimigo), como tambem no Corpo Municipal de Londres, e por fim no mais esplendido Theatro Litterario do Universo, para ouvir docilmente os sabios documentos, e puros louvores, dos *Mestres do Direito Social* da Universidade de Oxford, recebendo, e dando honra verdadeira. Espero não pareça desagradavel aos Leitores inserir nesta Memoria o Documento seguinte da oração recitada na visinhança da *Capital da Philanthropia*; que ora ainda mais he digna do elogio que o Consul Tullio fez a Roma.

Templum Sanctitatis, Ara sociorum, Portus omnium Gentium.

N. *VIII.*

ORATIO

HABITA IN THEATRO SHELDONIANO
OXONIÆ
DIE 15 JUNII, AN. 1814.
A
GULIELMO CROWE, LL. D.
PUBLICO UNIVERS. ORATORE.

SErenissime Princeps, dilectissimi Regis nostri vicem gerens; Vosque augustissimi Reges, Duces invictissimi, illustrissimi Hospites.

Quantum hodierno die gaudium universi capiamus, ego licet sileam, res ipsa declarat; cum, propter adventum vestrum optatissimum, non modo homines omnium ætatum et ordinum, sed etiam mænia ipsa videantur, at que urbis tecta, exultare. Magno sane honore et incredibili lætitia cumulastis Academiam Oxoniensem, quod eam visere dignati estis, quod hoc potissimum tempore, cum vobis, non solum ut hospitibus, gratulari possimus, verum etiam ut servatoribus nostris gratias agere meritissimas; ideò quod per eximiam virtutem vestram, a gravissimo bello salvi tandem et liberati sumus. Jam vero ille Vester tot poten-

tissimorum Regum et Principum consessus perfundit hæc loca lumine quodam novo, et splendido, et quale nunquam antehac huic Academiæ, præter hanc, nulli affulsit. At non ii sumus profectò, qui nosmet ipsos honore tali dignamur; neque tam arroganter quicquam a me dictum aut conceptum esse velim. Cum autem repeto tot viros præstantissimos, qui omni genere scientiarum hic floruerunt, tot Principes et Reges, Collegiorum nostrorum aut fundatores, aut ipsos disciplinis nostris instructos, ante omnes verè magnum illum Alfredum, a quo, Tu, Princeps augustissime, genus ducis tuum, cujusque sceptri hæres tu es amplissimus, Alfredum illum, quem Conditorem Academiæ nostræ vindicamus, tum verò de dignitate ejus dissimulare non licet. Quin ipse, si nunc adesset, jure optimo posset de Academiâ gloriari suâ. Quapropter oro liceat mihi vicem ejus sustinere paulisper, dum voce proferam in personâ graviori, et dignâ quam vos, Augustissimi Reges, attentè audiatis. Eum igitur putatote vobiscum sic loqui.

Quam aspicitis Academiam, Hospites illustrissimi, omnium ferè quæ exstant antiquissimam, Ego princeps formavi. Postquam enim crudelissimum hostem debellassem, (quemadmodum vos nuper fecistis) nec piùs neque sanctiùs quicquam habui, quam ut sedem quandam in regno meo stabilirem, ubi literæ humaniores, et scientiæ, et pacis artes, coli possint. Sciebam enim quantum hujusmodi studia ad summi Dei honorem, quantum ad humani generis felicitatem, conferre valeant.

Sperabam quoque tam honestam operam ante inchoatam, ab aliis post me Regibus et Principibus viris auctam et amplificatam fore; tum vero partem istam gloriæ ad me redundaturam. Nec me fefellit mea spes. Hæc est illa inclyta Oxonia, cujus nomen etiam ad ultimas gentes et populos remotissimos pervenit: cujus ego alumnis, tanquam militibus meis usus, multas de barbarie, de inscitiâ, de impietate, victorias reportavi; plurima porro litterarum posui tropæa, et monumenta quæ nulla delebit vetustas, nulla unquam obscurabit oblivio.

Hæc Alfredo fas esset magnificè prædicare: nos humiliora et sentire et loqui decet. Nunc autem a Vobis, Augustissimi Hospites, petimus, ac etiam oramus, ut qua benignitate huc advenistis ad Academiam nostram visendam, eâdem hæc excipere velitis, quæ officii et reverentiæ gratiâ facimus. Parva quidem sunt; sed ex animis gratissimis proficiscuntur; sed propensissimâ voluntate persolvimus, sed justissimâ de causâ vobis debemus: quoniam ut tranquillâ pace jam fruimur, quod cum studiis nostris apprimè accomodatum tam maximè optandum erat; id Vestris, Augustissimi Principes, consiliis prudentissimis, Vestra, Duces fortissimi, admirabili et pænè divinâ virtute, et nobis et totius Europæ gentibus et nationibus est effectum.

N. IX.

Proclamação do Conselho Municipal de París.

" HAbitantes de París. —Vossos Magistrados serião traidores para comvosco, e a patria, se por vís considerações pessoaes elles comprimissem por mais longo tempo a voz de sua consciencia. Ella vos brada que he á hum só homem que deveis os males que vos esmagão. Elle he quem em cada anno, dizíma, pela conscripção, as nossas Familias. Elle he quem, em lugar de quatrocentos milhões de libras que a França tributava aos nossos bons Reis, para ser livre, feliz, e tranquilla, nos tem sobcarregado de hum milhar e setecentos milhões de impostos, ameaçando accrescentar outros. Elle he quem nos fechou os mares de dois Mundos, e obstruio todas as fontes da industria nacional, arrancando para a guerra Lavradores, e Artistas. A elle devemos o odio de todos os Povos sem o ter merecido; pois, como elles, nós fomos as infelizes victimas ainda mais, que os tristes instrumentos da sua raiva. Não ha hum entre nós, que, no segredo do seu coração, não o deteste como hum inimigo publico, e que, nas suas mais intimas confidencias, não tenha formado o voto de ver o dia em que terminassem tantas

crueldades. A Europa em armas no-lo pede; ella o implora como hum beneficio para a humanidade, e o fiador de huma paz universal e duravel! A Europa em armas náo o alcançaria de vossos Magistrados, se não fosse conforme a seus deveres. Em nome destes deveres os mais sagrados, abjuramos toda a obediencia ao Usurpador, para tornarmos ao nosso legitimo Soberano.,,

" Se ha perigos em seguir este movimento do coração, e da consciencia, nós os tomamos; a historia, e o reconhecimento dos Francezes, guardaráõ nossos nomes, e os legaráõ á ultima posteridade.,,

Declaração assignada pelo Imperador Alexandre.

Os Soberanos Alliados accolhem o voto da Nação Franceza. Elles declaráo.

Que se as condições da paz devião conter mais fortes garantias, quando se tratava de encadear a ambição de Bonaparte, ellas devem ser mais favoraveis, quando a França, tornando para hum Governo sabio, offerece a segurança de repouso.

Os Soberanos proclamão em consequencia:

Que não trataráõ mais com Napoleão Bonaparte, nem com algum da sua familia.

Que elles respeitão a integridade da antiga França, tal como tem existido sob os seus Reis legitimos; elles podem ainda fazer mais; porque professão sempre o principio que, para felicidade do povo, a França deve ser grande, e forte.

Que reconhecerá̃o e garantirá̃o a Constituição que a Nação Franceza der á si propria : consequentemente convidão o Senado a organisar hum Governo provisorio, que possa prover á necessidade da Administração, e preparar a Constituição que convier ao Povo Francez.

As intenções que acabo de exprimir, me são communs com todas as Potencias alliadas.

Alexandre.

Este Imperador, ouvindo as acclamações dos Parisienses = *Viva Alexandre!* = Viva Frederico Guilherme! = respondeo a huma pessoa da mais alta consideração : = Procuraria em vão palavras para exprimir os sentimentos que tenho experimentado. = Se em algum tempo pude conceber a idéa de fazer pezar sobre París o fardo da guerra, o accolhimento que recebi dos seus habitantes, a teria expulso do meu coração.

Em 2 de Abril, quando o Senado declarou ao Imperador Napoleão decahido do Throno da França, e desligou o povo, e o exercito, do juramento de fidelidade, indo em corpo á huma audiencia do Imperador da Russia, a participar o Acto provisorio do novo Governo, aquelle Monarcha respondeo : =

Hum homem que se dizia meu alliado, veio aos meus Estados como injusto aggressor ; á elle he que fiz a guerra, não á França. Sou amigo do Povo Francez ; o que acabais de fazer, ainda redobra este sentimento ; he justo, e he prudente, dar á França Instituições fortes, e liberaes, que estejão em relação com as luzes presentes. Os meus Alliados e Eu não viemos senão para

proteger a liberdade de vossas decisões. Para prova da alliança duravel que quero contratar com vossa Nação, Eu lhe entrego todos os prisioneiros que estão na Russia. O Governo provisorio m'o tinha já pedido; Eu o concedo ao Senado, pela resolução que hoje tomou. Preciso de hum Governo que vos dê descanço, e o dê á Europa.

N. X.

Juizo dos Soberanos Alliados sobre a deshumanidade do Tyranno da Europa.

FEita a Capitulação de París para o Armisticio em 30 de Março de 1814, o Imperador da Russia, e ElRei da Prussia se abraçárão com os olhos em lagrimas, dizendo o Imperador: = *Está ganhada a Causa da Humanidade.* =

O Generalissimo do Exercito Alliado dirigio a seguinte Proclamação.

" Os Exercitos Alliados se achão diante de París; o fim de sua marcha para a Capital da França fundou-se na esperança de huma roconciliação sincera e duravel com ella.

,, Ha 20 annos que a Europa tem sido innundada de sangue e de lagrimas; mas tem sido inuteis as tentativas feitas para pôr termo á todas as infeli-

,, cidades ; porque existe no poder do Governo que ,, vos opprime, hum obstaculo insuportavel á paz. ,, Não serão os Francezes convencidos desta verdade !

,, Os Soberenos Alliados buscão huma *Authoridade* ,, *saudavel* na França, que possa firmar a união de ,, todas as Nações, e de todos os Governos. A' Cidade de París pertence, nas circunstancias actuaes ; ,, accelerar a *paz do Mundo* ; o seu voto he esperado ,, com o interesse que deve inspirar hum tão immenso ,, resultado. Declare-se, e desde este momento o exercito que está nos seus muros, será o sustento das ,, suas decisões.

,, Parisienses ! Conheceis a situação de vossa Patria, o procedimento de Bordeaux, a occupação amigavel de Leão, os males attrahidos sobre a França, ,, e as disposições verdadeiras dos vossos Concidadãos. ,, Achareis nestes exemplos o termo da guerra estrangeira, e o da discordia civíl. A conservação, e a ,, tranquilidade da vossa Cidade serão o objecto dos ,, cuidados, e das medidas que os Alliados se offerecem a tomar com as Authoridades que gozão mais ,, da estima publica.

,, A *Europa em armas* se vos dirige com estes ,, sentimentos diante de vossos muros.

" A Providencia, na sua Justiça, acaba de conduzir os nossos Exercitos sobre o territorio da França ; em fim, toda a Europa se tirou de sua falsa segurança, pela insaciavel ambição do homem, que,

ha quatorze annos, governa despoticamente a Nação Franceza. ,,

,, Os Povos do Volga, do Danubio, do Elbo, do Tamisa, e do Téjo, tem deixado as suas habitações, e entrárão na França, em outro tempo tão feliz. A maior parte destes Povos, antigamente affeiçoados á França, se tornarão seus inimigos; e porque? Pelo unico motivo da ambição inquieta de hum Conquistador desenfreado. Não tem Napoleão forçado a ser guerreiras as Nações que erão pacificas, para não supportarem o desprezo, a deshonra, o despotismo, e o latrocinio de seus agentes? ,,

,, Deos em fim decretou na sua justiça; e seiscentos mil Francezes desapparecerão da terra em duas Campanhas; sendo deploraveis victimas de hum Senhor prodigo do sangue de hum povo a quem elle he estrangeiro! ,,

,, E onde estão os fructos de tanto sangue derramado? Que aspecto apresenta hoje a França? Huma geração inteira aceifada pela espada da guerra; o commercio destruido; o dinheiro enterrado; a agricultura descorçoada; os povos gemendo debaixo do pezo dos tributos; vossos filhos arrastados ás bandeiras do Despota, que os deixa perecer de miseria; numerosos espiões que se introduzem nas sociedades, e nas familias, para denunciarem ao Chefe da Policia os queixumes, e suspiros contra tão infame governo; Commissões militares, e especiaes, que, por Sentenças de morte, suffoca toda a especie de brio generoso: taes

são, oh Francezes, os fructos das guerras interminaveis, que tem feito a infelicidade da Europa. A guerra só se perpetúa para vantagem de hum pequeno numero de Generaes, Intendentes, e Commissarios; e para que se possão enriquecer pela pilhagem dos nossos territorios, e pela mais vergonhosa rapina, he que tendes soffrido, oh povo infeliz!

"A paz que temos offerecido, e que foi rejeitada com soberba, ou acceita com ambiguidade, será conquistada pelo valor de nossas tropas, sobre o vosso territorio, e, se for necessario, na vossa propria Capital. Com ella conquistaremos a nossa *Independencia Nacional, e a liberdade do Commercio, e dos Mares*; porque somos nós os que combatemos por esta liberdade, e não o vosso *Despota, que queria fechar todos os portos, que a Providencia benefica havia dado ás Nações para o crescimento de sua prosperidade.*"

XI.

Tiberius cuncta mortalium incerta; quanto que plus adeptus foret, tanto se magis in lubrico dictans. --- Neque frustrà præstantissimus sapientiæ firmare solitus est, si recludantur tyrannorum mentes, posse adspici laniatus et ictus; quando, ut corpora verberibus, ita sævitiâ, libidine, malis consultis, animus dilaberetur.

Tacit. Ann.

Ordem do dia de Bonaparte em 4 de Abril de 1814, despedindo-se do Exercito, e accusando o Senado.

O Imperador agradece ao Exercito pelo aferro que lhe testemunha, e principalmente porque *reconhece, que a França está nelle*, e não no povo da Capital.

O soldado segue a fortuna ou a desgraça do seu General, a sua honra, e a sua religião. O Duque de Ragusa (Marmont) não tem inspirado estes sentimentos aos seus companheiros de armas: elle se passou aos Alliados. O Imperador não póde approvar a condição com que elle capitulou; não póde receber a vida e liberdade da mercê de hum vassallo.

O Senado funda-se nos Artigos da Constituição,

para me declarar decahido do Imperio, e não se peza de fazer arguições ao seu Imperador, sem attender, que, sendo o primeiro Corpo do Estado, tomou parte em todos os acontecimentos. Elle chega ao excesso de accusar ao Imperador de haver alterado os Actos Constitucionaes na sua publicação. Todo o mundo sabe, que eu não tinha necessidade de taes artificios; pois hum aceno da minha parte era huma ordem para o Senado, que sempre fazia mais do que se lhe requeria.

O Imperador foi sempre accessivel ás sabias representações de seus Ministros; e elle por tanto esperava nestas circunstancias huma justificação indefinida das medidas que tinha tomado. Se o enthusiasmo se havia introduzido nos Discursos publicos, então o Imperador enganou-se; mas os que os pronunciárão, devião attribuir á si proprios as consequencias de suas lisonjas.

O Senado não se envergonha de fallar dos Libellos publicados contra os Governos Estrangeiros; mas esquece-se, que forão compostos no seu seio. Assim, em quanto a fortuna se mostrou fiel á seu Soberano, estes homens permanecerão leaes, e não se ouvio queixa sobre abusos de poder. Se o Imperador tinha desprezado os homens, como se lhe accusa, o mundo reconhece hoje, que elle tinha razão.

O Imperador recebeo a sua dignidade de Deos, e da Nação, que sós lha podião tirar: quando a acceitou, foi por se convencer, de que só elle se achava em estado de a sustentar dignamente. Mas, se elle era

hum obstaculo á paz, faria voluntariamente o sacrificio da mesma dignidade. O Exercito póde estar certo, que a sua honra não estará jámais em contradicção com a felicidade da França. Quando se tem feito tremer o mundo, a vida não póde ser longa.

N. XII.

Caracter Moral do Duque da Victoria.

Bonum Virum facilè crederes, Magnum libenter.

Tacit.

O Caracter e Heroismo Militar do Lord Wellington assás se patentêa da presente Memoria; resta dizer tambem de seu Caracter e Virtude Moral, que verdadeiramente illustra a sua fama, e lhe grangêa genuina honra, e immortal gloria.

O Historiador de Inglaterra *Hume*, depois de relatar as proezas do celebrado Eduardo III., quando ganhou a famosa Victoria de Poitiers na França, e aprisionou o Rei João, assim diz: " Agora começa o real e verdadeiramente admiravel heroismo de Eduardo; porque victorias são cousas vulgares, em comparação da moderação e humanidade. ,, Este apothegma bem se applica ao Duque da Victoria.

A sua humanidade foi ostentada até contra os mais

encarniçados inimigos do Genero Humano, não seguindo o seu exemplo. Sempre curou de vencer com a menor possivel effusão de sangue, contentando-se, quanto em si esteve, com exercer a genuina Tactica de antes paralysar scientificamente, do que destruir marcialmente, as forças oppostas á sua victoriosa carreira.

Hum dos orthodoxos Escriptores da França Mr. *Chateaubriand*, que manifestou á seu paiz a horribilidade do Caracter do Tyranno da Europa, assim diz na sua Obra depois da Paz de París.

" Sem duvida hum só Francez não se tem esquecido do que deve ao Principe Regente de Inglaterra, e ao nobre povo que tanto contribuio a nos libertar. As Bandeiras de Isabel, que tremulárão nos exercitos de Luiz XIV., tornárão a apparecer nos batalhões que nos restituem Luiz XVIII. Somos mui sensiveis á gloria, e não podemos deixar de admirar a Lord Wellington, que nos apresenta da mais viva maneira as virtudes e os talentos de Turenna. Quem não chorará, de enternecido, vendo a este verdadeiramente Grande Homem, em a nossa retirada de Portugal, prometter dois *guinés* por todo o prisioneiro Francez que lhe fosse apresentado vivo? Entrando em as nossas provincias, só pela força do seu caracter moral, ainda mais do que pelo vigor da disciplina militar, pôde suspender milagrosamente o *ressentimento dos Portuguezes, e a vingança dos Hespanhoes*. Em fim debaixo de seu Estandarte se fez a primeira Acclamação de = Viva o Rei = que despertou o nosso infeliz paiz. Em

lugar de hum Monarcha Francez prisioneiro, o novo Principe Negro * veio trazer á Bordeaux hum Rei da França libertado. Quando o Rei, foi conduzido á Londres, sensivel á generosidade de Eduardo, concebeo tão grande affecto aos seus conquistadores, que veio acabar seus dias no meio delles, etc. ,,

A sua caridade foi mui exaltada em prover e inspectar o bom tratamento das tropas, sendo mui zeloso do curativo e saude dos feridos e prisioneiros. Ainda que a grandeza da sua intelligencia mostrava o interesse de attender á vida dos soldados, com tudo aquella virtude he hum dos seus maiores ornamentos; por ser mui rara nos que estão habituados e endurecidos á espectaculos de força, mortandade, e miseria, e cujo Posto só attrahe o espirito aos grandes objectos. He por isso materia de especial elogio aos Capitães que se distinguem tambem em tão essencial repartição do Serviço, não dando fé implicita aos inspectores subalternos, e nem ainda aos da profissão competente. A sua vigilancia nos hospitaes chegou a ser tão austera, que lhe foi tachada por alguns Medicos Inglezes, que até quizerão desertar, requerendo-lhe demissão, a qual elle só lhes deo condicionalmente, dizendo: = Conhecei-me, e attentai bem: mandarei vir outros: entretanto não deixareis o Serviço. =

A sua modestia he patente na singeleza dos actos

* Era assim chamado por andar vestido de preto.

publicos. Jámais fez jactancia do proprio mérito. Quiz antes ser, do que parecer bom. Em todas as operações da sua vida pública, não via a si, mas o seu dever. O egoismo não eclypsou o patriotismo. Sempre antepôz juizo calculador, previdencia de futuro, e silencio opportuno, ao valor temerario, e ao falso brilhante de fazer nome. Huma só vez se queixou de injuria, e mencionou seus serviços, appellando para o testemunho da Regencia de Hespanha. He privilegio exclusivo dos probos fazer tambem justiça a si proprios.

A sua gratidão descobre-se, não menos que a virtude da amizade (sem mistura de jelozia) propria das grandes almas, na sua celebrada carta á dita Regencia, como referi, onde sentimentalmente argue a Ordem com que ella o privou da cordial cooperação do primeiro vencedor da Peninsula, o General *Castanhos.*

A sua integridade reluz na constante conducta de nunca se arrogar o mérito das victorias; antes positiva e repetidas vezes as attribue ao conselho, e saber de seus Officiaes, e á disciplina e coragem das tropas, fazendo sempre cabal justiça á todos, e particularizando os preeminentes. Ainda a natural parcialidade, até de espiritos rectos e generosos, a favor da gente do proprio paiz, não influio no seu juizo, para deixar de dar o devido elogio aos Officiaes Generaes Portuguezes, que sobresahírão no Serviço, como o nosso excellente *Silveira*, e intrepido *Lecór.*

Se bem que, por uniforme juizo do Genero Humano,

em todos os seculos e paizes, a grandeza de qualquer Obra e Victoria, unicamente se attribua ao respectivo Author e Capitão, considerando-se o que ha de bom e decisivo, como o effeito da superior Intelligencia, que deo o Plano, e ordenou o serviço, tendo só a *Inspecção* e *Direcção*, quasi desapparecendo da vista de todo o mundo o innumeravel concurso dos cooperarios collateraes e subalternos; com tudo o Heroe mostrou seguir o dictame do Christianismo, que, ainda no Ministerio dos Corpos Moraes, não permitte que a Cabeça e os Olhos, presumão dizer aos outros membros = eu de ti não careço *. = Até o seu amor da fama, que apoia as virtudes, era subordinado ao seu espirito publico, e respeito do merito alheio, nunca ostentando as suas eminentes qualidades, nem emulação, senão de honra, aos Collegas, e Mestres de guerra: o que sobre tudo manifestou na victoria de *Waterloo*, onde deo exemplo de prototypa grandeza de animo, e heroicidade sobrehumana, em ceder a palma da victoria ao Principe *Blucher*, e General *Bulow*. = Nisso conseguio o trophéo da Virtude Imperatoria, que Tacito com especialidade attribue ao Grande Capitão Agricola **.

---

* S. Paul. ad Corinth. Cap. 13.

** Nec Agricola unquam in suam famam gestis exultavit; ad auctorem et ducem, ut minister, fortunam referebat. Ità virtute in obsequendo, verecundiâ in prædicando, extra invidiam, nec extra gloriam erat. = *Vil. Agric. VIII.*

A sua veracidade he conspicua nos Officios das Campanhas, em que, na maior boa fé e candura, expõe os factos sem exaggeração; nada accrescenta ás reaes vantagens, e confessa francamente os seus revezes. He a verdade núa e pura escrevendo e fallando; cabe-lhe o louvor do Poeta de Augusto, que nessa parte, *ninguem o emparelha* *.

A sua virtude politica resplandece no senhorio de si proprio; nunca retorquindo contra émulos e antagonistas os opprobrios com que o irritarão, e nem ainda se permittindo, em vaga generalidade contra a Nação Franceza, expressão de vilipendio; consultando sempre a Honra do Estado, e não empecendo á reconciliação futura. Tinha no seu entendimento firme o principio heroico, que, em summa fortuna, não deve haver a menor licença.

A sua cortezania brilhou em Lisboa no Theatro de S. Carlos, vindo ahi solemnisar, depois da batalha do Vimeiro, o *Hymno Patriotico*, cantado em honra do nosso Augusto Principe Regente. Sendo convidado para o Camarim Real, urbanamente declinou o obsequio. Ainda que, pela preeminencia do Serviço que acabava de tributar á Corôa e Nação, se movesse em esphera superior, com tudo, certo nos deveres e predicamentos,

N

* —— Cui pudor, et justitiæ soror,
Incorrupta fides, nuda que veritas,
Quando ullum invenient parem? *Horat.*

da Ordem Civil, não sahio da orbita que lhe marcou o Regedor do Universo; assemelhando-se nisso ao já indicado antigo vencedor da França; que, dando-lhe o proprio Rei assento á sua meza, respondeo, que, = *sendo vassallo, não tomaria essa liberdade com o Soberano* *: =

A sua religião manifesta-se na profissão de fé da memoravel resposta que deo ao Conselho de Madrid, quando o foi congratular pela Victoria de Salamanca = OS SUCCESSOS DA GUERRA ESTÃO NA MÃO DA PROVIDENCIA. =

A bondade finalmente do Grande Capitão reluz na immovel confiança, e subordinação do Exercito Portuguez, que, sôb o seu commando, ostentou o amor da Patria, e timbre Nacional, de vencer, ou morrer â sombra das Sagradas Quinas da Corôa. Desempenhou não menos o seu Titulo de Cavalleiro Gram Cruz da Nova Ordem Portugueza da Torre e Espada, emblema da *Lealdade* e *Valor*, fazendo sempre acclamar nos mais arduos conflictos o Caro Nome do Augusto Principe Regente, nosso Senhor, que lhe deo aquella Honra e Dignidade, mostrando ao Mundo merecerem o louvor com que os caracterisou a Musa Lusitana.

Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e de obediencia **.

---

* A exposta anecdota he referida por *Eliot* na Obra da = *Defeza de Portugal.* =

** Cam. Lus. V. 72.

N. XIII.

Criterio da Honra Verdadeira.

Ad exemplar veræ gloriæ legeret.

Tacit.

BLair, o Mestre da Eloquencia Britannica, he profuso, mas justo, na descripção da *Verdadeira Honra.* Elle me servirá de guia para applicalla aos factos que caracterisão a excellencia do nosso Heroe.

,, Ha hum padrão de independente e intrinseco ,, merecimento, com o qual convem aquilatar os ti- ,, tulos de quem reclama ser honrado entre os homens. ,, Por universal consenso do Genero Humano, só a ,, real virtude póde attrahir o respeito dos corações. ,, A sua linguagem he entendida por todos: em qual- ,, quer região e clima tributa-se-lhe a mesma home- ,, nagem. A honra que ella dá, he immortal; e he ,, honra não sómente na estimação dos homens, mas ,, tambem no juizo de Deos.

,, *Verdadeira honra* não consiste nas esplendidas ,, acções, e habilidades que excitão a admiração. Co- ,, ragem, proeza, fama militar, assignaladas victorias, ,, conquistas, podem constituir famoso o nome de al- ,, guem, sem fazerem o seu caracter verdadeiramente ,, honrado. Muitos heroes celebrados na historia são

,, vistos como os portentos ; as suas façanhas são re-
,, cordadas , e os seus louvores cantados ; mas a sua emi-
,, nencia póde ser de tal sorte , que não nos force a
,, prestar-lhes interior estima , e veneração sincera.
,, Para isso maior cousa se requer do que só braço
,, conquistador , e espirito intrepido. Os louros do guer-
,, reiro podem ser embebidos em sangue , murchos nas
,, lagrimas dos orphãos e viuvas , e manchados com
,, rapina , e deshumanidade. Então o *grande heroe* abai-
,, xa-se á *homem pequeno*. Se , olhado em distancia , com
,, vista superficial , o admiramos ; examinado de perto ,
,, apparece vil , odioso , e desprezivel : vem a ser co-
,, mo a Estatua Collossal , cuja immensa estatura as-
,, sombra o espectador remoto , mas que , em visi-
,, nhança , mostra-se desproporcionada , deforme , e
,, grosseira. Ainda os extraordinarios talentos , por mais
,, brilhantes que sejão , podem ter fama , mas não
,, honra , quando não se empregão em adiantar o bem
,, do Genero Humano. A fama deslumbra o vulgo :
,, a honra funda-se no juizo dos Sabios , que calculão
,, todo o caracter de quem a possue.

,, Espirito superior ao medo e proveito ; espirito
,, governado por principios de uniforme rectidão e in-
,, tegridade ; o mesmo na prospera , ou adversa for-
,, tuna ; que em nenhuma situação da vida se enver-
,, gonha ou recêa desempenhar o dever , e obrar o que
,, convem com firmeza e constancia ; verdadeiro á Deos
,, a quem adora ; e sincero á fé que professa ; cheio
,, de affecto á seus semelhantes ; fiel aos amigos ; ge-

,, neroso aos inimigos ; compassivo aos desgraçados ;
,, ardente em bem fazer ; abstemio no interesse priva-
,, do ; zeloso da felicidade publica ; magnanimo sem
,, orgulho ; humilde sem baixeza ; simples nas suas
,, maneiras ; justo sem dureza ; varonil nos seus sen-
,, timentos ; immovel na palavra dada ; candido em
,, suas protestações ; cheio de benevolencia , e de effu-
,, sões d'alma ; em fim homem que se escolheria por
,, superior , confiar-se-hia como amigo , amar-se-hia co-
,, mo irmão : tal homem , que tem genuino titulo ao
,, affecto do coração , he o que se póde gloriar de ter
,, a *verdadeira honra*.

,, A quem não tem este caracter , ainda as mais
,, altas e bem sucedidas emprezas , só o fazem appa-
,, recer como o brilhante meteóro , que afoguêa tran-
,, sitoriamente a atomosphera ; ou semelhante ao cometa ,
,, que espanta as nações com o resplendor de sua cau-
,, da , e carreira eccentrica. Porém o Heroe de genui-
,, na honra assemelha-se aos lumiares do Ceo , que
,, avanção em suas orbitas com silencioso e regular
,, movimento. Elle approva a si mesmo pelo testemu-
,, nho da boa consciencia ; e , pelo seu igual e modera-
,, do proceder , tambem escapa dos perigos , á que a
,, violencia e impetuosidade dos de contraria conducta
,, quasi sempre os precipitão. Nações inteiras se trans-
,, portão com zelo e affecto por hum Heroe genero-
,, so , e Libertador publico , ainda que só o conheção
,, por fama. ,,

N. XIV.

PARALLELO
DO
MERITO MILITAR
DE
NAPOLEÃO BONAPARTE
COM
LORD WELLINGTON.

Pessimo cuique in turbas et discordias plurima vis; pax et quies bonis artibus indigent.

Tacit.

AInda que os meritos e serviços do Lord Wellington se patentêem pela pública notoriedade, e tenhão sido apregoados ao mundo por genios superiores, espero não pareça gravoso accrescentar a esse respeito algumas reflexões; para que em todos os espiritos se manifeste a grandeza dos titulos, que elle tem á nossa veneração; e igualmente a justiça com que todo o bom Portuguez deve odiar a Bonaparte, e os seus Partidistas.

Plutarcho, nas suas *Vidas Parallelas* dos Heroes da antiguidade, fez vêr, pela comparação, a igualdade de huns, e a superioridade de outros. Não empare-

lho a Napoleão Bonaparte com o Lord Wellington. Que proporções póde ter o Inimigo da Especie Humana com o Defènsor da Humanidade? São entes heterogeneos, incommensuraveis. São contrastes, e não objectos de comparação. Até omittiria o nome daquelle *Destruidor*, se a sua mortifera existencia não se implicasse com a vida publica do nosso Heroe. Mas como elle tem admiradores, até em Inglaterra, convem desabusar o vulgo de illusões grosseiras, confrontando (por assim dizer) as suas acções e pessoas.

Fazer grandes cousas com grandes meios, não tem que se admire; mas completar as mais arduas emprezas com desproporcionados recursos, he objecto do maior louvor. Ganhar batalhas, e assaltar Praças, com immenso sacrificio de vidas, e enchendo os campos e fossos de mortos, he fazer carnificina, e não adquirir victorias. O merito do General consiste em surprender o inimigo, e vencer com a menor matança. Bonaparte seguio o *systema da destruição*, o Lord Wellington o *systema de conservação* das vidas e propriedades, ainda dos inimigos.

Antes do Lord Wellington não se decantava neste seculo outro vencedor no Continente mais do que *Napoleão Bonaparte*. As maiores Potencias havião já feito com elle paz constrangida, e deshonrosa; e todos os Estados cultos se achavão prostrados, e quasi sem vida politica. O conceito da *invencibilidade franceza* era o tremendo Phantasma, que havia subjugado a fortaleza dos valorosos, e sabios.

Ainda os Homens de Estado, e Mestres de Guerra, dos reinos e imperios mais afamados por valor e saber militar, tinhão (a julgar-se das apparencias) condescendido, com passiva fé implicita, na crença incomprehensivel, de que só Francezes tinhão o dom de Marte; que toda a Europa nada podia contra a França; e que havia caducado o antigo thema (que sustinha a dignidade humana) que *nem Hercules vale contra dois*. Não retido por algum medo ou remorso, ameaçava a Sociedade civíl de tyrannia eterna. Era facil de ver que a desordem e violencia transmigraria á America. Até a esperança de melhores dias parecia chimera. O chamado *Senado Conservador* da França, sem temor de Deos, nem respeito á Humanidade, teve o despejo de proclamar com ufanía = *O Destino deo a guerra neste seculo ao Imperador dos Francezes.* =

Lord Wellington, assim que veio á Portugal em 1808, mudou a face das cousas *; e na Victoria do Vimeiro fez surgir no Mundo a aurora da felicidade Européa, e confortou os animos de todos os bons, para não cahirem na desesperação. Com atlanticos hombros oppôz-se ao impeto dos tempos, augmentando de coragem á proporção dos recrescentes exercitos que sobrevierão nos seguintes annos.

---

* Conta-se que Bonaparte, tendo noticia do desembarque do Lord Wellington em Portugal, o desdenhára, appellidando-o = General dos *Sipães* =, mas este Heroe da India o soterrou.

Se contemplarmos os meios politicos, militares, economicos do Capitão Inglez, elles forão de incomparavel inferioridade aos do seu antagonista. Este com o titulo, e real mando de Imperador, não só dos Francezes, mas tambem do Occidente da Europa, depois de impossibilitar resistencia dos fracos restos da opposição á seus projectos, tinha sob as suas ordens todos os braços, cofres, e recursos, dos paizes subjugados, ou confederados, e havia organisado a maior força Marcial, que nunca existio, e que nem se considerou possivel concentrar-se em huma só mão. O intitulado *Systema Continental*, obstando ao commercio estrangeiro, pôz em seu poder innumeravel gente, que não podia achar emprego em trafico exterior, e industria interna. A horrida *Lei da Conscripção* não poupava ainda aos imberbes. As proezas de Bonaparte erão vigorosamente apoiadas pela arte machiavellica, como de summo intrigante, e espelho de immoralidade: ainda que a experiencia das desordens revolucionarias assás convencião, que só sabia prometter, illudir, e attraiçoar os Governos, amigos, ou inimigos, e empobrecer os povos; com tudo tinha á seu favor (não sei porque fatalidade) quasi geral prestigio e enthusiasmo dos aspirantes á fortuna subita, e desmerecida. Abrião-se-lhe as portas das Cidades por vilanias e imposturas, impossibilitando-se depois resistencia e coragem. Não foi com poucos destacamentos que venceo os exercitos da Russia, Prussia, e Austria; mas invadia e attacava com *inteiros corpos de reinos.*

Lord Wellington teve a combater a immensidade do Credito de seu adversario, e os respectivos expedientes impios. Principiou a sua carreira militar com a comparativa *miniatura* de hum exercito de 10$ Inglezes; entretanto que, achando os povos seduzidos; desarmados, e ciosos, se via coarctado pelos seus mesmos, sempre firmes, principios de religião, e humanidade, e pelos exaltados timbres ou medos dos paizes, que veio defender, e até pelo Partido de opposição do Parlamento Britannico, que muitas vezes paralysou as operações da guerra. Encarregado de defender a Causa da Sociedade Civíl, a Independencia de Portugal, e a Honra de seu Paiz, arrostou-se impavido contra o Colosso Gallico, e contra ainda os mais pavorosos Gigantes do Seculo, isto he, os *prejuizos dos Estadistas*, e as *opiniões correntes* no vulgo. Ainda que era incontestavel a Preponderancia Maritima dos Inglezes em batalhas navaes, todavia quasi ninguem se persuadia, que podesse surgir hum *vingador da Gram Bretanha*, o qual tambem ostentasse Preeminencia Terrestre em pelejas campaes, preenchendo o voto da Patria calumniada, qual o dos Carthaginezes contra Roma, que affectava ser a Senhora do Universo. *

A força do exemplo dado pelo Duque da Victoria ás Potencias do Norte, despertando as energias dos

---

* Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor.
Imprecor arma armis, nulla fædera sunto.-Virgil.

povos, no projecto da resistencia, e no methodo da guerra, excede toda a phraseologia, pela efficacia do influxo moral. O inimigo da paz, que, em soberba luciferina, havia ufaneado, que *nenhuma força do mundo o lançaria fóra do seu Campo de Pyrna*, foi, pela força daquelle dito exemplo, levado de rojô desde a *Silezia* até *Fontainebleau*, desamparando París, que elle havia proclamado a *Capital do Mundo*, sem achar pouso e pausa em hum só ponto na sua carreira fugitiva, até entregar (duas vezes) pés e mãos ligadas, o Povo e Senado Francez aos seus talvez nimiamente generosos vencedores; abrindo à França aos quatro ventos para invasão de todas as Nações, e pondo sob tributo estrangeiro a presumida Senhora das Gentes.

Aos politicos deixo o assumpto desse Serviço Européo, e Beneficio Social; e aos Poetas he á cargo immortalisar a sua fama, tendo o mais egregio thema da Epopea. Homero não o teve mais fecundo; e a analogia da Iliada fornece materia á brilhantes episodios. A discordia dos Confederados Principes da Grecia prolongou a quéda do Tyranno Priamo, e da soberba Troia, antes havida por inexpugnavel Baluarte do Despotismo Asiatico: a falta de concordia das Testas Coroadas da Europa tambem retardou a ruina da Torre Revolucinaria; mas, depois de entrar na carreira o Aquilles Britannico sob a egide de Minerva, pôde-se em pouco tempo dizer = jaz na praia o tronco. =

Bonaparte, com a immensidade de meios civís, e

militares, e politicos, nada fez, e tudo esperdiçou: elle anniquilou á potencia, a honra, e reputação nacional, abysmando a si mesmo, e a sua levantada dynastia. O Imperador d'Austria o intitulou *Grande Capitão* no seu *Manifesto de Guerra*, quando, por ultimo, accedeo á Confederação dos Grandes Soberanos; e até o Principe Regente de Inglaterra, na mensagem ao Parlamento sobre a victoria de *Vaterlóo*, avalia a grandeza d'Acção por ter *Bonaparte commandado em pessoa*. Não he maravilha que alcançasse victoria commandando tropas já aguerridas, e achando muitos Generaes feitos, que tinhão ganhado grandes batalhas. Quando subio ao *Consulado*, já tinha sido destruido, sem o seu commando, o Exercito Russo, que invadira a Italia, e penetrara a Suissa. Ninguem disputa, que os Francezes são heroes no Campo, ainda com Generaes mediocres. Porém de que vale o saber e valor, sem juizo, nem moral? Elles combatem até a morte sem causa, e até para terem a honra de servir a quem estimava as suas vidas em nada.

Bonaparte invadio todas as Nações, e as respectivas Capitaes; mas não soube, nem pôde por fim, defender a sua gente, e a séde do proprio governo. Fez o maior mal possivel á seu paiz, e ao Genero Humano. Ainda seria menos mal, se unicamente revelasse ao Universo a fraqueza moral da França, e a força physica dos Estados da Confederação Européa; mas, por seus delirios, até mostrou que era facil a estrada da Scythia até as extremidades da Europa Occidental.

Deo ao Mundo o espectaculo, nunca visto, nem jámais esperado, de virem os Tartaros acampar em París. Este mal vai além de todo o calculo. Lord Wellington assoalhou em pleno lustre a energia politica de Inglaterra, e o valor do Soldado Britannico.

Bonaparte só se distinguio em baixa inveja, e odio á Inglaterra, e á todas as Instituições liberaes, reconhecidamente justas, e moderadas na pratica. Não contente de tratar como prisioneiros de guerra os Inglezes, que, depois da paz de Amiens, e confiados na Lei das Nações, se forão á França á negocio, ou divertimento; quando sobreveio a ultima guerra, até fez dar as mais horridas torturas á hum Capitão Inglez, sem prova de crime, só porque foi fiel á seu paiz, e não revelava suppostos complices de conspirações, que elle forjava, porque as temia. Lord Wellington, podendo fazer prisioneiro quasi todo o Exercito de Soult na Batalha de Tolosa, tendo-o fechado de todas as partes, o deixou retirar, para não enchello dessa ignominia, segundo refere o proprio historiador Francez Mr. *Beauchamp*.

De Bonaparte não se contão, como ainda dos mais atrozes Conquistadores, rasgos de humanidade. Do Lord Wellington não se conta hum abuso de poder, e se referem as anecdotas de humanidade, que lhe fazem honra immortal.

Os admiradores de Bonaparte, o representão como o maior homem da historia, tendo em huma mão a

Espada de Alexandre, e na outra o Livro do *Principe* de Machiavello. Mas não foi elle o unico, que, de *nada*, subisse á *eminencia*, por casualidades da fortuna *. Tambem *Maximino*, soldado razo da Thracia, foi Imperador de Roma, quando estava a cahir o Imperio Romano. Elle foi o moderno *Agatocles*. Este antigo Dynasta, Tyranno da Sicilia sua patria, sendo de baixa origem, por summa velhacaria, artificiosa eloquencia, e felicidade na carreira militar, foi usurpador semelhante. Tem nisso especial parallello com Bonaparte, e com elle se iguala na infame deserção de seu exercito, e vil fugida que fez d'Africa, tendo-a invadido para destruir Carthago. Os Historiadores ** qualificão esse acto de *singular exemplo de malfeitoria.* Ambos erão impetuosos, astutos, vingativos, crueis, implacaveis, e temerarios; hum e outro por sua deserção abandonárão as respectivas tropas á seus inimigos, e forão dignos de igual fado. Lord Wellington subio á tão preeminente representação politica por huma carreira gradual honorifica do serviço de seu Soberano, sem a

---

* Esta, ás vezes faz de rabulas, Consules; e, de soldados, Soberanos; ou os derriba, como a Dyonisio em Corintho.

Si fortuna volet, fies ex rhetore Consul:
Si volet hæc eadem, fies ex Consule rhetor.

Juvenal.

** Veja-se Diodor. Sicul. hist. Lisb. 20., Justin. L. 22.

violencia da ambição, nem vangloria de dominação do seu, ou alheio paiz.

Bonaparte nunca foi governado pela razão; tudo pertendendo fazer á força, e intriga, mas sem calculo de tempo, lugar, e circunstancias. Pela sua expedição á Russia sobrevindo o inverno, mostrou, que não tinha conhecimentos da historia militar de invasões em paizes remotos, e tão desanalogos. Os grandes Conquistadores Romanos nunca poderão penetrar ao Norte: antes os barbaros Septentrionaes vierão destruir o Imperio Romano, com as suas irresistiveis milicias irregulares. He bem sabida a *mortandade Vareana*, em que Augusto perdeo a flor dos seus Exercitos na Allemanha, e indignado perguntou ao General = onde estão as minhas Legiões? =

Sem contar as inuteis, e ruinosas invasões antigas da Scythia, elle devia saber o máo exito da que, em mais moderna epocha, fizerão os Turcos com 70ф homens; os quaes, penetrando pela Walachia até a Russia Vermelha, no fim de Novembro de 1499, depois de devastarem á ferro e fogo muitos paizes, a Providencia os destruio pelo frio, escapando apenas 10ф, que passárão o Danubio, perseguidos pelo Principe Palatino. Prevalecendo-se das victorias contra o Imperador Alexandre, se deshumanou até o excesso de perseguir, e fazer desterrar da Russia a Luiz XVIII., que havia procurado asylo no seu Imperio. Depois de queimar a Capital de Moscow, veio com phrenetica alegria acclamar em París = *Moscow não existe.* Lord

Wellington, depois das Victorias na França, e na Belgica, pôz a sua gloria em resgatar do desterro aquelle Soberano, e a Real Familia dos Bourbons, que teve bom refugio e apoio em Inglaterra, para restabelecer, e dar estabilidade á sua dynastia. Ninguem o arguio de algum acto de crueldade, e feroz complacencia nos males da França. Bonaparte em fim, excitando as animosidades politicas da Inglaterra, e França, depois da sua segunda temeraria empreza de usurpar o Imperio Francez, valeo-se desses actos de exemplar generosidade para irritar os animos fanaticos, figurando como atróz injuria á dignidade do Estado o receber (como diz) a Nação hum Rei do Principe Regente da Gram Bretanha.

O exito da Tragicomedia mostrou, que o entendimento de Bonaparte era tão fraco, como pusillanime o seu coração. He notorio que, ainda na sciencia militar, era (antes que de todo perdesse a cabeça) só habil Executor de Plano alheio no dia da batalha, e que *Berthier* era o seu constante Mestre, e Mentor: assim que este seu fiel Achates lhe não deo apoio, e acompanhou a ElRei Luiz XVIII., e sendo de fé duvidosa, e corroído de remorsos, se matou, precipitando-se de huma alta casa; o discipulo, antes appellidado o *filho mimoso da victoria*, veio com a maior temeridade romper a campanha contra o Lord Wellington, prudentemente postado entre as Fortalezas da Belgica, que em tres dias confundio o seu desatino, destruindo-lhe o Exercito. Ainda que fosse bem succe-

dido, só o podia forçar a deixar o campo, e retirar-se com segurança, até ser apoiado pelos grandes Exercitos d'Austria e Russia, que não podião tardar a soccorrello. Mas quiz a Providencia, que o Duque da Victoria ganhasse a Causa da Humanidade, sem tanto apparato.

Bonaparte, credulo em caducos aphorismos dos seus presumidos adeptas de politica, não conhecia, que era não menos do dever, que de vital interesse dos Monarchas, apagar de todo o fóco das Revoluções da França; visto que, sobre os males da Ochlocracia, se pertendia impôr ao mundo, e aos Thronos, ainda mais perniciosa Constituição, que eleva os Exercitos á Senhores electivos dos Soberanos. Elle foi perdido, porque tornou a acreditar com fé implicita nos Oraculos de seus Conselheiros, que não podia durar *huma liga formada de elementos discordantes.*

Sendo tão extraordinarios os Serviços do nosso Heroe, considerados no directo e immediato objecto da Commissão, que se lhe conferio, ainda mais se descobrem ser de inexplicavel grandeza, pelo transcendente beneficio, que delles resulta ás Nações, que se desopprimirão. Ellas agora se comprazem e congratulão de verem completamente humilhado, e prezo como Tigre açaimado, a Bonaparte, rodeado das sombras dos cadaveres, que sem fim multiplicou, depois de só ter a infame habilidade de empobrecedor da terra, e perturbador da Sociedade, sendo os seus tropheos os despojos das Nações, e os espectaculos da miseria geral.

Até as serpentes, e os mais vís animaes, tem mortifera potencia. Qualquer scelerado tem muita força em mal fazer, e fomentar discordias; he só dos Probos, e Titos, serem as delicias da humanidade, e promover as artes da paz.

Bonaparte bradava que Inglaterra nada podia contra a França, e que todas as Potencias se devião sujeitar á supremazia da França. Lord Wellington mostrou á Europa, que, havendo cordial cooperação dos seus Monarchas, e paternal governo nos respectivos Estados, a França nada podia contra os Principes da Christandade; que a Inglaterra era capaz de subsistir por si só, com seu Espirito Nacional, e com o commercio do Mundo; e que nada teme dos projectos de algum ambicioso, que ainda tente reproduzir os desvarios de Carlos Magno, Carlos V., Filippe II., Luiz IV., ou de qualquer Dynasta, e Usurpador, e nem ainda de algum delirio transitorio de desorganisadores da Ordem Social.

Bonaparte apregoou, que o Reino Unido era o inimigo das Nações cultas: Lord Wellington mostrou ao Mundo civilisado, que o Governo Britannico, por constante politica, e bem entendido interesse, não abandona jámais o seu cargo de Defensor dos Governos regulares, e que se gloría de merecer o titulo de *Anjo Tutelar da Raça Humana*, que lhe tem dado os proprios Poetas e Oradores, desejando que se civilisem e prosperem todas as regiões do Globo, para que tambem o seu commercio seja o mais universal e lucrati-

vo; e que era emfim necessario deixar os absurdos ciumes mercantís, que a fera Erynnis com a machiavellica e trivial *Intriga Franceza* soprou, dividindo os Estados para imperar nelles.

Bonaparte justificou o dito do celebre intitulado *bello espirito* da França, que ha pessoas que brilhão em posto subordinado, mas se eclypsão elevando-se á lugar da primeira ordem. Em quanto foi simples General se mostrou déstro em dirigir, e levar á victoria, grandes exercitos; maiormente tendo por si as illusões do seculo. Julgar-se-hia capaz de ser Imperador, se não se lhe tivesse dado o imperio, como Tacito disse de Galba. * Faltava-lhe inteiramente sciencia politica: só era Cabo de recruta.

A respeito do seu caracter moral, póde-se dizer, que, sobre as suas qualidades de espirito, que a antiguidade atribuio aos habitantes da Corsica = vingança, rapina, mentira, impiedade =, tinha o coração calloso á todo o sentimento humano. Na sua favorita batalha de *Marengo*, que foi ganhada pelo sacrificio do General da Cavalleria *Dessaix*, quando o vio morto, disse friamente = *porque não me he permittido chorar?* = E quando na mais mortifera batalha da Russia pareceu com hypocrisia enternecer-se á vista de tanta mortandade, mostrou arrependimento desse vislumbre de com-

---

* Consensu omnium capax imperii, nisi imperasset.

Tacit.

paixão, dizendo, que receava que a repetição destes lances o tornasse menos guerreiro. O Lord Wellington na batalha de Waterloo não pôde conter as lagrimas, vendo sem vida a tantos homens valorosos, e fieis amigos; e disse que não podia receber, nem dar, consolação. Elle se compadeceo no intimo d'alma de tanta gente, ainda inimiga, sacrificada á ambição de hum malvado, que illudia a vaidade dos Francezes, adulando-os com o titulo de immortaes; e naquella ultima acção mostrou aos Povos, que as valentias, as presumpções de invencibilidade, e as tacticas de prodigios, erão phantasmagorias de impostores, para aterrarem a timidos, idiotas, e credulos, que prostrarão a sua virilidade. Elle reintegrou o decoro das Nações guerreiras.

Bonaparte com vãs theorias de seus Economistas, inculcando a sua Physiocracia de Monomotapa, quiz persuadir, que os povos pobres darião a Lei aos ricos. Lord Wellington mostrou aos Gabinetes, por *factos* (que são os criterios da verdade) que o paiz de mais liberal commercio, e prezador das Artes e Sciencias, he, por força, mais intelligente dos verdadeiros interesses sociaes; sendo consequentemente mais rico e poderoso, necessariamente exerce poderío immenso, e irresistivel influxo, na sorte dos Imperios, e ha de supplantar e punir gentes que vivem de correrías e piratagens, émulas dos Barberescos, que sempre roubão, e sempre vivem sob tyrannia e miseria. Até fez desvanecer o antigo erro economico-politico, de que as Nações agricolas erão as que conquistavão as commerciantes;

confirmando a theoria do Mestre da Riqueza das Nações *Adam Smith*, que = a Nação que póde fazer melhor as despezas da guerra, pelos reproductivos e inexhauriveis recursos da industria, e navegação, será em fim a que dê a Lei ao inimigo; e seja a arbitra da Paz. = Sem as hostes das Potencias do Norte não se debellaria a França: existião os braços e peitos; mas o subsidio, e credito mercantil de Inglaterra forão os que lhes derão impulso, alento, e triumpho.

Bonaparte, ainda que affectasse seguir a Religião Catholica, com tudo, por todo o theor de sua vida, manifestou a sua indifferença á toda a Religião, e Crença na Providencia. Lord Wellington mostrou á Humanidade que, posto se perverta e desorganise a ordem social, e rebeldes ostentem apostasia das Leis do Regedor do Universo, nunca poderáõ destruir o tribunal da consciencia, e nem escurecer de todo nos homens a *imagem* de seu Senhor (*).

Bonaparte projectou a conquista de Portugal, e ousou provocar todas as Potencias, na errada opinião

---

(1) " The dregs corrupt
" Of barbarous ages, that circean draught
" Of servitude and folly. have not yet,
" (Bless'd be th' eternal Ruler of the world!)
" Yet have not so dishonour'd and deform'd
" The native judgment of the human soul,
" Nor so defaced the image of her Sire."

Akenside.

de ser aquelle Reino indefensavel, e a França impenetravel. Lord Wellington mostrou ao contrario, que o territorio Portuguez era o melhor Posto Militar da Peninsula, e verdadeiramente inexpugnavel pelo espirito público dos seus habitantes; e assoalhou ao mundo a fraqueza do Imperio Francez, que só tinha por fundamento o atheismo, e não o patriotismo.

N. XV.

OBSERVAÇÕES
DO
ESCRIPTOR INGLEZ
FRANCISCO L. CLARKE
BIOGRAPHO
DO
LORD WELLINGTON.

QUando Napoleão se arrojou com o seu Gigantesco Plano a ir abysmar o Imperio Russo, os seus Ministros apregoavão, que toda a Europa estava agora marchando sob o commando do Grande Capitão contra huma Potencia, cuja prompta desfeita seria o seguro penhor da *ruina de Inglaterra*, e da *Paz do mundo.*

Era evidente que a *destruição do Imperio Bri-*

tannico formava o objecto que o Usurpador chamava *Paz do Mundo*. Lord Wellington tinha igualmente em vista a *Paz do Mundo*, mas por mui differentes principios; estando certo que, para se obter esta paz, a honra e o interesse da Gram Bretanha exigião, que se libertasse a Peninsula da tyrannia da França, em união com os seus bravos alliados de Portugal e Hespanha.

Se se fizesse hum parallelo dos dois maiores Capitães do dia, quão forte seria o constraste! se houvessemos de julgar dos seus sentimentos interiores pela respectiva conducta, quam energica seria a pintura!

Lord Wellington tinha a consciencia de sustentar o proprio caracter, e o das Armas Britannicas, certo que contendia pela permanente independencia, honra, e prosperidade de hum generoso Alliado, que tinha soffrido as mais desmerecidas e crueis afrontas do partido oppressor; que os seus passos erão seguidos das bençãos, e orações da Nação soffredora; e que a causa da Humanidade, liberdade, e de tudo que he caro ao homem, estava delegada á sua sabedoria e valor. Podião taes reflexões entrar no peito do Flagello da Europa? Podião ellas jámais realçar os seus triumphos, e consolallo em seus revezes?

Quando elle alagava o mundo civilisado com diluvios de sangue, e violava todos os laços de honra, que até agora se consideravão sagrados, ainda pelas nações selvagens, o seu coração não podia derivar prazer algum da sympathia de seus semelhantes; mal con-

templava a gloria militar como a sua unica recompensa, e ao seu altar consagrava tão horrorosos sacrificios: só podia estar seguro que o seu idolo sómente viviria, em quanto a fortuna lhe désse seus sorrisos; porém que o sopro da infelicidade destruiria a reputação que havia adquirido na guerra, e legaria o seu nome á posteridade, infamado com as maiores ignominias, e execrações. Futuro historiador se ha de admirar, e até não crer, da fatuidade da conducta deste que se tinha por Adonis da Fortuna. A inconquistavel natureza de Portugal, como depósito de defeza, a constitucional obstinação do povo da Hespanha, a sabedoria sem rival, do genio de Wellington, formarão hum obstaculo insuperavel aos projectos do Invasor, para que não estava preparado. Elle vio em fim o *triumpho da primeira Grande Nação*, que o atacou no seu proprio territorio, combatendo por objectos puramente nacionaes, = *Triumpho da independente Virtude sobre a perfida Força.*

N. XVI.

OBSERVAÇÕES

DE

Mr. BEAUCHAMP,

Escriptor da Historia da Campanha de 1814.

HA o mais notavel contraste entre estes dous Homens de Guerra. Bonaparte he essencialmente *Destroidor*, sacrificando tudo ao seu interesse, e á sua ambição delirante: Lord Wellington não era senão o Conservador dos homens, dos imperios, e da probidade. Este defendia e protegia os povos, e os Reis; Bonaparte os pizava aos pés, orgulhoso, e deshumano, preparando as suas victorias pela perfidia, e não conseguindo senão á força de carnagem. Lord Wellington não alcançava as suas vantagens, senão por hum sabio emprego do tempo, e de combinações militares. Prudente, e discreto no calculo de probabilidade de huma fortuna feliz, assignalava os seus triumphos pela generosidade com os inimigos vencidos. Bonaparte não era jámais tão arrogante como no seio da victoria: Lord Wellington no seio della he que se mostrava com superior candura. Bonaparte precisava de innumeraveis tropas para conquistar: Lord Wellington restaurava e conquistava os Estados comparativamente

com pequenos exercitos. As retiradas de Bonaparte erão desastres, as do Lord Wellington erão tiumphos. Bonaparte com os seus numerosos batalhões, precipitava-se como huma torrente que trasborda, e tudo derruba, destroe, e arraza: os exercitos capitaneados por Wellington traspassão pacificamente os campos, sem perturbar os camponezes, respeitando os homens, e as suas propriedades, enriquecendo os paizes na sua passagem, não deixando senão os traços da prosperidade, e abundancia.

N. XVII.

CARACTER MORAL DE BONAPARTE, E DE SEU IMPERIO HOMICIDA.

Documentum posteris! Homines, cum se fortunæ permisere, etiam humanitatem dediscere. --- Auferre, trucidare, rapere, falsis nominibus *Imperium*; et postquam solitudinem fecere, *Pacem* appellant.

Curt. Tacit.

O Primeiro elemento da Moral, he o culto ao Regedor do Universo; e o segundo, o respeito ás vidas dos homens, e o amor do seu bem. Bonaparte parecia só crer no Ente Eterno, em quanto blasfemava, arrogando-se a sua omnipotencia, dizendo = *Deos deo-me a vontade, e o poder = Tenho Decretado = &c.* Quanto ao conceito dos homens, proclamou antes da sua primeira Abdicação, que tinha razão para os desprezar, e por isso o assassinio ou tormento da Especie Humana, não entravão nos seus calculos do projectado *Grande Imperio*; e por isso tambem empu-

nhando o seu *Flagello de escorpiões*, destroio homens por myriades, e por todo o genero de mortes, com mais espantosa velocidade que as Pragas do Egypto, e Pestes da Turquia. Lamentavão expirando nos hospitaes os moços conscriptos, dizendo na Hespanha = *morremos aqui como as moscas.* = *

Lord Wellington com razão denominou a Bonaparte *Inimigo da Especie Humana.* Este pessimo homem tem sido caracterisado pelos adoradores da fortuna, o *Homem Extraordinario, e tres vezes Grande.* Mas a pura verdade he que só foi o mais extraordinario e maior malvado que tem apparecido nos Annaes da Historia.

Elle destroio nas guerras de seu Imperio Devastador até a milhões dos proprios nacionaes (o que qualificava com o epitheto diminutivo de *algumas victimas*): dizia ter 360$ homens de renda cada anno, e que podia gastar á arbitrio 30$ cada mez; calculando a vida humana em nada, ou como simples artigo de despeza, que prodigalizava sem escrupulo, nem economia; chegando ao excesso de dizer com insulto á Humanidade, que só *despendia* o *luxo da população.* = *Poupai o sangue Francez* = **, dizia o pai da philosophia da *França*; mas o emulo e imagem do

---

* Nous mourons ici comme des mouches.

** *Descartes* assim dizia estando em doença mortal, quando os Medicos lhe receitavão sangria.

Apollyon do Apocalypse o derramou em torrentes, executando o legado de *Roberspierre*, que projectou reduzir á metade a população do paiz, attribuindo as miserias do Estado ás vidas supernumerarias. Reduzio a huma grande parte da Nação a não ser mais que turma de assassinos, mudando-lhe o caracter festivo, e sentimental, que antes a distinguia, e que até fez celebres por humanidade os cavalleiros da França.

O horrivel quadro do caracter immoral de Bonaparte, só pela viva penna Franceza se póde descrever. Transcreverei as seguintes passagens da Obra de de Mr. *Chateaubriand*, que he dos acreditados literadores da França, e fez a mais exacta descripção classica da horribilidade daquelle Monstro Revolucionario, do seu Imperio homicida, e do seu Codigo de Draco.

,, O *Codigo da Conscripção*, (diz elle) foi ver-
,, dadeiramente o *Codigo do inferno*. As gerações da
,, França estavão destinadas á córtes regulares, como
,, as arvores das matas. Todos os annos devião ser
,, abatidos oitenta mil homens. Mas esta era a morte
,, regular: muitas vezes se dobrava e fortificava por
,, extraordinarias recrutas; e muitas vezes elle devo-
,, rava anticipadamente as futuras victimas, como hum
,, perdulario dissipa por emprestimos as suas rendas
,, dos seguintes annos. Até as mulheres pejadas erão
,, postas em tortura, para descobrirem o lugar em que
,, tinhão enterrado os seus primogenitos: os pais erão
,, forçados a apresentar os cadaveres de seus filhos.

,, Bonaparte dizia com desprezo dos homens, que os
,, conscriptos erão a *materia primeira da obra de*
,, *canhão.* Fez perecer em seu reino de onze annos
,, mais de cinco milhões de Francezes, e no ultimo
,, anno recrutou (sem contar a guarda nacional) hum
,, milhão, e trezentos e trinta mil homens.

,, Era facil de prever o que aconteceo. Todos
,, os homens sabios dizião, que a conscripção, es-
,, gotando a França, a exporia á invasão, logo que
,, fosse seriamente attacada. Ella tendia a aprofundar no
,, barbarismo a Europa inteira. Por ella as artes, e as
,, letras havião de ser innevitavelmente destruidas. As
,, Nações vizinhas, obrigadas para se defenderem a
,, recorrer á iguaes meios, abandonavão as vantagens
,, da civilisação; e todos os povos precipitados huns
,, sobre os outros, como se estivessem no seculo de
,, Godos e Vandalos, verião renascer as infelicidades
,, desse tempo.

,, Quebrando assim os laços da Sociedade geral, a
,, conscripção anniquilava tambem os da familia. Os
,, filhos accostumados desde o berço a considerarem-se
,, como victimas dedicadas á morte, não obedecião
,, mais a seus pais; fazião-se preguiçosos, vagabun-
,, dos, e libertinos, esperando o dia de irem roubar
,, e matar pelo mundo. Que principio de religião e
,, moral teria tempo de se arraigar no seu coração?
,, Os pais e mãys de sua parte não fixavão os seus
,, affectos, nem davão a devida educação á filhos
,, que se preparavão a perder, e que não serião

,, mais a sua riqueza e arrimo; mas antes objectos de
,, dor, e pezo. Dahi se originava a dureza d'alma;
,, o esquecimento de todos os sentimentos naturaes,
,, que conduz ao egoismo; a indifferença ao bem
,, e mal, e amor da patria, que extingue a cons-
,, ciencia e remorso, e abandona o povo á escravi-
,, dão, tirando-lhe o horror do vicio, e a admiração
,, da virtude.

,, Bonaparte definia a politica = *arte de zombar*
,, *dos homens.* = Mas, com ella, perdeo tudo no
,, seu abominavel jogo, e a França foi quem lhe
,, pagou a perda.

,, O seu *Systema Continental* foi de hum louco,
,, e de hum menino. Por esse systema inensato quiz-
,, se fazer senhor da terra, não fallando senão da
,, *Liberdade dos Mares.* Por elle deo aos Inglezes
,, todas as Colonias do Mundo; e abrio-lhes no Pe-
,, rû, Mexico, e Brazil, hum mercado mais con-
,, sideravel do que queria fechar-lhes na Europa.
,, Assim a guerra enriqueceo o povo, que elle per-
,, tendia arruinar. Ser-lhe-hia preciso tambem fechar
,, os portos da Turquia, e Barberia. Quando o con-
,, seguisse, os povos remotos, vendo-se privados de
,, exportar o seu superfluo, sacodirião o jugo, e tor-
,, narião a abrir os seus portos. Todas estas machi-
,, nações não erão senão vistas falsas, emprezas pe-
,, quenas, á força de serem gigantescas, faltas de
,, razão e bom senso, fatuidade de hum louco furioso.

,, Hum homem não he grande pelo que empre-

„ hende, mas pelo que executa. Toda a pessoa póde „ phantasiar a conquista do Mundo como Alexandre; „ mas, com politica negra, só Bonaparte, tendo, „ de facto, dependente a Hespanha, usou de vís trai- „ ções e crueldades, e com isso irritou todo o po- „ vo, reanimou o espirito de todos os Europeos, e „ criou hum exercito de terra para os Inglezes, e „ depois de quatro seculos os torna a trazer aos „ campos de *Poitiers*, e lhes entrega os thesouros „ do Mexico, e attrahe os Russos ao *Louvre*. Gran- „ de e terrivel lição!!

„ Em Outubro de 1812 demora-se sobre as mar- „ gens do *Dwina*. Se se contentasse de tomar *Riga*. „ e aquartelar no inverno o seu exercito de 600$ ho- „ mens, e entretanto organizar a Polonia que lhe „ ficava na retaguarda, e tornar ao attaque na pri- „ mavera, talvez pozesse em perigo o Imperio dos „ Czars. Nada disso. Sem armazens, sem hospitaes, „ sem boticas, sem cirurgiões (proporcionalmente á „ tanta gente) avança, como hum descabeçado, sem „ precauções para a retirada. Foi tão sandêo, que „ esperava, que hum povo que queimou a sua capi- „ tal, capitularia sobre as ruinas fumantes das pro- „ prias casas. Os seus Generaes bradão que he tem- „ po de se retirar. Elle foge praguejando como huma „ criança em furia, ameaçando que tornará com o „ *exercito vingador*, cuja vanguarda seria de 300$ ho- „ mens. Deos envia hum sopro de sua Colera: tudo „ perece, elle escapa, e sem vergonha vem esfre-

,, gar as mãos em Paris, dizendo, *aqui he melhor*
,, *do que nas margens do Berezina.*

,, Acabou-se a sua gloria militar. Foi, dizem, ,, grande ganhador de batalhas: porém o menor Ge- ,, neral he mais habil do que elle; pois nada entende ,, de retiradas, e da *chicana de terreno* (*guerra de* ,, *postos*). Era insoffrido, e incapaz de esperar por ,, muito tempo hum resultado, fructo de huma lon- ,, ga combinação militar. Sabía obter victorias á *gol-* ,, *pe de homens*, tudo sacrificar por hum successo, ,, sem se embaraçar com o revez. Não se lhe impor- ,, tava matar metade de seus soldados á marchas ,, forçadas. Cria-se que tinha aperfeiçoado a arte da ,, guerra; mas elle a atrazou, fazendo-a retroceder ,, para infancia da mesma arte.

,, O Chefe d'Obra da arte militar em povos ci- ,, vilisados he defender hum grande paiz com hum ,, pequeno exercito; deixando descançar muitos mi- ,, lhões de homens atraz de poucos milhares de sol- ,, dados, para o lavrador cultivar em paz as suas ,, terras, ainda perto do campo da batalha. O vence- ,, dor do mundo não nos defendeo nos nossos lares. ,, Todo o seu genio de subito o abandonou? Porque ,, encantamento a França, que *Vauban* fechou com ,, tantas fortalezas como hum bello jardim, he agora ,, invadida por todas as partes? Em *Dresden* com- ,, metteo erros sobre erros. Mostrou ignorancia incom- ,, prehensivel do que se passava nos Gabinetes. He ,, batido em *Leipsic*; vem queimar a Cidade onde foi

,, educado ; e livra em fim París de sua presença
,, odiosa, mandando defender huma Capital indefen-
,, savel, onde forão despedaçadas muitas crianças pela
,, artilharia, gritando *ah minha mãy, minha may* !!
,, Este crime he o maior de todos, e imperdoavel. ,,

Pelo antecedente quadro comparativo, se póde affirmar que, em quanto o nome de Napoleão Bonaparte cahirá em esquecimento, ou será ouvido sempre com execração; o nome do Lord Wellington se guardará com respeito e affecto no Templo da Memoria, e será pronunciado com agradecimento e louvor até o fim dos seculos, com pura gloria, devida aos Grandes Bemfeitores da Sociedade.

N. XVIII.

TYRANNIA DE BONAPARTE Á LITTERATURA.

> Nemo imperium flagitio adquisitum bonis artibus exercuit. = Præbuit documentum præcavendi, quomodo fraudibus involutos, et flagitiis commaculatos, sic specie bonarum artium falsos.
>
> *Tacit.*

PARA prova da Tyrannia de Bonaparte á Litteratura, basta notar os seguintes factos.

O seu espirito mesquinho e illiberal até fez monopolio de conhecimentos, e taxa litteraria no systema das sciencias. Isto manifesta-se na ordem que deo sómente á chamada *Primeira classe das Sciencias Naturaes* (*Mathematicas e Physicas*) do *Instituto* de *Paris*, para lhe dar conta do progresso respectivo, admittindo huma *Deputação* em 6 de Fevereiro de 1809 ao Conselho de Estado. São notaveis as seguintes adulatorias e vaidosas phrases do Relatorio, que fez o mais antigo Membro Mr. *Bougainville*. Nelle se não faz a

mais leve menção das sciencias moraes, e menos de obras sobre economia politica, commercio, statistica, e politica.

" A parte que he devida aos Francezes no aperfeiçoamento dos methodos analyticos, que conduzem ás grandes descobertas do *Systema do Mundo*, e até para as descobertas nos tres reinos da natureza, provará que, se a influencia de hum só homem tem feito heróes a todos os nossos guerreiros, os nossos sabios, honrados pela protecção de V. Magestade, a quem elles tem visto nas suas cadeiras, tem direito de accrescentar raios á gloria nacional. Temos proposto algumas idéas para o regulamento da primeira ou popular instrucção nas *Sciencias Physicas*, e que V. Magestade ordenasse o desenho de hum *Novo Systema de existencias physicas.* ,,

" Seria a desejar que o nome de Napoleão, que já está posto á frente de tão grandes monumentos, de tantas sabias Leis, de tantas instituições uteis, decorasse o titulo de huma *Obra Fundamental da Sciencia.* De todos os estabelecimentos formados, e de todos os trabalhos emprehendidos por ordem de Alexandre, só nos resta a *Historia dos Animaes* de Aristoteles, eterno testemunho do amor deste grande Principe aos *conhecimentos naturaes.* = *Huma palavra de V. Magestade póde crear huma Obra*, que tanto excederá a de Aristoteles, como as acções de V. Magestade sobreexcedem a do Conquistador Macedonio. = ,,

Que Panegyrico do Despota para opprobrio á

Litteratura! Obra Prima em Sciencias só póde ser inspirada pelo eterno Author de todo o bem perfeito, e Pai das luzes, e não jámais por ordens de Tyrannos. O destruidor das existencias humanas, só póde querer *Historia de Animaes*!! Não lhe interessa a *Historia dos Racionaes*, nem recommenda promover a *sciencia do espirito*, que domína a materia, e os estudos da Ordem Social, que entrão não menos no *systema das existencias physicas*, e sem que, he impossivel que tenha utilidade e extensão a *Historia dos Animaes*, nem qualquer outro ramo de conhecimentos humanos. Já o seu adulador *Lacepede* se jactou da sua *Historia dos reptis*: nella bem classificaria a dos *Letrados amphibios*, que lhe tributarão vís incensos.

Bonaparte assim fallou: = ,, Desejo, saber o ,, progresso do espirito humano nestes ultimos tem- ,, pos; a fim de constar a todas as Nações, e se ,, fecharem as boccas dos detractores do presente se- ,, culo, que representão os conhecimentos como re- ,, trogrados, por isso que desejão a sua extinção. = ,,

Bonaparte, não contente de prohibir a obra da celebre Madama de *Stael* sobre a Litteratura d'Alemanha, e não obstante haver préviamente sido licenciada depois de varios córtes da censura, fazendo-lhe perder toda a despeza da edição, deo ordem para desterralla da França, sem outra causa mais do que, o elogiar nas seguintes passagens a Litteratura Ingleza, e attribuir o progresso dos Alemães á lição dos classicos de Inglaterra

,, A philosophia dos Inglezes he dirigida a resultados vantajosos ao bem da humanidade. — Os Inglezes honrão-se com razão de tudo o que possuem, de tudo o que são, de tudo o que podem ser; elles poem a sua admiração, e o seu amor, nas suas leis, nos seus costumes, no seu culto. Tendo tanta originalidade no caracter, temem comtudo assás geralmente os novos Systemas. A sabedoria do espirito lhes tem feito tanto bem nos negocios da vida, que sempre a querem ter nos estudos intellectuaes &c. Elles em todas as cousas querem pôr accôrdo nas acções e nos principios. He hum povo discreto, e ordenado, que comprehende na sabedoria a gloria, e na ordem a liberdade. = ,,

Elle não consentio na segunda edição da obra de Mr. João Baptista Say, sobre a economia politica, só porque propagou alguns dos liberaes principios do celebrado Adam Smith, que se oppunhão ao seu systema; sendo por isso supprimida por dez annos a que publicou no anno passado, como o declara na sua dedicatoria ao Imperador da Russia: nem valeo ao Author a condescendencia (que lhe não faz honra) de sustentar contra todos os Escritores Inglezes, que o trabalho do escravo he mais productivo que o do homem livre. Tiverão outros igual sorte, como *Constant Benjamin*, que, em razão disso são ainda mais conspicuos na Europa culta; assemelhando-se a Tiberio, que fazia desapparecer as imagens dos Varões eminentes, os quaes por isso mesmo erão mais viziveis, con-

forme disse o Historiador Tacito. * Pelos quadros, que este fez dos Tyrannos, com pincelladas de Mestre, Bonaparte prohibio dar-se á luz huma traducção das suas obras. . . . .

Quanto a inculcada protecção das Artes, sabe a Europa, que elle a manifestava só por ostentação das victorias sobre os paizes em que florecião, para nutrir a vaidade dos Francezes. O roubo das Nações nunca foi o meio de promover o bem permanente dos Estados. Pelo córte do commercio maritimo, extinguio mais artes superiores, do que pôde crear com Estatuas transportadas de Italia á París, como as de Apollo de Belvedere, e Venus de Medicis.

Fez, dizem, Festas magnificas, Theatros esplendidos, Fogos de artificio, Banquetes publicos, Fontes de Vinhos, Obeliscos no campo de Marte, &c. Tambem assim praticou Nero. Póde-se dizer com o dito Tacito. = a isto os imperitos chamavão humanidade, sendo só parte da escravidão. = †

Embora os seus admiradores o intitulem *Homem extraordinario*; mas a posteridade não lhe dará o titulo de *Homem Grande*; sim o de *Estupendo scelerado*, tendo o maior *Talento de mal fazer*; visto que, podendo fazer o bem, e dando-se-lhe (por assim di-

---

* Præfulgebant Cassius et Brutus, eo ipso quod effigies eorum non visebantur. *Tacit.*

† Idque apud imperitos humanitas vocabatur, cum pars servitutis esset. *Tacit.*

zer) o ponto de apoio, fez o maior possivel mal ao seu paiz, e ao Mundo, pervertendo a Patria, e destroindo a Humanidade.

Teve as idéas mais gigantescas, porém as mais absurdas, do regimem civil, não sabendo a verdadeira, Arte Politica de governar os homens pelo entendimento e vontade; mas só por força bruta, prestigio de palavras, e infunação de vaidade nacional, apenas mudando os termos de *liberdade* e *igualdade* em *gloria* e *victoria*, sem previsão das consequencias. Elle illudio as esperanças dos que, reconhecendo a necessidade de dar centro de unidade ao governo da França, e tranquillidade á Europa, se abandonarão á falsa seguridade, elevando-o ao Imperio, sem advertirem, que enthronisavão a huma *Fera.*

Os enthusiastas dizem: foi Protector das Sciencias, e Artes, e reformou a Legislação no Codigo Civil, Commercial, Penal, &c., que toda a Europa applaude.

A isso respondo. Tendo feito infinidade de males, como a Revolução, seria a sua regencia *completa monstruosidade*, se tambem não fizesse algum bem. Porém, se existe bem real, não he obra sua; visto que para elle mal concorreo com Ordem, que he facil dar quem tem o poder absoluto. Achou o resto de sabios na França (que por milagre escaparão da guillotina, e fuzillada). Elles erão as creaturas dos estudos estabelecidos pelos seus bons Reis, desde Francisco I., patrono e amante das Sciencias e Artes da paz. Verosimilmente os graves erros, que tem sido notados no

seu Plano de Estudos, e no Systema dos Codigos, são meros dictames do Despotismo do Tyranno; o que ahi ha de bom, he obra das luzes do seculo.

Bonaparte só fez mudança de nomes, e não reforma essencial. Em lugar de Universidades e Academias, deo-lhes os titulos de *Instituto Nacional*, = *Licéo* = *Escolas Normaes*, e *Polythecnicas*. Que ganhou nisso a Sociedade? Affectou ser Membro do *Instituto*, só para corromper os espiritos, obter aura popular, extorquir elogios, e sophisticar o caracter publico, pondo a mentira, duplicidade, exaggeração, e impostura, á *ordem do dia*. Apenas deo titulos e honras aos condescendentes; e só approvava os engenhos doceis, que aspiravão, não á genuino louvor de serem os Mestres e Medianeiros dos povos, mas á falsa gloria de serem os senhores ou oppressores dos Estados. Com vil inveja dos talentos superiores, e odio aos homens de caracter, não deo entrada nos Corpos Politicos aos que a Republica das Letras dava fama, e proedria.

N. XIX.

EXTRACTO

DAS OBSERVAÇÕES DOS REDACTORES DO Jornal Litterario da Universidadede Edimburgo. = The Edimbourg Review =. N.º 48 Pag. 505, analysando a Obra Franceza = *Espirito de Conquista* = *de Benjamin de Constant.*

Nero à pessimo quoque semper desiderabitur . . . providendum est ne etiam à bonis desideretur.

Tacit. Hist. Lib. 1.

" O Vaticinio de Rosseau, que Tartaros acamparião em París, que foi hum pensamento de declamação misanthropica, verificou-se á letra. Bandos de Cosacos protegerão a propriedade, e restaurarão a liberdade das Cidades commerciaes de Hamburgo e Amsterdão; e milhares delles se aquartelarão nos mais brilhantes passeios da Capital da França. ,,

" Se se tivesse procurado por todo o Globo huma residencia para a Terrivel Personagem de Napoleão, mais perigosa á França, todos assignarião a Ilha de *Elba.* Diz-se que este lugar foi primeiro suggerido pelo Marechal *Ney*: e que Bonaparte requerera a Ilha

de *Corfú*, que lhe fora recusada, com o pretexto de que poderia perturbar a tranquillidade da Turquia. A decisão da maioridade de votos do Conselho foi pela Ilha de Elba. Talvez no estrondo do triumpho, e na ancia de vencer-se o ponto principal, se prescindio de hum perigo contigente; e, na ardencia da Victoria, desprezou-se o prostrado inimigo. Comprou-se a abdicação de Napoleão á hum preço liberal, para se prevenir mais effusão de sangue, e não se prolongar a incerteza do successo, temendo-se a virtude e fidelidade militar de quarenta mil soldados nas vizinhanças de *Fontainebleau*, e provavelmente de trinta mais nas Provincias do Loire, que mostravão ao seu Chefe affeição, que podia ainda ser abrazada em terrivel chama. „

" A subita, e apparentemente completa, mudança na opinião do Exercito, não menos que do povo, que se seguio á abdicação, he hum symptoma do caracter de Francezes, e de Soldados, que merece mais reflexão, do que se lhe tem dado. Aquelle, que, dez mezes antes, parecia o indisputado Soberano da França, e que ainda na ultima semana se mostrava reter o enthusiastico affecto da flor do Exercito, foi conduzido por quatro Officiaes estrangeiros ao lugar do embarque, sendo protegido por huma escolta de Tropa estrangeira, para não ser destruido pela populaça da Provença. Todos os oppoentes cederão aos Bourbons. *Carnot*, com a guarnição de Antuerpia, proclamou a sua submissão, e a demonstrou com o seu exemplo na entrega desta Fortaleza, que aliás era, sobre todas

as conquistas, o objecto de orgulho e politica nacional. Até *Soult*, que se fez tão odioso á Real Familia pelas suas insultantes proclamações contra o Duque de Angouleme, convenceo pela sua tardia adhesão, que a torrente era mui forte para elle resistir. A restauração da Casa de Bourbon teve todo o caracter de hum unanime Acto Nacional. Luiz XVIII. poderia admirar-se para onde os seus inimigos tinhão fugido, e onde os seus amigos se tinhão ha tanto tempo occulto. Tudo parecia ser lealdade, jubilo, e triumpho. Todos os partidos estavão á porfia em demonstrações de alegria na união de *legitimidade* e *liberdade*, que promettia perpetuar os beneficios do longo conflicto, e pôr termo á seus soffrimentos. ,,

" Napoleão pareceo ser universalmente esquecido, excepto por alguns viajantes Inglezes, cuja inquieta e vagabunda curiosidade os levou ao seu retiro. Algumas sociedades ociosas ainda discutião a questão, se elle devia cahir pelas proprias mãos, conforme o thema do *tyrannicida*, que antigamente se discutia nas Escolas de Declamação em Roma. Numerosas classes de pessoas, cheias de candura aos poderosos, e de severa justiça aos decahidos, jactavão-se de seu prévio conhecimento de caracter de Bonaparte, declarando, que sempre o desprezarão, como vil cobarde. Outros attendião com interesse á noticia espalhada dos argumentos á favor e contra o suicidio, que se diz elle tivera antes de deixar Fontaineblau; e que se declarara contra os exemplos da historia dos homen

extraordinarios nesses criticos momentos, accrescentando = *Eu não sou inteiramente desprovido de todo o sentimento religioso.* * Nas suas conversações em Elba, predisse que os Bourbons pereceriāo, se não ganhassem alguma cousa para a França na partilha do despojo que se estava fazendo em Vienna. Elle disse, que França continha huma mocidade marcial, e meio milhão de homens exercidos nas armas; que o tufão se levantaria do centro da França, que faria convulsa a Europa pelos seus fundamentos .,,

" Todos, que tiverão a opportunidade de observalo de perto, erão convencidos, que elle mantinha projectos de ambição, e seriamente meditava no retorno á França. Diz-se, que as grandes remessas de dinheiro enviadas á José Bonaparte no paiz de *Vaud*; as preparações por elle feitas para ajuntar homens, com o pretexto das disputas entre este paiz e os antigos soberanos de Berne; e o estabelecimento de quarteis para varios centos de Officiaes Francezes á seu soldo; havião sido communicadas pelo Governo da Suissa ás grandes Côrtes. Tanto nos suburbios de París, como nas margens do Lago de Genebra, *La Violet* era a senha para se reconhecerem os Partidistas. Elles trazião aneis de côr roxa com a divisa. = Ella tornará a apparecer na primavera = *Elle reparaitra au primtems.* Quando se perguntava = *aimez vous*

* Et d' ailleurs je ne suis entierement depourvu de tout sentiment religieux.

la violete ? = (Amais a violeta ?) se a resposta era *oui* = (*sim*) = , inferia-se que o respondente não era confederado ; porém , se a resposta era *eh bien* = (*está bem*) = , elles reconhecião o irmão iniciado nos segredos da conjuração , e replicavão = *reparaitra au primtems.* = ,,

" A universal opinião de que Bonaparte não estava ocioso em Elba , não póde melhor ser provada , do que pela seguinte passagem da Obra publicada em París em Janeiro do corrente anno de 1815. = *Essai sur la Revolution Française* = Volume 3.° Pag. 315. = ,, O escuro retiro de Napoleão póde vir a ,, ser celebre como elle mesmo. Na humilde Ilha de ,, Lemnos repousarão muito tempo ociosas as flexas ,, (de Hercules , dadas a Philoctetes) á que erão ,, ligados os destinos de Troia. Toca ao Monarcha ,, que preside aos destinos da França , e aos Soberanos que estipulão neste momento a paz e repouso ,, do mundo , prevêr , e desviar este perigo pavoroso , ,, em quanto he possivel. ,,

" He difficil determinar , se alguma prudencia podia ter prevenido a catastrophe do retorno de Bonaparte. *Em justiça se deve confessar , que , nos dez mezes do Governo de Luiz XVIII. se gozou de mais liberdade civil na França , do que em algum periodo da historia deste paiz.* Não houverão prisões arbitrarias ; apenas se fizerão huma ou duas fracas tentativas de degradar alguns homens desaffectos á ambas as Camaras. As assembleas legislativas nunca tiverão mais liberdade de imprensa , nem real discussão. ,,

" Porém o espirito da soldadesca accostumada á victoria, e indignada pelas derrotas; o descontentamento dos Officiaes, antes triumphantes sobre os Alliados do Governo, á quem agora servião; a ambição dos Generaes, cujos companheiros tinhão alcançado Principados e Reinos; a falta de respeito do Exercito á hum Soberano não guerreiro; os habitos militares espalhados sobre toda a população da França; certamente constituem huma fonte de perigo ao restaurado Monarcha, contra que nenhuma sabedoria póde achar, ou ainda conceber, perfeita segurança. ,,

" Porém em taes casos, o retardar o perigo, he ganhar a probabilidade de prevenillo. Toda a demora ao menos tem a tendencia de desarmar o Exercito. O Tempo he o Alliado da Tranquillidade: dous annos de descanço poderião dar ao povo da França superioridade sobre a soldadesca, e assim segurar a Europa contra o barbarismo militar. A moderada administração de Luiz XVIII. já completou, em grande grão, a obra da conciliação. ,,

" Comtudo a perspectiva do mundo ainda he assás tenebrosa, e a carreira da segurança e honra não está clara diante de nós. ,,

---

N. XX.

Nova cupientibus auferatur dux et auctor:
pacem illi per orbem terrarum displicere.

Tacit.

GIBBON, na sua Historia da Decadencia do Imperio Romano tom. 9. cap. 48, descrevendo o caracter de Justiniano II. no fim do seculo setimo, e a sua dethronisação por Leoncio, refere tambem a reexaltação daquelle Tyranno, vindo com força armada do seu desterro, sendo apoiado na Capital de Constantinopla pela gente do seu partido.

" Desde os dias de Commodo e Caracalla, a crueldade dos Principes Romanos tinha ordinariamente sido o effeito de seus medos; mas Justiniano, que possuia algum vigor de caracter, regozijava-se dos soffrimentos, e affrontou por dez annos a vingança de seus vassallos, até que se encheo a medida de seus crimes, e da paciencia publica. Leoncio, General de reputação, que por mais de tres annos, gemia com outros nobres em escura masmorra, foi repentinamente tirado della para tomar o governo. *Toda a ordem de pessoas aborrecia o reino do monstro*, e as mãos de duzentos mil patriotas só esperavão a voz

do Conductor. Os emissarios de Leoncio proclamarão em cada rua = Christãos á S. Sophia = este dia he do Senhor. = Justiniano, em cuja causa nem huma só espada se desembainhou, foi arrastado perante hum Juizo tumultuario do povo, que bradava querendo a immediata morte do tyranno. Mas Leoncio lançou olhos de piedade sobre o prostrado filho do seu bemfeitor. Poupou-se a vida de Justiniano; e o tyranno foi bannido para Chersona na Tartaria Criméa, que era hum lugar ermo. „

" Neste deserto da Scythia Justiniano nutria o orgulho, e a esperança da sua restauração. Depois de tres annos de desterro, recebeo a agradavel noticia, de que tinha sido vingado por huma segunda revolução; e que Leoncio em seu turno fôra tambem dethronizado pelo rebelde Apsimar. Com hum bando de partidistas, afferrados á sua pessoa por commum esperança ou desesperação, Justiniano fugio da inhospital praia á huma tribu dos Chozars, cujo Kan teve dó e respeito ao Real Supplicante, e lhe assignou para lugar de sua residencia Phanagoria, no lago Meotis da parte d' Asia, onde se cazou com huma Irmãa do Barbaro, que depois foi tentado a trahillo. Repudiando a mulher, que remmetteo ao Kan, embarcou-se no Euxino em busca de novos, e mais fieis alliados. Sendo o seu Navio assaltado por violenta tempestade, aconselhando-lhe hum dos companheiros, que, para merecer misericordia de Deos, devia fazer voto de geral perdão, se se restituisse ao thro-

no ; respondeo o intrepido tyranno = Perdão ! antes eu já morra, e o Todo-poderoso me submêrja nas ondas, se eu consentir em poupar huma só cabeça de meus inimigos. = ,,

" Elle sobreviveo á impia ameaça ; e surgindo na foz do Danubio, confiou a sua pessoa ao Pagão Conquistador dos Bulgaros, promettendo-lhe a filha, e igual partilha dos thesouros do imperio. O reino da Bulgaria se extende até os confins da Thracia. Os dous Principes unidos cercarão Constantinopla á frente de 15☙ cavallos. Apsimar desmaiou com a subita e hostil apparição de seu rival. — Depois da ausencia de Justiniano, os seus crimes erão pouco lembrados, e os seus infortunios excitarão a compaixão do *povo, sempre descontente do governo actual.* ,,

" Nunca foi mais religiosamente executado voto algum como o jurado entre as tempestades do Euxino. Leoncio e Apsimar forão arrastados em cadeias ao throno do Tyranno, que com hum e outro pé lhes pizava os pescoços, entretanto que o *povo inconstante* acclamava com as palavras do Psalmista = esmagarás o aspide e o basilisco, e pizarás o leão, e o dragão. = O universal abandono que elle havia experimentado, podia provocar o voto de Caligula, de ter o povo Romano huma só cabeça, para cortalla de hum golpe. Mas Justiniano empregou a sua vingança e crueldade com variedade de torturas sobre as victimas de sua raiva. Os seus prazeres nisso forão inexhauriveis : nem virtude particular, nem serviço publico, poderão

expiar a culpa da activa, e ainda só da passiva, obediencia ao governo estabelecido. Durante seis annos do seu novo reino, elle considerou o cutello, o baraço, e o cavallête, como os unicos instrumentos da realeza. Porém o seu mais implacavel odio foi contra os Chersonitas, que o insultarão no seu desterro, e violarão as leis da hospitalidade, &c.

N. XXI.

IGNOMINIA DE NAPOLEÃO BONAPARTE.

> Turpe in servitium mutatus: exemplar ad posteros adulatorii dedecoris. --- Mansit incolumis oblivione magis, quàm clementiâ. ---
>
> *Tacit.*

O Aspirante á Monarchia universal, e Archi-inimigo da Gram Bretanha, nem ao menos soube cahir com dignidade, e verdade, prostrando-se pela seguinte carta, que escreveo ao Principe Regente de Inglaterra á bordo da Náo *Bollerephon*, que o aprezou, quando tentava fugir para os Estados Unidos da America, para onde o Lord Wellington lhe negou o passaporte, que a seu favor pedio o Conde *Lignon*.

" Victima das Facções que dividem a minha pa-
,, tria, e da inimizade das maiores Potencias da Eu-
,, ropa, terminei minha carreira politica, e venho
,, como Themistocles sentar-me sobre os lares do po-
,, vo Inglez. Eu me ponho debaixo da protecção de
,, suas leis, que eu reclamo de Vossa Alteza Real, co-
,, mo o mais poderoso, o mais constante, e ao mes-
,, mo tempo o mais generoso dos meus inimigos. ,,

Themistocles, columna
Da patria fluctuante,
Em seus hombros, da Argolica fortuna
Sustem ousado o solio vacillante.
Entre a frota inimiga
Cruel se lança; e intrepido castiga
Em seus lenhos sem conto
O grande opprobrio feito ao Hellesponto. *

Themistocles he famoso na historia da Grecia: 1.º pelo conselho dado aos Athenienses de elevar grande Força Naval para debellar o Rei da Persia em guerra maritima, e não em terrestre, assim interpretando o oraculo de Apollo dado aos Athenienses para se defenderem com *muros de páo*: 2.º pela decisiva victoria no Hellesponto em que destroio a immensa Armada de Xerxes: 3.º pela virtude com que soffreo a in-

* Diniz Ode XIV.

gratidão da Patria, que o desterrou; e não quiz acceitar o Commando daquelle Invasor á cujo Imperio se refugiou, e que lhe deu muitas honras e riquezas: matando-se, para nem trahir o proprio Paiz, nem desagradar o seu bemfeitor. Podia Bonaparte, sem a mais vil falsidade e pedantaria, comparar-se em cousa algum a Themistocles? Elle desapontou o alvo, sendo o seu primeiro pensamento ir-se para a sua cabala d'America, e não para os lares Inglezes. Mentio pois á face do Ceo e da Terra, affectando confidencia no Governo Britannico, depois de comprehendido, e impossibilitado de obter o seu designio, e fingindo procurar voluntariamente os lares do povo Inglez, e a protecção de suas leis.

A remoção de Bonaparte para a Ilha de S. Helena, ainda que dê mais confiança, e muito difficulte outra tentativa de turbar o mundo; a não impossibilita. Sem duvida, no Conselho dos Alliados, o passado transtorno havia de influir na determinação tomada. Se o monstro não fosse abatido, e exterminado para tão longe, não só a França seria a victima de sua implacavel vingança, mas toda a Europa sentiria o sanguinario furor da Hydra. A sua apparente moderação era só contemporisação machiavellica: elle sabe usar da regra Franceza = *reculer pour mieux sauter* = *recuar para melhor saltar.* =

A furia com que Bonaparte protestou contra a ordem que o Governo Britannico deo para o seu exterminio á Ilha de S. Helena, he o seu ultimo acto

de falsidade; que só he memoravel pela dignidade com que o Lord Keit o rebateo, pura e simplesmente replicando, que = executava a sua commissão. =

N. XXII.

Frustra invocat auxilium Legis, qui committ t in legem.

O Protesto de Bonaparte contra a sua prisão e desterro para a Ilha de S. Helena, só prova o máo designio de se reservar pertendidos direitos, na esperança de favoravel conjunctura de segundo restabelecimento no throno da França.

Pela Lei das Nações, os *perturbadores publicos* devem ser tratados, como inimigos do genero humano; e os que commettem *enorme attentado contra o Direito das Gentes*, estão fóra da lei da Humanidade, e das regras ordinarias da Justiça; e por tanto, sendo feitos prisioneiros, quer se entreguem, ou não, até se lhes póde tirar a vida, e muito mais encadear; sendo justificadas todas as represalias, e precauções. Ha igual jus sendo o negocio com chefes de Nação feroz, perfida, e formidavel, cujos prisioneiros, sendo liberalmente dimittidos, tomarão outra vez armas contra seus vencedores; como expõe Vattel no Liv. 3. cap. 8. §. 142, e seguintes, e Liv. 4. cap. 1. §. 5.º

Bonaparte commetteo o maior attentado sem exemplo na Europa; pois, feita a paz, continuou a machinar conspiração, e quebrou o Tratado de París; o qual era não só relativo á ElRei Luiz XVIII., mas tambem á todas as Potencias, que forão Compartes nelle; assim occasionando a renovação da guerra, e a morte e miseria de innumeravel gente, e infinitos males. Todos estes males são *cifras* aos olhos compassivos dos admiradores do Monstro: estes pios Juizes não tem sensibilidade alguma ás victimas da ambição Napoleonica, e malfeitoria Franceza: todo o seu dó he a favor de traidores, parricidas, e perjuros. Elles queixão-se contra o bom Rei da França: ainda que tivessem alguma razão (o que não se mostra) devia-se-lhe primeiro pedir satisfação, e aos Garantes do Tratado de Fontainebleau; e não romper-se na invasão, e hostilidade, e sem declaração de guerra. E demais: o Governo Inglez nunca reconheceo a Bonaparte por Soberano; e portanto podia dispôr delle como exigia o Interesse Social.

De má graça invoca o Direito das Gentes, quem, á falsa fé, e violencia, teve prezo por muitos annos ao Summo Pontifice que o sagrou, e a ElRei Fernando VII., que se lhe lançou nos braços. As Potencias não devião mais abandonar a Europa á possibilidade da fugida, e sanha do Tigre Corso, sem serem responsaveis á Humanidade, e temerem a sua memoria. Agora tem o Mundo maior segurança, estando entregue á *boas mãos*, *e fieis carcereiros*.

N. XXIII.

GLORIA
DE
INGLATERRA.

——— Tritonia conspicit Arcem
Ingeniis opibus que et festâ pace virentem :
Vixque tenet lacrimas, quia nihil lacrimabile cernit.

Ovid. Metam. 4.

CEssarão em fim as declamações = *Destrua-se Carthago*, = com que os sequazes do novo incendiario Erostrato parodiavão os furores do Senado Romano, ameaçando ir á Torre de Londres arvorar as Aguias do Revolucionario Imperio Gallicano! Ao contrario, da inexpugnavel *Sião Bitannica* * he que se expedirão os Conselhos, e raios, que derribarão o Idolo dos Athêos do Seculo. O Governo Britannico se mostrou o Imperial Defensor dos Soberanos e povos opprimidos, o profuso Dispenseiro dos thesouros Nacionaes para assoldadar os Exercitos combinados, o Grande Director da Guerra, e o Generoso Medianeiro na

* Phrase de Burke.

Obra da Pacificação. O Corpo Politico moveo-se a final na ordem recta, porque o Espirito de Albion soprou a Vida Social. O immenso sacrificio até de se expôr pelos amigos, e rivaes, em retribuição de tanta injuria dos illudidos pelo Espirito Revolucionario, lhe segura o Posto de Honra, e a Philanthropica apotheose, que tem merecido não menos por seus grandes Officios, e instantes Estipulações, á bem da Humanidade.

Cahio o falso Imperio Francez, por Accordo, verdadeiramente Imperial, das Potencias Europeas, que havião protestado, á face do Mundo, que fazião guerra, não á França, mas sómente á Facção Delirante, e ao Estado da Immoralidade. A grandeza do Acto não tem exemplo na Historia das Conquistas. Timoratos recêão que resurja a Hydra, não tendo sido destroncada com todas as suas cabeças. Mas confio no Governo Moral do Regedor do Universo, que a *esperança dos impios perecerá.* Estando Bonaparte fóra do centro do movimento politico, que lhe dava tão desmarcada força, basta a deshonra para aniquilar a existencia delle, e de qualquer outro ambicioso. He contra as Leis da gravitação moral alçar-se o Collosso Gallico depois de esmagado pelo proprio pezo. Mais facilmente se póde resuscitar hum morto, que o credito perdido.

Devemos confiar na Divina Providencia, que o Atheismo não será jámais o Autocrator do Mundo, nem a Hypocrisia o titulo para Realeza. Ai da Sociedade Civil, se outra vez, por falsa confiança, e

compaixão iniqua, se reproduz a Scena do Imperador Justiniano II.! Não haverá perdão e amnistia para Soberanos, e povos.

Daqui em diante os Francezes, melhor instruidos, e corrigidos os phantasticos architectos de Constituições ephemeras, forjadas no seio da anarchia e tyrania, não mancharáõ a Legislação com as vís lisonjas, e raiva impotente, dos Plagiarios aduladores, que até no intitulado *Codigo Napoleon*, e *Codigo do Commercio*, * deixarão feio monumento da baixeza de ani-

---

* Veja-se especialmente o Discurso de *Galli*, Orador do Governo no Tom. IV. do Codigo Civil. Expondo as razões do Liv. 3. Tit. 10 pag. 9. e 10, chama a Bonaparte, entre muitas fatuas adulações, hum *Comêta, que era ao mesmo tempo o Lycurgo e Scipião.* Ahi conclue: = Que nos resta a fazer para lhe testemunharmos a homenagem do nosso reconhecimento? Se eu fosse o Poeta Venusino Horacio, lhe faria huma Ode, como elle fez á Augusto (a Ode 35): *Justo Ceo! Velai na conservação de Cesar, que vai contra os Bretões ás extremidades da Terra:*

Serves iturum Cæsarem in ultimos
Orbis Britannos.

Se aquelle Orador não tivesse o espirito corrupto, empregaria melhor a sua erudição classica, citando os outros versos do mesmo Poeta no Epodon 16, que manifestão a defeza e gloria da Gram Bretanha:

mo, em desabono da grandeza e serenidade do espirito, que convém ao mais augusto Caracter da Terra, e emprego de talentos, a *Dignidade e Officio de*

Nos manet Oceanus circumvagus: arva, beata
Petamus arva, divites et insulas. . . .
Jupiter illa piæ secrevit littora genti.

Aquelle pobre Orador fez alli a seguinte nota. „ Augusto, querendo levar as suas armas á Inglaterra, estando em marcha, recebeo em *Rimini* embaixadores, que os Inglezes lhe enviavão para lhe pedirem a paz: seria ainda mais breve virem a París. „ Sim, Senhor Orador: cumprirão o seu voto; mas vierão conquistar a França, e dictar as condições da paz na que se acclamou a *Capital do Mundo*.

As rhapsodias dos Oradores do Codigo do Commercio ainda são mais indignas, e só respirão destroição do mais Commerciante povo da terra, á que chamão *povo de piratas*, porque o Governo Inglez tinha a sabedoria de fazer repercutir com dobrada força contra o Proclamador do *Systema do Continente* os effeitos da propria demencia, não consentindo, que seus complices, sob pretexto de neutralidade, lhe fizessem *guerra em disfarce*, provendo a tão crú inimigo os meios de perpetuar seu horrivel Imperio despotico contra toda a Sociedade. Os que não tem espirito comprehensivo para discernirem o que he grande, nem solidez de juizo para decidirem o que he justo, são os unicos admiradores de Bonaparte; e nada fazem, porque he circumscripta a esphera de seus designios maleficos.

Legislador, fazendo votos para a destruição da Patria dos Newtons, Jeners, Nelsons, e Wellingtons, que tanto tem extendido a Civilisação e Vida, e que salvou a si, e a Europa, pela constancia na adversidade, e moderação na victoria.

Os presumidos de Engenharia e Politica privativa mal fizerão em seus erroneos calculos, por abuso de termos, e mudança de nomes, a pueril equação de *extravagancias* e *sublimidades*. Em resultado real, ultima analyse, e expressão simples, só acharão *zero* em vez de imperio. Bonaparte, que estuava, como o filho de Olympias, pela estreiteza do mundo, e não coube no recincto de Elba, affectando ainda de Potencia que nada podia, agora se accomoda em S. *Helena*. Assim passa a gloria do mundo!

Congratule-se o Universo, e desafoguem-se os corações de toda a gente de probidade. O declamador Rainal, quasi descendo á sepultura, bradou á chamada *Assemblea Constituente* = ,, Francezes! O Despotismo vos espera, se abandonardes a Authoridade tutelar da vossa Monarchia = Assim se verificou. Porém o Despota da Corsica agora não mais dirá ao seu Senado, e Corpo Legislativo, o que em 1812, tornando para o Vistula (sem ver a *occulta mão* que lhe lavrava a Sentença) disse = Brevemente á frente de minhas tropas confundirei as enganadoras promessas dos nossos inimigos. = Já a cova de Trophonio não dará mais o *Oraculo* (como o blasphemo *Maury* intitulou, e applaudio na Cathedral de París, depois da

exaggerada batalha de *Lutzen*, que foi quasi o ultimo estrebuxo da expirante Tyrannia). = *Lançaremos os barbaros do Tanais, com os seus Tartaros, para os seus frios climas* =. Elles se mostrarão os Mestres de Civilisação, para exterminarem o Vandalismo Gallico, e darem exemplo de coragem, disciplina, e virtude, que os fastos historicos recordarão até a ultima posteridade.

Agora podemos dizer com ufania: = o castigo de Bonaparte destroe os sophismas do Epicureismo: o monstro subio tão alto, para ter maior quéda, como bem disse Claudiano no seu Poema contra Rufino:

Abstulit hunc tandem Rufini pœna tumultum,
Absolvit que Deos: non jam ad culmina rerum
Injustos crevisse queror: tolluntur in altum,
Ut lapsu graviore ruant.

Eis a consumação dos Triumphos da Nova, e mais feliz, Amphictyonica Liga contra o Satrapa, que, com os seus satellites, tentou persuadir ao Mundo, que o Despotismo Oriental era o melhor dos Governos; e que o Governo Inglez (Espirito da Confederação) era o inimigo do Continente, sendo aliás tão interessado em abater a Tyrannia, que tentou prostrar á seus pés os thronos da Europa.

Para consumação da gloria de Inglaterra, e tranquillidade geral, só resta, que a presença do Grande Capitão em París, ainda que franca e festiva, aterre os adherentes do usurpador, contra os quaes

dura o estado hostil, para desempenho de sua palavra d'honra na Proclamação com que invadio a França; desfazendo os designios da Facção Jacobina e Militar; na certeza do dictame e vaticinio do profundo Politico *Burke*, = que, sem cabal justiça contra os principaes e incorrigiveis malvados, não póde haver segurança Publica, nem Paz da Europa.

A insensata provocação com que os facciosos e enthusiastas cavillão com fallacias, presumindo ainda serem os Dictadores dos Belligerantes, e obstinando-se em desafiar a severidade das leis da guerra com inutil resistencia de algumas Praças, e insidiosas manobras de caballistas, que abusão da clemencia do legitimo Soberano, e da magnanimidade dos Alliados; ainda tem os espiritos em suspensão e terror de imminentes desordens. Com tudo he de esperar da Providencia que rege as cousas humanas, que, havendo salvo em tantos combates e perigos o Heroe do Seculo, tambem guarde e prolongue a sua vida, tão preciosa aos Interesses Sociaes, para complemento de altos destinos, e aniquilação da Hydra revolucionaria; confundindo as esperanças dos demagogos, e myrmidões, que o admirão cercado, não de victorias impias, mas de triumphos da Humanidade. A qualquer que levantar olhos rebeldes para renovar insurreição, póde-se agoirar, que o Principe do Waterloo frustrará novo attentado, com exemplar castigo, e total ruina do Paiz que apoiar conspiradores contra a Ordem Civil. A quem for traidor, se póde dizer que *se engana*:

Fallit te, mensas inter quod credis inermem :
Tot bellis quæsita Viro, tot cædibus, armat
Magestas æterna ducem. Si admoveris ora,
Cannas et Trebiam ante oculos, Trasymena que
busta,
Et Pauli stare ingentem miraberis umbram.

Silius Italicus.

N. XXIV.

O Seguinte Acto de Humanidade do Lord Wellington, he hum dos monumentos dignos do seu illustre Caracter, que por isso o ajuntei á esta Memoria.

Carta escrita em Paris a 15 de Agosto ao Magistrado da Capital da Belgica.

" Mr. Mayor. Tomo esta opportunidade de escrever-vos; afim de vos dar os meus agradecimentos, e requerer que façaes tambem saber a minha gratidão aos habitantes de Bruxellas e de seus arredores, pela solicitude e benevolencia que mostrarão aos officiaes e soldados feridos do Exercito do meu Commando. O serviço que podemos prestar á cidade de Bruxellas, salvando-a das mãos de hum cruel inimigo, pelos esforços que se fizerão, e pelo valor das tropas, quasi

debaixo dos seus muros, davão razão de esperar que os habitantes prestarião á essas victimas os allivios que coubessem nas suas posses. Mas eu não esperava tão ternos cuidados, e tanta benignidade, que elles ostentarão com nosco. Peço-vos, que vos capaciteis, e que vos digneis persuadillos, que tal procedimento tem feito huma impressão, que jámais se apagará da nossa memoria. Conheço de quanto valor he em taes occasiões o exemplo do Magistrado; e vos rogo, Mr. Mayor, que hajais de crer que devidamente apprecio o exemplo que déstes.

Tenho a honra de ser, Mr. Mayor, o vosso mais obediente e mais humilde servidor,

Wellington Principe do Waterloo.

N. XXV.

ANTIDOTO
CONTRA
REVOLUÇÕES.

INSTRUCÇÃO PUBLICA PELOS AUTHORES DE MAIOR CREDITO DE INGLATERRA.

Agricola Principum filios liberalibus artibus erudire; et ingenia Britannorum studiis Gallorum anteferre. *Tacit.*

O Celebrado *Dugald Stewart*, nos *Elementos da Philosophia do Espirito Humano* cap. IV. secç. 8, assim se explica: = ,, Em geral podemos aventurar-nos a predizer confiadamente, que, em todo o paiz, facilitada a instrucção publica pela imprensa, se ha de ir gradualmente extendendo o circulo da sciencia e civilisacão; distribuindo-se mais igualmente á todos os membros da communidade as vantagens da união politica; e alargando-se a base de hum governo justo, pelo augmento do numero dos que entendem o seu valor, e são interessados em defendello. Tambem he de esperar, que a sciencia da Legislação, com todos os outros ramos de conhecimentos ligados com a melhora dos homens, se adiante com rapidez; e, á

proporção que as opiniões, e instituições dos homens mais se approximarem á verdade, e á justiça, podem estar seguros contra as revoluções, á que os negocios humanos tem sempre até o presente sido sujeitos. = *Opinionum commenta delet dies, naturæ judicia confirmat.* = „

" As revoluções sobrevindas aos Estados democraticos da antiguidade, se originarão das porfias dos Demagogos, que empregarão as paixões da plebe, para servirem ao seu proprio interesse e ambição; e á todas ellas bem se applica a judiciosa observação de *Hobbes.* = „ *Democracia nada he mais do que aristocracia de Oradores, algumas vezes interrompida pela temporaria monarchia de hum maior fallador.* = „

" *Indubitavelmente as Constituições democraticas são as mais desfavoraveis á tranquillidade do Governo Humano;* e o unico meio de preservar a ordem da Sociedade, he o habilmente contrabalancear os prejuizos, e os separados interesses das differentes classes dos cidadãos. Este contrabalanço comtudo virá a ser de dia a dia menos necessario para comprimir a turbulencia do espirito democratico; porque os solidos escritos publicos tendem a diminuir a influencia da eloquencia popular, curar os homens dos prejuizos do vulgo, e sujeitallos ao irresistivel imperio das opiniões illustradas. Nos Estados republicanos da antiguidade, a eloquencia dos demagogos era perigosa machina da Facção, que aspirava a governar as Nações pelo seu ascendente na direcção das assembleas popu-

lares. Mas presentemente, como as declamações dos arengueiros estão sujeitas á censura do tribunal immediato de hum seculo investigador, a eloquencia das Assembleas legislativas são forçadas a receberem o tom do espirito dos tempos, para os permanentes interesses da verdade. „

O Professor Ferguson na sua admiravel Obra dos *Principios* da *Sciencia Moral e Politica*, assim diz na Part. I. cap. III. Secç. X. " A idéa de se fazer Assemblea de Cidadãos em qualquer Nação grande, ou pequena, com absoluta igualdade, e sem exclusão de algum individuo, para regular o seu governo, he absolutamente chimerica, e desconhecida em a natureza. Ainda onde se ajuntão os habitantes de hum pequeno districto ou villa, com a mais determinada resolução de igualarem os direitos dos homens, não já para deliberarem sobre os negocios nacionaes, mas só para elegerem delegados á esse fim, ametade da povoação, por ser do sexo feminino, he excluida, até do direito de eleição: da outra metade, hum terço he excluido, por ser da classe dos de menoridade; e no resto, não sendo os votos unanimes, decidindo-se tudo pela pluralidade, a parte que se arroga o direito de governar, não excede a 18 por cento, que he menos do quinto do total. &c. „

A historia das antigas e modernas republicas estão não menos cheias de horrores, que dos paizes de outras Constituições. Foi o chamado *Povo Soberano* de Athenas, (a qual se presumia a Mestra das Nações, e tratava de barbaros a todos os povos fóra da Grecia),

que juridicamente condemnou á morte a Socrates, porque demonstrou a unidade de Deos; e obrigou a Aristoteles a se refugiar na Monarchia da Macedonia, para (como disse) *não ser segunda vez assassinada a philosophia.*

Em todos os paizes, ainda nos republicanos, sempre as Leis Fundamentaes tem sido feitas por hum ou poucos individuos, como as de Licurgo, Draco, Solon. Por ficção de Direito se considerão o *voto da Nação*, se, pelos seus effeitos, e experiencia dos tempos, se mostrão dar segurança e prosperidade ao Estado. He absurdo fazer mudanças só por alguns incovenientes, e desgovernos dos Administradores publicos (inevitaveis nas cousas humanas), e instigar descontentamento aos povos, para os desgostar até do bem que possuem. As horriveis calamidades da Revolução Franceza, que se traspassarão tambem á America, só se podem prevenir com instrucção orthodoxa, como justamente recomendou á Universidade de París Sua Magestade Luiz XVIII. na entrada para o seu Reino. Podia porém accrescentar = abandonando-se a leviana moderna litteratura Franceza, e ensinando-se a mocidade a ter solidas idéas das cousas pelos Classicos de Inglaterra, onde nada vale o *ignis fatuus* dos presumidos Doutores de París, e de seus copistas. =

Quanto foi verdadeiramente Imperial o testemunho e dictame daquelle pio, e clementissimo Pai da Patria, á todo o Corpo Academico, logo na sua primeira Restauração da Soberania! O progresso das luzes tem solida Garantia na Falla deste restabele-

cido Monarcha ao Gram Mestre da dita Universidade: = ,, Sei quanto bem tem feito, e quanto póde fazer, esta Corporação. *Poucas luzes conduzem ao erro; muitas luzes conduzem á verdade.* Continue pois a Universidade a diffundillas com zelo. Vigie tambem sobre os bons costumes. Espero que a minha Familia e Eu daremos sempre delles o exemplo. = ,,

Assim no throno da *França resuscitada*, está adoptado o aphorismo de Bacon, Fundador da verdadeira e depurada Litteratura da Europa, e que he Honra da Gram Bretanha, e hum dos maiores Ornamentos da Sociedade Civil: = *Pouca philosophia faz os homens athêos; muita philosophia os faz religiosos.* =

A solida Litteratura Nacional, que tem formado o especifico caracter Britannico, e o preeminente espirito publico do Paiz, he que explica o prodigio politico de se ver a Nação Ingleza sobresahir immaculada, na terrivel contenda de 25 annos, sem a mais leve nodoa no seu patriotismo, e com huma intensidade de virtude civil, que não só resistio á toda a seducção dos falsos Principes da Revolução Franceza, mas apresentou ao Universo huma constancia, sem par, na adversidade contra a Geral Liga da Europa e America, e a mais exemplar superioridade de sacrificios pela Causa Propria, e da Humanidade, até conseguir o feliz resultado, que ora testemunhamos. A *Grande Inglaterra*, como a intitula o nosso Epico, deve aos seus Grandes Homens de Letras a pura lealdade do povo ao Governo, que, segundo bem diz *Burke*, libertando o Soberano de medo,

tambem o dispensa das precauções da tyrannia, e das sanguinarias maximas do codigo de todo o poder, que não se funda na sua honra, e na honra dos que devem obedecer; não tendo em consequencia a vulgar ambição de conquistas de Estados civilisados, mas sim a de imitação e semelhança do Supremo Regedor da Sociedade; considerando a Soberania como deposito sagrado, a fim da protecção, e felicidade de todas as classes, quanto admittem as cousas humanas, e nas circunstancias do lugar, tempo, e luzes correntes.

A espada do Lord Wellington poz termo á revolução e tyrannia da França; mas a penna de Edmund Burke impedio que ella surgisse, e lavrasse, não só em Inglaterra, mas em toda a Europa. Os immortaes escritos deste Thaumaturgo Litterario (de que em 1812 publiquei varios extractos) serão indelevel monumento do influxo que o verdadeiro saber tem na boa ordem dos Estados, e na lealdade e valor dos povos. Elle excitou a outros bons espiritos para rectificarem as theorias economicas e politicas, afim de libertarem a sociedade de fataes illusões, e mostrarem os perigos de reformas subitas, e totaes, com que os demagogos, e ambiciosos se fazem populares, dando vans esperanças de felicidades que as cousas humanas não admittem, ou que são incompativeis com as circunstancias de cada paiz. Elle converteo os entendimentos dos judiciosos, e genuinos patriotas ao exame das causas constantes da possivel prosperidade das Nações, e dos meios de justas graduaes reformas dos

abusos, ou erros inveterados. Elle inspirou aos animos huma energia immensa, para se resistir aos furores dos que bem caracteriza de " Politicos máos e ignorantes, que, assemelhando-se aos Cavalleiros de industria, que nada tem a perder, tudo querem effeituar com *golpes de mão*, e não sentem paternal solicitude do bem publico, e que, na vastidão de suas promessas, e na confiança de seus prognosticos, excedem todas as jactancias dos charlatães. ,,

Na verdade, os novadores só receitão aos Corpos Politicos *Constituição*, como os empirios *Panacêa*, para cura radical de suas fraquezas, ou corrupções. Infelizmente a palavra magica de *Constituição* ainda he hoje a antiphona do dia; e até na França, depois de tanto opprobrio contra o Governo Inglez, se affecta agora invejar, e querer a sua *Constituição*, que aliás não foi feita á pressa, mas he obra gradual de seculos, e procedida, parte, de immemorial Direito consuetudinario; parte de Cartas de Privilegios dadas pelos seus Soberanos; e, parte, e (talvez a principal) do espirito de commercio, e estudo do Bem Commum, que prevalece no Paiz. Além de que a Constituição que he boa para huma Nação pelas suas circunstancias locaes, ou pelo adiantamento de civilisação, he prejudicial em Estado differentemente circunstanciado.

Convém ter sempre em vista a lição memoravel de Burke " *Circunstancias*, que, no juizo de alguns cavalleiros, se considerão em nada, são as cousas mais essenciaes, e que na realidade dão a todo o

principio e plano politico a conveniente côr, e effeito, para se qualificar com discernimento a sua natureza. Taes circunstancias são as que constituem á cada projecto civil, e politico, ora benefico, ora prejudicial no Genero Humano. „

Depois de *Burke*, convém que entre nós se estude a Obra de *Malthus*, que mostrou a causa radical, derivada de Lei da Natureza, que constitue impossivel remover a pobreza e miseria das classes inferiores, particularmente no progresso da população; e que os seus males só se podem mitigar pelos habitos de industria, parcimonia, e virtude de cada individuo, maiormente da castidade, que previne *procreação abusiva* de milhares de victimas do vicio e indigencia, pela desproporção entre o numero dos consumidores e os meios de abundante subsistencia, e dos mais confortos da vida. Ainda o melhor dos Governos he impotente a remover taes males, e só póde alliviallos, facilitando a geral instrucção, segurando todas as propriedades, franqueando o commercio nos justos limites dos interesses do Estudo, procurando com Tractados com as Potencias o mais extenso e lucrativo mercado dos fructos do Geral Trabalho.

Gibbon na sua historia da decadencia do Imperio Romano, escrita muito antes da Revolução da França, deixou no Liv. 1. cap. 7. a seguinte lição.

“ A satyra e declamação podem desdourar a Monarchia hereditaria, figurando a Nação á maneira de huma Propriedade material, traspassada aos successo-

res legitimos do Soberano, como qualquer especie de bens aos herdeiros de huma casa: porém os nossos mais serios pensamentos respeitaráõ o util dogma, que estabelece a *regra da successão* nas Coroas, independente das paixões dos homens; e cordialmente adoptamos esse expediente, que priva ao povo do perigoso, e na verdade chimerico, poder de se dar Soberano. No retiro do gabinete qualquer póde phantasiar imaginarias fórmas de governo, em que o sceptro se dê constantemente ao mais digno, por livre e incorrupto voto de toda a Nação. Mas a experiencia derriba essas fabricas aerias, e nos ensina que, em hum vasto Estado, a eleição do Monarcha jámais recahirá sobre o mais sabio. O exercito he a unica ordem de homens sufficientemente unida para ter sentimentos unanimes, e assás poderosa para influir nos mais concidadãos a acceitarem o Monarcha que eleger. Porém o genio dos soldados habituados á violencia, e escravidão, os constitue mui improprios a serem os guardas de huma Constituição legal. A justiça, humanidade, e sabedoria politica, são qualidades, de cujo preço pouco entendem, e o como sejão uteis á si, e menos para apreciallas nos outros. O valor adquirirá a sua estima, e a liberalidade comprará o seu voto; mas o primeiro merito se póde achar no mais selvage peito; e o segundo só se póde exercer á custa do publico, e póde ser voltado contra o Soberano, eleito pela ambição de hum rival atrevido. A superior Prerogativa do nascimento, depois de alcançar

a sancção de longo tempo, e a opinião popular, he de todas as distincções a mais segura, e a menos exposta á inveja. O direito reconhecido extingue as esperanças da Facção; e a segurança do mesmo direito desarma a crueldade do Monarcha. Ao estabelecimento desta doutrina devemos a successão pacifica, e o doce governo das Monarchias Europeas; e á falta delle se deve attribuir o costume dos Despotas Asiaticos de se abrirem caminho ao throno pela destroição dos seus competidores. „

He de summa honra ao Governo Britannico o ter feito guerra contra a opposta *Doutrina Armada* dos Revolucionarios da França, e o ter tão poderosamente contribuido para o restabelecimento da Monarchia Franceza na sua legitima dynastia; e não menos he de gloria ao Soberano restabelecido o manter a Dignidade, e Independencia Real, dando a seu povo a Nova *Carta Constitucional*, como entendeo ser justo, e não a recebendo dos que se arrogarão por más artes, e depois do execrando parricidio do seu bom Soberano Luiz XVI, o direito de representantes do povo, cujos poderes aliás desde o principio excederão, exercendo a mais vil rebellião, e enthronizando o impio Despotismo Militar.

Para obviar sinistras interpretações do que tenho ponderado, devo prostestar, que não recommendo indiscriminadamente os Escritores de Inglaterra; mas sim os que tem a maior nomeada na Republica das Letras, ainda na mesma França, pela sua moderação, e emi-

nencia nos objectos da boa ordem civil; e não os que são alli tambem influidos pelas ordinarias superficiaes e maleficas opiniões revolucionarias, seja por espirito de partido em opposição ao Governo, seja por fraqueza de entender, ou moral corrupção. Estes arengueiros são alli desprezados, e despreziveis, e já forão bem definidos por *Burke*, que os assemelhou aos " capineiros do campo, que com seus cestos de palha fazem grande bulha na terra, entretanto que todo o povo descança e dorme á sombra do Carvalho Britannico. „

Concluirei com a observação de Smith na sua *Theoria dos Sentimentos Moraes*, Parte VI. Secç. II. „ França e Inglaterra podem ter alguma razão de temerem o augmento do poder naval e militar huma da outra; porém he certamente abaixo da dignidade de duas tão *Grandes Nações* o invejarem a mutua prosperidade, pela cultura de suas terras, melhora de suas manufacturas, avanço de seu commercio, e progresso nas artes liberaes e sciencias. Estes são os bens reaes do mundo; por elles he que o Genero Humano he beneficiado, e enobrecido. Toda a Nação por amor disso deve porfiar em adquirir excellencia em taes cousas, promovendo, em vez de impedir, as vantagens de seus vizinhos. Estes são os verdadeiros objectos da Emulação Nacional, e não de Jelozia e Inveja. „

N. XXVI.

APOLOGIA
DO
LORD WELLINGTON
POR SI MESMO.

> Qui magno imperio præditi in excelso ætatem agunt, eorum facta cuncti mortales novere: ita in maximâ fortunâ minima licentia est.
>
> *Cæs. Orat. apud Sallust.*

NEnhuma cousa dá mais gloria aos que por heroicos feitos se elevarão ao summo da fortuna, brilhando no Theatro Politico por hum proceder immaculado, do que o darem razão de si sobre objectos que implicão com a sua fama; justificando-se, com franqueza e candura, ante os contemporaneos e vindouros, para Memorial da Justiça e Verdade, e se desvanecer ainda sombra de pretexto á calumnia, e sinistras interpretações do vulgo.

Não só os adherentes de Bonaparte na França, mas tambem os illudidos em varios Estados, e até em Inglaterra, com as garrulidades jacobinicas de procazes epicuristas, que canonizão os roubos das Nações,

e ainda as mais injustas guerras, fizerão em publicos Periodicos circular anecdotas diffamatorias contra o Duque da Victoria, accusando-o de infractor do Tratado, com que os Soberanos Alliados entrarão em Paris segurando á França a *Propriedade Publica*; porque, quando elle em Julho se apoderou da Capital por huma Convenção Militar, de accordo com o Principe Blucher, ordenou ás suas tropas o retirarem do Museu Nacional os Quadros, Estatuas, e outras *Obras Primas* das Artes, que os Exercitos Francezes nas suas correrîas tinhão espoliado dos paizes seus proprietarios, para se restituirem (como na realidade se executou) aos Soberanos a quem pertencião.

Não podendo haver mais grave censura e querella da Vida Publica de quem tem pertenções á probidade do que o ser arguido de *violador das Leis das Nações*, e perjuro á Fé Sagrada de Actos que afianção a Paz Social, he a mais apodictica prova do Caracter superior e amavel do Heroe do seculo a sua espontanea Apologia a esse respeito. Exalta o valor dos Monumentos restituidos o seguinte Monumento literario e philanthropico do justamente acclamado *Salvador da Europa*, pondo em luz meridiana a pureza da propria conducta, com que sustentou o Direito das Gentes na transacção pela qual foi diffamado, depois de exhaurir os recursos da prudencia e politica para obter amigavel e voluntaria satisfação do Ministerio Francez, em honra das Coroas, e até da Tiara Romana.

A opposição do Governo Francez foi maior em

consequencia de huma Petição dos Artistas de París, tendo a frente Mr. Denon, Director do Museu, em que artificiosamente insistirão, que " o amor das Artes dictava, que se ahi conservasse, para interesse commum da Grande Familia dos Artistas espalhados por todas as partes do Globo, os *Chefes d' Obras* de todos os Paizes, para admiração do povo, sendo aquella Capital a *Séde do Genio, para formar as Coroas destinadas a unir o laurel de Apollo â palma da Victoria, e aos ramos da Arvore da Paz.* ,,

Officio do Duque de Wellington ao Lord Castlereagh.

París 23 de Setembro de 1815.

Meu caro Lord. Tem havido ultimamente muita discussão a respeito das medidas que eu estive em necessidade de adoptar a fim de se retirarem do Museu os Quadros &c. do Rei dos Paizes Baixos. Faço a seguinte exposição do que se tem passado para Informação de S. A. R. o Principe Regente.

Logo depois da chegada dos Soberanos à París, o Ministro do Rei dos Paizes Baixos reclamou os Quadros &c. pertencentes á seu Soberano; e igualmente o fizerão os Ministros das outras Potencias; e quanto eu saiba, jámais poderão ter satisfactoria resposta do Governo Francez. Elle, depois de varias conferencias comigo, dirigio a V. S. huma Nota Official, que se apresentou em Sessão dos Ministros Alliados; e se tomou repetidas vezes em consideração este objecto; no

designio de achar-se hum modo de fazer justiça aos Reclamadores dos monumentos das artes existentes no Museu, sem offender os sentimentos de ElRey de França. Entretanto os Prussianos obtiverão de S. M., não só todos os Quadros realmente Prussiannos, mas tambem os pertencentes aos territorios da Prussia que estão á esquerda do Rheno, e os Quadros &c. pertencentes á todos os Alliados de S. M. Prussiana. A materia requeria prompta decisão; e V. S. escreveo a sua Nota de 11 do corrente, em que a questão foi plenamente discutida.

Os Ministros do Rei dos Paizes Baixos, não tendo então satisfactoria resposta do Governo Francez, recorrerão á mim, como General em Chefe do exercito daquelle Soberano; afim de saberem, se eu tinha alguma objecção sobre o empregar as suas tropas para se apossarem do que era a sua indubitavel propriedade. Eu tornei a propor esta representação aos Ministros das Côrtes Alliadas; e, não fazendo estes opposição, considerei do meu dever tomar as medidas necessarias para alcançarem o que era de seu direito.

Em consequencia fallei ao Principe de Talleyrand sobre este objecto; explanei-lhe o que se passara na Conferencia, e os fundamentos porque me persuadia, que o Rei dos Paizes Baixos tinha direito aos Quadros; e lhe pedi, que expozesse o caso á seu Soberano, e rogasse á S. M., que me fizesse o favor de indicar o modo de ter effeito a reclamação daquelle Monarcha, e da maneira que fosse menos offensiva a S. M.

O Principe de Talleyrand prometteo-me resposta até á tarde seguinte; e não a recebendo eu, o procurei de noite, e tive com elle outra discussão sobre a materia, e então me informou, que o Rey não mandaria ordem para a restituição; que eu poderia obrar o que entendesse; e que conferisse com Mr Denon, Director do Museu.

Eu mandei o meu Ajudante de Campo o Tenente Coronel Freemantle á Mr Denon no outro dia de manhãa; o qual o informou, que não tinha ordem para dar Quadro algum da Galeria, e que nenhum daria senão pelo uso da força.

Então expedi o Coronel Freemantle ao Principe de Talleyrand, para informallo desta resposta, e participar-lhe, que, na manhãa seguinte ao meio dia, irião tropas para se apossarem dos Quadros do Rei dos Paizes Baixos; advertindo-o, que, se desta medida resultasse qualquer perturbação, só os Ministros do Rei, e não eu, serião responsaveis.

O Coronel Freemantle igualmente informou a Mr Denon, que se adoptaria o mesmo expediente.

Não foi comtudo necessario mandar as tropas; visto que huma Guarda Prussiana esteve sempre em posse da Galeria; e se retirarão os Quadros sem a necessidade de irem as do Exercito do meu commando, excepto huma partida de trabalhadores, para ajudarem a tirallos, e arrumallos.

Tem-seo dit, que, por ser eu o instrumento de se retirarem da Galeria das Thuilleries os Quadros per-

tencentes ao Rey dos Paizes Baixos, infringira o Tratado que eu mesmo tinha feito; e como não se fez menção do Museu no Tratado de 25 de Março, e agora parece que o Tratado alludido he a Convenção Militar de París, faz-se necessario mostrar o como esta Convenção involve o Museu.

Não he necessario discutir a questão, se os Alliados estavão, ou não, em guerra com a França.

Não ha duvida que os seus Exercitos entrarão em París debaixo de huma Convenção Militar, concluida com o Official do Governo, o Prefeito do Districto do Sena, e o Official do Exercito, que erão os Representantes de cada huma das Authoridades que nesse momento existião em París, e que estavão authorizados por estas Authoridades a tratar e concluir por parte das mesmas.

O Artigo da Convenção, que se suppõe infringido, he o 11.°, que diz respeito á *propriedade publica.* Nego positivamente que este Artigo se referisse ao Museu, ou Galerias de Quadros.

Os Commissarios Francezes, no projecto original, propuzerão hum Artigo para proverem á segurança desta especie de propriedade. O Principe Blucher não consentio nisso; pois disse, que ahi havião Quadros que tinhão sido tirados da Prussia, e que S. M. Luiz XVIII. tinha promettido restituillos, porém que já mais se restituirão. Expuz esta circunstancia aos Commissarios Francezes; e então elles offerecerão adoptar o Artigo, com excepção dos Quadros Prussianos. A esta

offerta respondi, que eu ahi estava como Alliado de todas as Nações da Europa, e que, qualquer cousa que se concedesse á Prussia, eu a devia reclamar para as outras Nações. Accrescentei, que não tinha instrucções relativas ao Museu, nem fundamentos sobre que formasse juizo do como os Soberanos obrarião a este respeito; que estes certamente insistirião em que executasse o Rei os seus empenhos; que eu recomendava se omittisse totalmente este Artigo, e que se reservasse a questão para a decisão dos Soberanos, quando elles chegassem.

Eis como a questão relativa ao Museu está nos Tratados! A Convenção de París não tem palavra a respeito delle; e houve conferencia sobre essa materia que se reservou á decisão dos Soberanos.

Suppondo-se que o silencio do Tratado de París de Maio de 1814 relativo ao Museu, dava para o futuro ao Governo Francez hum indisputavel titulo á tudo que era nelle conteudo, não se poderia negar que este titulo se alterou por aquella transacção.

Os que estipularão por parte do Governo Francez nesse tempo, considerarão, que o Exercito Victorioso tinha direito, e quereria apoderar-se dos objectos conteudos no Museu, e elles tentarão salvallos por hum Artigo na Convenção Militar. Este Artigo foi rejeitado, e o direito dos Alliados ás suas pinturas foi extensamente reclamado pelos respectivos Negociadores, e isto se propoz como fundamento para se rejeitar o Artigo. Por tanto não só a Convenção Militar não he,

em si mesma, garantia á posse, mas a transacção acima exposta tendia a enfraquecer o titulo de posse do Governo Francez, o qual he fundado sobre o silencio do Tratado de París de 1814. Tendo pois os Alliados justamente em seu poder os objectos do Museu, não poderião obrar melhor do que restituillos aos paizes donde, contra a pratica da guerra civilisada, havião sido arrancados durante o desastrado periodo da revolução Franceza, e tyrannia de Bonaparte.

A conducta dos Alliados relativa ao Museu na epoca do Tratado de París, se poderia justamente attribuir ao seu desejo de conciliar o Exercito Francez, e consolidar a reconciliação com a Europa; o que elle nesse tempo manifestou disposição de effeituar; porém as circunstancias são agora inteiramente differentes. Este Exercito fez mallograr a racionavel expectação do mundo; e se prevaleceo da primeira occasião opportuna para se rebellar contra o seu Soberano, e dar os seus serviços ao *Inimigo commum do Genero Humano*, destinando reviver o desgraçado periodo antecedente, e as scenas de roubo contra que o mundo fez tão gigantescos esforços para as evitar.

Tendo este Exercito sido desfeito pelos Exercitos da Europa, as suas tropas forão dissolvidas pelo unido Conselho dos Soberanos; e não póde existir razão porque as Potencias da Europa hajão de fazer injustiça á seus proprios Vassallos, no designio de outra vez conciliar-se com o Exercito Francez. Nem me pareceo jámais necessario que os Soberanos Alliados omit-

tissem a occasião opportuna de fazerem justiça, e dar satisfação á seus proprios Vassallos, a fim de agradar ao povo da França. Os sentimentos do povo da França sobre esta materia, sómente pódem ser os da vaidade nacional. Elle deseja reter estes padrões das artes, não porque París seja o mais proprio deposito para elles, visto que, sobre este ponto, os Artistas, os conhecedores, e todos que tem escripto na materia, concordão, que devem ser removidos para suas antigas sédes; mas sim porque forão alcançados por successos militares, de que elles são os tropheos.

Os mesmos sentimentos que induzem o povo da França a dezejar reter as pinturas, e estatuas das outras Nações, naturalmente as estimula a desejar, que, visto estar agora o triumpho da sua parte, tal propriedade torne para seus legitimos proprietarios; e os Soberanos Alliados devem sentir o desejo de lhes dar esse gosto.

Além disto por muitas razões se deve desejar, tanto para sua propria felicidade, como para a do mundo, que o povo da França, se ainda não sente que a Europa he muito forte a seu respeito, agora o sinta; e que, qualquer que possa ser a extensão que elle em algum tempo haja de ter de momentaneos e parciaes successos contra alguma, ou algumas Potencias da Europa; alfim lhe virá o *dia da retribuição.*

Por tanto entendo, que, não só seria injusto da parte dos Soberanos o comprazerem com o povo da França sobre este objecto, á custa dos respectivos po-

vos; mas tambem que tal sacrificio seria impolitico; visto que os privaria da opportunidade de darem ao povo da França huma *grande lição moral.*

Tenho a honra de ser, meu caro Lord,

muito fiel &c.

Wellington.

No Instituto de París, da Classe das Artes, em huma falla sobre os premios dados aos Artistas, se lamentou com grande acrimonia a perda das Obras d'arte restituidas, considerando-a como o facto da maior humilhação da França. Impossibilitada a França de realisar o seu projecto de despotismo universal, pertendia, ao menos, abarcar o monopolio das Artes superiores, até contra a evidente economia da natureza, que espalhou com mão liberal por muitas partes alguns dons especiaes e privativos; o que he visivel em todas as obras da creação, e até nas constellações celestes. Não contente de deixar por toda a parte monumentos de destruição de vidas, honras, e obras de industria util, intentavão tambem deixar enormes vazios de tudo que era sublime traço do engenho e braço humano nos paizes perfidamente conquistados com as illusões de *liberdade* e *igualdade*, e não por valor e direito.

Os Vandalos destruirão as obras das Artes, porque não conhecião a sua valia; mas os barbaros da

Facção Jacobinica, affectando de *conhecedores*, e missionarios da propaganda das *idéas liberaes*, *grandes*, *e generosas*, roubarão os thesouros do pincel, e cinzel, invejando ainda os restos dos modelos da antiguidade, no cobarde receio de serem até nisso rivalisados pelos povos intelligentes.

Não pensava assim Mr. *Quatremere de Quincy* na sua Obra de 1796, em que desapprovou o espolio dos monumentos d'arte da Italia, mostrando o prejuizo que dahi resultaria ás Sciencias, e ás Artes; vaticinando, que *essa calamidade seria revisitada contra os seus Authores* e dizendo que = *tudo que pertence á cultura das Artes, não entra nos direitos da guerra e victoria* = e que o *que serve para instrucção local ou geral, deve ser tão sagrado como o Navio do Capitão Cooke no tempo de guerra.* =

Carlos VIII., Francisco I., e o Imperador Carlos V., ainda que forão Conquistadores, e Senhores da Italia e Roma, não tirarão dahi huma só estatua. Frederico, o Grande, da Prussia, apoderando-se de Dresden e da sua Galeria, ficou satisfeito unicamente com admirar as suas pinturas.

O Duque da Victoria se mostrou o segundo Scipião, fazendo justiça ás Nações opprimidas, tendo conquistado a segunda Carthago. O grande Consul de Roma, que abateo o monstro Catilina, e que tinha exactas idéas moraes da honra das Nações, e dos humanos Vencedores, diz contra os defensores de Verres (que tanto se distinguio na rapina das obras d' Arte

dos alliados do povo Romano) " Scipião, cuja equidade e humanidade he bem conhecida, no meio da Victoria lembrou-se que a Sicilia tinha sido devastada pelos Carthaginezes; e ajuntando todos os Sicilianos que estavão no seu exercito, ordenou-lhes que indagassem onde se acharião os roubos que lhes tinhão feito, promettendo restituir á cada Cidade o que lhes pertencia. Todas ellas recobrarão o que se descobrio, e com especialidade as suas Estatuas. A Cidade de Agrigentum recuperou o famoso Touro de Phalaris; Tyndaris a de Mercurio. A celebrada estatua de Diana foi levada em triumpho á Segesta, e sobre a sua base se fez a inscripção em largos caracteres = Scipião, depois da tomada de Carthago, restituio esta Estatua aos Segestanos = &c. &c. ,, *

---

* P. Africani humanitatem et aequitatem cognoscitis. . . Scipio, qui hoc dignum populo Romano arbitraretur, bello confecto, socios sua per nostram victoriam recuperare, Siculis omnibus, Carthagine capta, quae potuit restituenda curavit . . . . . Hi se patrum fortunam ac dignitatem recuperare arbitrabantur . . . . Videtur consuetudinem religionem que Graecorum, quae monumenta hostium in bello ipso solent defendere, ea summâ in pace prætoris populi Romani præsidio non fuisse . . . . . Quisnam igitur, per Deos immortales, tuebitur P. Scipionis memoriam mortui? quis monumenta atque indicia virtutis, si tu ea relinquis et deseris? nec solum spoliata illa patiere, sed etiam eorum spoliatorem vexatorem que defendes?

Cic. in Verr. Orat. IV. e VI. per tot.

He bem sabido, que especialmente a Pintura muito se avantajou na Europa, pelas varias escolas que existiáo em diversos Estados. A nobre rivalidade e emulação dos Artistas respectivos produzirão os seus naturaes effeitos, de realçar os engenhos em cada ponto com alguma singularidade notavel, conspirando todos ao bem geral, e ulterior perfeição. Que innumeraveis talentos se perderião, se os naturaes de differentes paizes remotos fossem obrigados a ir a París aprender as Bellas Artes?

NOTA

DO

LORD CASTLEREAGH

AOS

MINISTROS DAS POTENCIAS ALLIADAS.

Paris 11 *de Setembro de* 1815.

TEndo-se offerecido aos Ministros das Potencias Alliadas Representações por parte do Papa, Grão Duque da Toscana, Rey dos Paizes Baixos, e outros Soberanos, reclamando, por intervenção das Altas Potencias Alliadas, a restauração das Estatuas, Pinturas, e outras Obras das Artes, de que os respectivos Estados forão successiva e systematicamente espoliados pelo Governo revolucionario da França, contra todo o principio de justiça, e usos da guerra moderna; e tendo-se o negocio referido á Consideração desta Corte, o abaixo assignado recebeo ordem do Principe Regente para submetter á Consideração dos Alliados as seguintes ponderações sobre este interessante objecto.

As Potencias da Europa forão obrigadas, em revindicação das suas proprias liberdades, e para o socego do mundo, a invadir a França; e duas vezes

os seus exercitos se apoderarão da Capital do Estado, onde se accumularão os despojos da maior parte da Europa.

O legitimo Soberano da França igualmente por duas vezes com a protecção destes exercitos tem podido retomar o seu Throno, e ser o Medianeiro para o seu povo obter paz com os Alliados, e com tão assignaladas condescendencias, a que, nem o procedimento deste povo a respeito do seu proprio Monarcha, nem o praticado para com outros Estados, lhes dava justo motivo de aspirar.

Que os mais puros sentimentos de veneração á S. M. Luiz XVIII., e o respeito á seus infortunios, invariavelmente guiarão os Conselhos dos Alliados, inquestionavelmente se prova, por se ter no anno passado formado o Tratado de París expressamente sobre a base de preservar á França a sua completa integridade; e ainda mais, depois de se mallograrem as suas expectações na ultima desordem, pelos esforços, que de novo fazem, de em fim combinarem a referida integridade substancial da França com hum adequado systema de precaução temporaria, que possa satisfazer ao que elles devem á segurança de seus proprios Vassallos.

Seria porém o cumulo da fraqueza, não menos que de injustiça nos seus effeitos, muito mais propria a desencaminhar do que a trazer o povo da França á moraes e pacificos habitos, se as Potencias Alliadas, para as quaes o Mundo anciosamente olha, esperando protecção e tranquillidade, não fizessem justa e libe-

ral applicação ás outras Nações suas Alliadas, especialmente ás fracas e desprotegidas, daquelle mesmo principio de integridade, que estão pela segunda vez á ponto de conceder á huma Nação, contra a qual forão compellidos a contender em tão longa guerra.

Sobre que principio póde a França, no fim de tal guerra, esperar ter a mesma extensão de territorios que tinha antes da revolução, e ao mesmo tempo desejar reter os ornamentaes despojos de todos os Paizes? Será porque ainda póde haver duvida do exito da contenda, ou do poder que os Alliados tem de executarem o que a Justiça e a Politica requerem? Se isto não he, sobre que principio se priva a França das suas antecedentes Conquistas, e ao mesmo tempo se lhe preservão os despojos pertencentes aos paizes que conquistara, quando alias todos os Conquistadores modernos invariavelmente respeitarão a taes monumentos, como inseparaveis dos Paizes á que pertencião?

Os Soberanos Alliados talvez devem fazer alguma reparação á Europa, em indemnisação de seus procedimentos em París no anno passado. He verdade que elles não se constituirão complices da multidão dos roubos dos exercitos da França á ponto de sanccionallos por alguma estipulação nos seus Tratados: o reconhecimento da legitimidade de taes adquisições foi da sua parte uniformemente recusado; mas certamente não usarão então de sua influencia para reprimirem qualquer discussão das reclamações dos ditos monumentos, esperando que a França, não menos subjugada por sua ge-

nerosidade, que por suas armas, seria disposta a preservar huma paz, que se tinha tão desveladamente formado para servir como o laço de reconciliação entre a Nação e o Rey. Igualmente tinhão razão de esperar, que S. M. seria aconselhada a restituir voluntariamente aquelles despojos, ao menos em consideravel proporção, á seus legitimos proprietarios.

Agora porém a Questão he mui differente; o ter-se o mesmo procedimento em circunstancias tão essencialmente alteradas, seria, no juizo do Principe Regente, não menos huma falta de sabedoria da parte da França, que de justiça para com os nossos Alliados, os quaes tem directo interesse em tal Questão.

S. A. R., expondo a sua opinião, sente a necessidade de prevenir alguma sinistra interpetração, quando vê ser do dever dos Soberanos Alliados, não só não obstruir, mas tambem facilitar, na presente occasião, a restituição destes objectos aos lugares donde se arrancarão; parece-lhe não menos da sua delicadeza não soffrer, que a situação de seus Exercitos na França, ou a remoção daquellas obras do *Louvre*, venhão ser os meios de, directa ou indirectamente, trazer aos seus proprios dominios hum unico artigo, que no tempo das suas conquistas não pertencesse de direito, ou ás colleções das respectivas familias, ou aos paizes sobre que actualmente reinão.

Por maior que seja o valor que o Principe Regente dê a taes reclamadas obras das bellas artes, sendo de outro modo adquiridas, elle não dezeja possuil-

las á custa da França, ou, para melhor dizer, dos Paizes á que de direito pertencem; especialmente por não seguir hum principio de guerra, que elle considera como ignominioso á Nação que o tem adoptado; e longe de desejar tirar vantagem de se lhe offerecer assim occasião de comprar dos legitimos proprietarios quaesquer artigos, que elles, por precisões de dinheiro, fossem dispostos a vender, S. A. R., ao contrario, seria disposto antes a dar os meios de repôllas naquelles mesmos Templos, e Galerias, de que ha tantos tempos tinhão sido os ornamentos.

Se fosse possivel que podessem entrar em duvida os sentimentos de S. A. R. para com a pessoa e causa de Luiz XVIII., ou que a situação de S. M. Christianissima fosse injuriada aos olhos de seu povo, o Principe Regente não tomaria esta resolução sem a mais penosa repugnancia; mas, ao, contrario, S. A. R. se persuade, que S. M. se exaltará em amor e respeito dos seus proprios Vassallos, á proporção que elle mesmo se separar destes monumentos da guerra revolucionaria. Estes despojos, que impedem a reconciliação moral entre a França e os Paizes que ella tem invadido, não são necessarios para se recordarem as proezas dos seus exercitos; pois que, não obstante a causa em que forão ostentadas, sempre as armas da nação forão respeitadas fóra della. Porém, em quanto esses objectos permanecerem em París, constituindo, por assim dizer, os titulos de propriedade sobre os paizes que á força os cederão, jámais serão inteiramente extinctos os

sentimentos de outra vez se reunirem taes paizes á França; nem o Genio do povo francez completamente se accomodaria com o territorio mais limitado que a Nação tinha no governo dos Bourbons.

Nem esta opinião he dada com alguma disposição da parte do Principe Regente de humilhar a Nação Franceza. A geral Politica de S. A. R., o comportamento de suas tropas na França, e o se ter prevalecido do primeiro momento da entrega de Bonaparte para restituir á França a liberdade de seu Commercio; e, sobretudo, o desejo que recentemente manifestou por ultimo de preservar á França a sua integridade territorial, com certas modificações essenciaes á segurança dos Estados vizinhos, são as melhores provas de que esta decisão fora dictada sómente pela consideração de justiça devida aos outros Estados, e pelo desejo de curar as feridas feitas pela revolução, e não por algum illiberal sentimento para com a França.

Toda a questão se reduz á isto: as Potencias da Europa pertendem agora formar com sinceridade hum Tratado duravel com o Rei? Se assim he, sobre que principios será elle concluido? Este arranjamento terá por base a conservação, ou o abandono, dos espolios revolucionarios?

Póde o Rei sentir a sua propria dignidade exaltada, ou o seu titulo crescido, sendo cercado de monumentos das artes, que trazem á memoria, não menos os soffrimentos da sua propria e illustre Casa, que os das outras nações da Europa? Se o povo Francez de-

seja tornar atraz os seus passos, póde racionavelmente querer preservar esta fonte de animosidade entre elle e todas as outras nações? e se não o pertende, he politico lisongear a sua vaidade, e ter vivas as esperanças que a contemplação destes tropheos he propria a excitar? Póde ainda o exercito desejallo? A memoria das suas campanhas não póde jámais perecer. Ellas estão recordadas nos annaes militares da Europa. Ellas estão gravadas nos brazões e publicos monumentos de seu Paiz. Porque he necessario associar a sua gloria militar com o systema de roubo, que o seu Chefe adoptou em contravenção á todas as Leis da guerra moderna, e comque, conduzindo-os ás batalhas, de facto eclypsou o lustre de suas armas?

Se realmente desejamos a paz, e tornamos ás antigas maximas, não he sabio o conservar os abusos passados; nem o Rei, que foi salvo da ruina da Revolução, de que a sua Familia foi huma das principaes victimas, póde desejar que se perpetue na sua Casa este odioso monopolio das artes. A esplendida collecção que a França possuia antes da revolução, augmentada pela collecção *Borghese* (a mais bella do Mundo) que depois foi comprada, dará ao Rei amplos meios de ornamento da Capital do seu imperio em sua justa proporção. S. M assim liberta-se daquella manchada fonte de distincção, sem prejudicar á devida cultura das artes na França.

Applicando-se o remedio a este mal offensivo, parece que se não podia adoptar outra linha de conduc-

ta sem se authorizar, debaixo da capa dos Tratados, huma multidão de espolios, se he possivel, ainda mais odiosos no seu caracter, do que os actos de clara rapina, pela qual, no geral, forão adquiridos os ditos monumentos.

O principio da propriedade, regulada pelas reclamações dos territorios donde se espoliarão estas obras, he a via mais segura, e a unica, de fazer justiça; e talvez nenhuma cousa mais tenderia presentemente a satisfazer o espirito publico da Europa, do que huma tal homenagem que o Rei da França prestasse ao principio da *virtude*, *conciliação*, *e paz*.

N. XXVII.

HONRA SEM PAR
DOS
SOBERANOS ALLIADOS
AO
LORD WELLINGTON.

Sciant homines bono imperatori non magni fortunam momenti esse; mentem rationemque dominari. -- Demum periculo atque negotiis compertum est in bello plurimum ingenium posse.

Liv. . . . Sallust.

A Nova Paz da Europa com a França, assignada a 20 de Novembro de 1815, sendo os Negociadores por parte de Inglaterra o Lord Castlereagh, e o Lord Wellington, deo o complemento de gloria ao vencedor de Waterloo, pelo Acto, sem exemplo na historia da Europa, em que as Alliadas Potencias da primeira ordem Nomearão a este incomparavel Capitão o Generalissimo dos seus Exercitos, que em numero de cento e cincoenta mil homens se accordou que ficassem aquartelados na França por cinco annos, para a observancia

do Tratado, e impossibilidade de nova explosão revolucionaria. A intelligencia e prudencia do Lord Wellington, e não a sua immensa fortuna, são as garantias em que os Alliados Soberanos se fundão para segurar a ordem social. O exito da contenda mostrou, que se reunião naquelle verdadeiramente *Homem necessario*, os talentos e meritos de Fabio, e Scipião. Sendo a final publicados e correntes os Artigos da Paz tão suspirada, he bem que á esta Memoria se annexem os seguintes Actos, que immediatamente tocão á Honra sem par do Thaumaturgo Britannico, que se mostrou não menos habil no Gabinete que no Campo.

NOTA
DOS MINISTROS
DAS QUATRO CORTES PRINCIPAES
AO
DUQUE DE RICHELIEU,

A 20 de Novembro de 1815, em satisfação á S. M. Christianissima.

"OS Abaixo assignados, Ministros dos Unidos Gabinetes, tem a honra de communicar a Sua Excellencia, o Duque de Richelieu, o novo Tratado de Alliança, com os que tem assignado em nome e por ordem de seus Augustos Soberanos; cujo objecto he o dar aos principios consagrados pelos Tratados de Chaumont, e Vienna, a applicação mais analoga ás presentes circunstancias, e unir o destino da França com os communs interesses da Europa.

Os Gabinetes Alliados considerão a estabilidade da ordem das cousas felizmente estabelecida neste paiz, como huma das bases essenciaes da solida, e duravel tranquillidade. A este objecto tem sido constantemente dirigidos os seus unidos esforços; e o seu sincero desejo de manter e consolidar o resultado destes esforços tem dictado todas as estipulações do novo Tratado. S. M.

Christianissima reconhecerá neste Acto a solicitude, com que elles concertarão as medidas mais convenientes para removerem qualquer cousa, que daqui em diante possa comprometter o repouso interno da França, e prepararão os remedios contra os perigos com que a Authoridade Real, que he o fundamento da ordem publica, possa ser ameaçada. Os principios e as intenções dos Soberanos Alliados são a este respeito invariaveis. Os empenhos que elles tem agora contrahido, são disso não equivoca prova: mas o vivo interesse que tomão na satisfação de S. M. Christianissima, como tambem na tranquillidade e prosperidade do seu reino, os induz a esperar, que jamais se realisarão os acontecimentos, contra os quaes se providenciou nestes empenhos.

As Potencias Alliadas vêm a primeira garantia das suas esperanças nos illustrados principios, magnanimos sentimentos, e pessoaes virtudes de S. M. Christianissima. S. M. tem reconhecido com Ellas, que em hum Estado que, durante hum quarto de seculo, foi convulso por movimentos revolucionarios, a força, por si só, não póde reproduzir serenidade nos espiritos, confidencia nos corações, e equilibrio nas differentes partes do Corpo Social; e que se deve ajuntar sabedoria com vigor, e moderação com firmeza, a fim de se obterem estas felizes mudanças. Longe de recearem que S. M. haja de dar ouvidos á conselhos imprudentes, ou apaixonados, tendentes a nutrir descontentamentos, renovar sustos, reanimar odios, e divisões, os Gabinetes Alliados estão cabalmente seguros, pelas não me-

nos sabias, que generosas disposições, que S. M. tem manifestado em todas as epocas do seu reino, e particularmente depois que voltou, sendo extincta a criminoza usurpação. Estão certos de que S. M. se opporá á todos os inimigos do bem publico, e da tranquillidade do seu reino, debaixo de qualquer fórma que elles appareção; do seu aferro ás Leis Constitucionaes, promulgadas sob os seus auspicios; de sua vontade, decididamente pronunciada, de ser o Pai dos seus vassallos, sem alguma distinção de classe ou religião; e de apagar ainda a lembrança dos males que elles tem soffrido, conservando do tempo passado unicameute o bem que a Providencia permittio nascer ainda entre as calamidades publicas. Só assim he que os desejos formados pelos Gabinetes Alliados para a conservação da Authoridade Constitucional de S. M. a fim da felicidade do seu paiz, e para a firmeza da paz do mundo, podem ser coroados com successo completo; e que a França, restabelecida sobre as suas antigas bases, póde retomar o posto á que he chamada no Systema Europeo &c. &c. ,,

As condições capitaes da Nova Paz, e que parecem as mais onerosas são: 1.ª a cessão perpetua, que a França faz, das Praças fortes de Philippeville, Mariemburgo, e Laudau, com os respectivos districtos; e de alguns não extensos territorios limitrophes, para a segurança das fronteiras de Alemanha, Suissa, e Italia: 2.ª a entrega temporaria de outras 18 Praças fortes, que formaráõ a Linha defensiva das tropas das Po-

tencias Alliadas, que devem permanecer na França por não mais de cinco annos, para dar tempo a contrahirem os Francezes habitos pacificos, e regulares das relações civis: 3.ª a sustentação, á custa da França, de 150$ homens destas tropas estrangeiras, sob o Commando do Lord Wellington, para prevenir attentados revolucionarios, e não compellir os Soberanos, Fiadores da Ordem Social, a recorrerem á extremidades: 4.ª a contribuição de setecentos milhões de francos (280 milhões de cruzados) para alguma indemnidade das despezas da guerra, e que não monta a dous por cento da notoria extorção que os Francezes fizerão na Europa: 5.ª a restituição dos Quadros, Estatuas, e outros monumentos d'Arte espoliados dos paizes invadidos no tempo da anarchia e tyrannia da França; para saaisfação da Humanidade e Civilisação ultrajada.

Assim a França, não obstante a sua Quebra da primeira Paz de 30 de Maio de 1814, e segunda total Conquista do Estado pelos Belligerantes, obteve a Nova Paz, com substancial integridade de seu territorio possuido antes da infame Revolução; e unicamente se lhe *dictou a Lei*, a menos imperiosa, e a mais favoravel, que era compativel com as circunstancias.

NOTA

DOS

MINISTROS DAS POTENCIAS ALLIADAS

AO

DUQUE DE RICHELIEU.

HAvendo as Potencias Alliadas, confiado ao Marechal Duque de Wellington o Commando em chefe das respectivas tropas, que, em conformidade ao Artigo 5.º do Tratado, hoje concluido com a França, tem de permanecer neste paiz durante certo numero de annos; os abaixo assignados Ministros &c. &c. &c. entendem ser do seu dever dar alguma explanação á Sua Excellencia o Duque de Richelieu, relativa á natureza e extensão dos poderes annexos áquelle Commando.

Ainda que nesta medida fossem principalmente guiados por motivos tendentes á segurança e felicidade de seus Vassallos, estando longe de ter alguma intenção de empregar as suas tropas para ajuda da Policia, ou da interna Administração da França, ou para comprometter, ou impedir, de qualquer maneira, o livre exercicio da Authoridade Real neste paiz; comtudo os Alliados Soberanos, em consideração do alto interesse que tomão em sustentar o poder dos legitimos Soberanos, tem promettido a S. M. Christianissima sustentallo com as suas armas contra toda a convulsão re-

volucionaria, que possa tender a subverter com força a ordem de cousas presentemente estabelecida, ou ameaçar tambem a geral tranquillidade da Europa. Elles todavia não dissimulão, que, na variedade de fórmas com que o espirito revolucionario se póde manifestar na França, se excitaráõ duvidas quanto á natureza do caso que justifique o reclamar-se a intervenção de força estrangeira; e sentindo a difficuldade de formar instrucções exactamente applicaveis a cada particular caso; as Potencias Alliadas tem julgado ser melhor deixar á *experimentada prudencia e discrição do Duque de Wellington o decidir, quando, e com que extensão, possa ser racionavel empregar as tropas que estão ás suas ordens*; sempre suppondo, que em nenhum caso á isso se determine, sem concertar as suas providencias com El-Rei de França, ou sem dar informação, quanto antes, aos Soberanos Alliados, dos motivos que o podem induzir á tal determinação. E para o effeito de guiar o Duque de Wellington na escolha dos seus expedientes, sendo importante que elle se informe dos successos que occorrerem na França, os Ministros das quatro Côrtes Alliadas, acreditados junto a S. M. Christianissima, tem recebido ordens de manterem huma correspondencia regular com o Duque de Wellington, e de proverem ao mesmo tempo á nomeação de hum Intermediario entre o Governo Francez e o Commandante em chefe das tropas Alliadas, a fim de transmittir ao Governo Francez as communicações que o Duque de Wellington precise dirigir-lhe; e communicar ao

Marechal as lembranças, ou requisitorias, que a Côrte de França possa para o futuro desejar fazer-lhe. Os Abaixo assignados se lisongeão, que o Duque de Richelieu facilmente reconhecerá nestes arranjamentos o mesmo caracter e os mesmos principios, que se tem manifestado em concertar e adoptar as medidas da occupação militar de huma parte da França. Elles tambem, deixando este paiz, levão comsigo a consoladora esperança, de que, não obstante os elementos de desordem que a França ainda contém (e que são o effeito dos successos revolucionarios) hum Governo sabio, e paternal, procedendo em modo conveniente a tranquilizar e conciliar os espiritos do povo, abstendo-se de todo o acto contrario á este systema, não só conseguirá manter a tranquillidade publica, mas tambem restabelecerá a universal união e confidencia; alliviando, quanto as providencias do Governo poderem effeituar, as Potencias Alliadas, da penoza necessidade de recorrerem á medidas que, no caso de alguma nova convulsão, imperiosamente lhes prescrevão o dever de providenciar á segurança de seus proprios Vassallos, e á geral tranquillidade da Europa.

Os Abaixo assignados tem a honra &c.

Metternich.
Castlereagh.
Hardenberg.
Capo D'Istria.

N. XXVIII.

Quæ gravia et intoleranda, sed necessitate armorum excusata, etiam in pace manere.

Tacit.

O Actual Ministro da França o Duque de Richelieu, depois da mudança do Ministerio que difficultou a conclusão da paz, no seu Relatorio apologetíco, que fez na Camara dos Pares a 25 de Novembro, escusando-se pela necessidade politica de assignar o Tratado, em que os Conquistadores derão a *lei á França*, reconhece, que os males que a Providencia enviou á seu paiz, erão *lição util*; pela systematica violação com que no tempo da anarchia e tyrannia se violarão todas as regras moraes; e que no estado, sem parallelo na historia, e unico no seu genero, á que os Francezes se precipitarão, pela infatuação do Usurpador, e perversidade da Cabala que seduzio o exercito, e o povo, a França seria perdida, até com infausta sorte da Europa, se por mais tempo se prolongasse a crise; vista a irresistivel superioridade e irrevocavel determinação dos Soberanos Alliados, influidos pelo terror da renovação das desordens revolucionarias, que lavrarão por vinte e cinco annos, e estive-

rão a ponto de destruirem os seus Imperios, e ainda desorganisarem a Ordem Social.

He bem sabido que Bonaparte, quando usurpou o Throno dos Bourbons, disse, que Francezes só se podião reter com *mão de ferro* : os Soberanos d'Europa, e os amantes da Civilisação, esperão, que o Duque da Victoria, tendo no Quinquennio a superintendencia militar da França, alliciará os seus habitantes ao dever com *bondade de coração*. Entretanto que não contrahem os habitos pacificos e moraes de hum Governo regular, não deve parecer estranho, que ainda se veja na Europa, e ainda em Inglaterra, o apparato preventivo de guerra, tendo a Paz a apparencia de huma *Tregoa Armada*.

N. XXIX.

OBSERVAÇÕES
SOBRE A RUINA
DO
DESPOTISMO MILITAR DA FRANÇA.

—— Ruunt toto concita pericula mundo.

Lucan.

NA catastrophe do espurio e pantomimo Imperio Francez, (que convem ser cantada pelos melhores Poetas) e á vista do phenomeno politico, sem prototypo, de huma immensa *Nação presidiada*, e compellida a fazer, como Ré de Lesa-Humanidade, (segundo a regra particular do Paiz) *l'amende honorable* de hum estado expiatorio, só cumpre accusar a si mesmos os que forçarão os Belligerantes Victoriosos a lhe dictarem a *dura lei*, que ora em vão lamentão, sendo alias tambem gravosa aos Estados triumphantes, por se não discontinuarem na paz os sacrificios da guerra; pela ineluctavel necessidade em que se achão, de estarem alerta, e armados, contra hum povo versatil, e ins-

tigado pela terrivel Facção Jacobinica e Militar, (mal dispersa, e não extincta) que abandonou os Principios Rectores da Ordem Civil, e que ainda se remorde, e conspira com phrenesi da desesperação, tendo em ancia a França, e obrigando, com grande despeza e vigilancia, a guardar o monstro que criára, ainda mais do que a fabula em suas historias allegoricas refere do *Minotauro* ou *Dragão das Hesperides*.

Recordem-se os Francezes da *Falla* dessa Creatura de suas phantasias, quando, sendo desertor do proprio Exercito do Egypto, abandonando-o aos inimigos (o que em todo o paiz, que tem idéa de honra civil e militar, inhabilitaria, com eterna infamia, a qualquer semelhante cobarde para nova honra e confiança) foi remunerado com a Dignidade Consular, derribando a *oligarchia* do intitulado *Directorio Executivo*. Lancem-lhe em rosto, agora com maior razão, a parodia dos opprobrios, com que então o chamado *mimoso Filho da Victoria*, (alias vindo batido pelos Turcos em *S. João d'Acre*, e forçado a atravessar o deserto com immensa perda de sua gente) aviltou esse *Quinquevirado*.

" Em que estado deixei a França, e em que es-
,, tado a achei! Deixei-vos paz, e acho a guerra:
,, deixei-vos conquistas, e o inimigo agora passou as
,, fronteitras: o roubo se estabeleceo em systema, e os
,, recursos da Nação se exhaurirão: o Soldado foi sa-
,, crificado sem defeza. Onde estão os heroes! Onde es-
,, tão os meus cem mil camaradas, que eu tinha cober-
,, to de louros! Que he feito delles! *Todos são mortos*.

Agora devem achar a razão do Generoso Proceder do Nosso Soberano; e ao mesmo tempo os mais incredulos seráõ obrigados a reconhecer o Ascendente Politico da Potencia da Gram-Bretanha, que nos ajudou na mais pura boa fé e magnificencia, e fez constante guerra á Facção predominante, com o seu conselho, dinheiro, credito, braço, engenho, caracter, e valor. Bonaparte, bem a seu pezar, adulatoriamente o confessou, quando, com a trivial arte machiavellica, debalde escreveo a seguinte Carta á Sua Magestade Britannica, depois que se fez declarar Imperador dos Francezes, tentando restabelecer a miseravel paz de Amiens, bem trocada em guerra *, e presumindo aterrar o Gabinete *sem-pavor*.

,, Vossa Magestade ganhou em dez annos em ter-
,, ritorios e riquezas maior extensão que a de Euro-
,, pa: a Vossa Nação está no meior auge de prospe-
,, ridade. Que póde Vossa Magestade esperar da guer-
,, ra? Formar novas Ligas Continentaes? O Conti-
,, nente ficará tranquillo: toda a Confederação servi-
,, rá sómente para augmentar a Preponderancia Con-
,, tinental, e a Grandeza da França. Renovar as nos-
,, sas perturbações interiores? Os tempos são outros.
,, Destroir as nossas Finanças? As Finanças fundadas
,, sobre huma sabia agricultura nunca serão destroidas.
,, Privar a França de suas Colonias? As Colonias são

---

* Miseram pacem vel bello benè mutari.

Tacit.

,, para a França hum objecto secundario. E vossa Ma-
,, gestade não possue mais Colonias do que póde con-
,, servar? Se Vossa Magestade reflectir sobre isto, verá,
,, que a guerra não tem objecto, nem algum fim de-
,, terminado.

Felizmente ora *os tempos são outros*. Comparem-se os prognosticos, e os resultados, e applique-se ao Impostor a sua propria Sentença, quando, apparecendo no que intitulou *Senado Conservador*, depois da outra, ainda peior e mais vil, deserção do formidavel Exercito da Russia, (que deixou perecer a fogo, neve, fome, e falta de tudo,) disse que = *do Sublime não vai senão hum passo ao ridiculo*. =

Se a França reflectir sobre isto, cedendo á intuitiva evidencia de sua situação, ha de confessar os seus erros economicos e politicos (que infestárão a tantas cabeças e Nações): ha de em fim reconhecer, que nunca poderá invadir impunemente a qualquer parte do Imperio Luzitano; e que a guerra que se lhe fez, foi *Guerra de Communhão*, e teve *o objecto certo*, *e o fim determinado*, conforme a original Declaração dos Soberanos Confederados em *Pilnitz* em 1792, os quaes ante a Humanidade protestárão, que " tomavão as ar-
,, mas para o *fim unico* de *preservarem a Ordem So-*
,, *cial e politica* entre todas as Nações civilisadas; que,
,, com este fundamento, esperavão, que todos os Im-
,, perios, e Estados fossem unanimes na Confedera-
,, ção, e viessem a ser os firmes *Guardas da felici-*
,, *dade do Genero Humano*, unindo os seus esforços pa-

„ ra *livrar a huma tão populosa Nação como a Fran-*
„ *ça , da sua propria furia* , e salvar a Europa do
„ retorno do Barbarismo , e a Terra da anarchia e sub-
„ versão de que estava ameaçada. „ Agora he da Hon-
ra Franceza evitar daqui em diante o labéo , que seu
Mestre de Politica , o *Author do espirito das Leis* ,
applica ás Nações devastadoras.

Os ambiciosos e democratas , que não se horrorizão de horrorosas innovações ; os ideologos , que pertendem chiméras , precipitando as epochas dos verdadeiros beneficios sociaes (que alias só vem da Sabedoria Eterna) ; os misanthropos , que aborrecem a sua depravada especie ; porfião em desluzir a *Nova Paz* , figurando imminente hum futuro pavoroso , supondo nada ter ganhado , antes peiorado , a Humanidade , com a destruição do Collosso Gallico , vistos os Substitutos de outros desmarcados Collosos de Poder , Confederados (segundo a vulgar calumnia contra os Governos regulares) para obstarem ás justas reformas , que a prudencia aconselha aos Soberanos legitimos. Prostrada a tyrannia da Facção , que tanto opprimio e atrazou o Mundo em virtude , sciencia , e industria productiva , (fontes da riqueza e prosperidade dos Estados ,) todos os males , de temporaria reacção , e inevitavel resentimento dos Monarchas e povos opprimidos , vem a ser como gotas de leve transitoria chuva no Oceano , comparativamente ao diluvio de sangue e miseria , com que a Revolução inundou a Terra nos horridos temporaes de seus atrabilarios governos,

He visivel , que ficando este reino com *substancial integridade* , pode ser melhor contrapezado o equilibrio das Potencias , que tanto se empenhão no progresso da Civilisação. Pelo proprio bem entendido interesse de suas dynastias ha razão de presumir, que, ellas serão os Fiadores solidos dos Melhoramentos Sociaes , quanto he racionavel de esperar das luzes correntes , e da Constituição Humana. Quando todas se comprometterão a cooperar para a Civilisação d'Africa , he de crer que a ambição não as segue para barbarizarem a Europa , Mestra do Genero Humano , e alias havendo-se dado as mãos para susterem a Ordem Civil sobre as suas verdadeiras bases = Religião , Moral , Cultura das Sciencias e Artes uteis , Commercio legitimo. =

Mas , quando o evento não corresponda ao destino , só a França deve temer , e tremer , dos brados da Humanidade ; por ter , depois de tantas farças de republicas irrizorias , dado o pessimo exemplo de segunda vez ambicionar restabelecer o Imperio de Carlos Magno *, entrhonizando a hum *ninguem* , para ostentar desprezo de toda a Lei divina e humana , e tratar os homens ainda abaixo do nada.

* A' França , e ao seu Aborto . he applicavel o que o Author da *Historia das Republicas Italianas da Idade Media* (*Mr. Simondi*) diz daquelle Conquistador. = Não conside-
„ remos o Reino de Carlos Magno , á despeito de todo o
„ esplendor de suas Conquistas , como tendo contribuido á

N. XXX.

ESPONTANEA ORGANISACÃO

DA

LEAL LEGIÃO LUSITANA

Biennio ante adeo Duces Romanos et milites spreverant, ut vix cum eadem gente bellum esse crederent, cujus terribilem eam famam accepissent.

Tit. Liv. Dec. III Lib. 22

HE notorio que os Militares Francezes da Facção Revolucionaria, por insano orgulho, antes da invasão de Portugal, affectavão desdem contra os Capitães e Soldados Portuguezes, como os velhos Gallos contra os dos Romanos, não obstante a sua antiga fama militar; e por isso entenderão, que para a sua subjugação, não valia a pena fazer-se-lhes guerra declarada. Todavia

---

,, felicidade do Genero Humano. Elle he responsavel á Hu-
,, manidade pelo reino de seus Successores; por dous secu-
,, los os mais deploraveis nos annaes no Universo; pelas guer-
,, ras civis de sua raça; pelas devastadoras invasões dos Bar-
,, baros; pela universal fraqueza de seu novo imperio; e fi-
,, nalmente pelo retorno das trevas civis, ainda mais densas
,, na idade seguinte.

(fosse medo ou presentimento) sempre o seu novo Breno julgou acertado apoderar-se do Reino com dólo, e não á força d'armas. Por fortuna, e para Gloria Nacional, foi ephemero, e terrivel para os invasores, o indigno estratagema. E como, segundo original e profundamente diz o Oraculo da Politica Britannica o celebre *Burke*, " as Nações não são superficies Geographicas, mas *Essencias Moraes*,, a Gente Portugueza se achou em Corpo da Nação, quer em Inglaterra, quer na *Cabeça da Europa*. Isto bem mostra o seguinte Documento relativo á Legião Lusitana, que mencionei no Prologo.

D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, do Conselho de S. A. R. o Principe Regente N. S., e seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario junto a Sua Majestade Britannica, &c. &c. &c.

A todos os Senhores Officiaes, Officiaes Inferiores e Soldados, assim como a todas as Pessoas não Militares, refugiados em Inglaterra.

FAço saber o seguinte. — Em quanto o Reino de Portugal estava submettido á hum Jugo Estranho, e que a Providencia escondia aos nossos olhos aquella

Epocha que nós todos sabiamos, porém que de certo havia de vir, em que os Corações Portuguezes mostrassem outra vez o que podem fazer a favor do seu Principe Natural, em defeza da sua Patria, e para a restauração de sua Liberdade e Independendia, era a Emigração para o Brasil justa para todos, necessaria á muitos. Aquellas Vidas, e aquelles Braços que se subtrahirão á Tyrannia, restituião-se ao Legitimo Soberano: mas agora as circunstancias mudarão. Aquelle ardente Fogo de Lealdade e Amor aos seus Principes Naturaes, que a fraude, ainda mais do que a violeneia, pôde já por duas vezes abafar entre os Portuguezes, rebentando no anno de 1640 com a maior energia, depois de 60 annos de escravidão, mostrou ao Mundo que era inextinguivel; e bastou agora o Exemplo dos honrados e valentes Hespanhoes nossos Visinhos para o despertar com a mesma força nos Peitos Portuguezes. Portugal está todo em Armas: A Bandeira Portugueza está outra vez arvorada em todas as Provincias: O Adorado Nome do PRINCIPE REGENTE N. S. torna outra vez a ser proclamado em todas as partes do Reino. Lisboa e algumas Fortalezas, aonde os Francezes encobrem o seu medo e a sua fraqueza, são os unicos pontos, de todo o nosso Territorio na Europa, que os Olhos Portuguezes tem o desgosto de ver ainda manchados com as odiosas Insignias da Tirania Franceza. Mas para restituir a Capital ao doce Jugo, por que ella suspira; para despeda ar aquelle Infame, que a perfidia lhe impoz; para forçar no seu

ultimo Entrincheiramento esse Insolente General Junot, que tão barbaramente abusou do poder das Circunstancias para opprimir, despojar, atropellar, e com Proclamações Irrisorias insultar os infelizes Portuguezes; para obter todos aquelles grandes Bens, para desafrontar o Principe, e a Patria, para nos vingar em fim, armou-se, alistou-se voluntariamente, e marchou toda a Mocidade do Reino. Todas as Classes e todas as Idades, animadas do mesmo Ardor, concorrem agora para a Defeza commum. Cessarão todas as differenças privadas; julgou-se até desnecessario por ora o exercicio do Foro. A Causa da Patria he a Causa de todos.

Taes são os Sentimentos, e as Noticias que me manda o Governo Supremo instituido em nome de S. A. R. na Cidade do Porto, e ao qual, como de Cidade tão principal, espontanea, e unanimemente se unirão e sobmetterão logo todas as Comarcas e Villas, e todos os habitantes, sem excepção, das tres Provincias do Norte.

Que estas Noticias, que o Echo destas Vozes tambem se ouvisse em Inglaterra; que os corações Portuguezes que nella se achão, fervessem no dezejo de ir em soccorro dos seus Irmãos e Parentes, a participar da Gloria que elles já alcançarão, e ainda hão de alcançar, he o que eu esperava, he o que succedeu: e se eu não respondi ategora a todas as propostas, e offerecimentos, que de todas as partes desta Reino, aonde se achão Portuguezes, me tem sido feitos, he por que, Interprete das Vontades do Nosso Soberano, quando se referem ao Paiz em que resido, não posso, sem

o concurso do Governo desse Paiz, dispor dos meios de execução que são necessarios; he porque, Interprete das Reaes Intensões, o devo ser tambem dos seus Interesses.

Graças aos Nossos Illustres Antepassados, e á Nobre Resolução que S. A. R. tomou a 29 de Novembro proximo passado; a Monarchia Portugueza excede muito os primeiros limites do seu precioso Berço. Seria imprudencia, convidando, obrigar a voltar ao Reino aquelles a quem motivos imperiosos, e a quem o Serviço do Monarcha, chamão ao Brasil, ou á outra parte de Portugal, e dar-lhes os meios de serem uteis á Causa que querem defender.

A tudo isto attendeu, como eu esperava, o Magnanimo Governo Britannico; e he depois de ter com o mesmo concertado a Execução dos Votos, que tive a honra de lhes transmittir dos S. S. Officiaes e Soldados Portuguezes, que lhes faço saber as seguintes Disposições.

DISPOSIÇÕES GERAES.

Para que seja absolutamente livre o arbitrio daquelles que tem justas razões para passar ao Brasil, tenho disposto que, sem differença sensivel de tempo, cheguem á Plymouth, que será o lugar geral do embarque, os Transportes Portuguezes para o Brasil, e os que vão para Portugal.

As Accomodações possiveis, as Disposições praticaveis para a boa qualidade e abundancia de Mantimen-

tos, arrecadação e distribuição dos mesmos por Pessoas fieis; a prevenção necessaria de Cirurgião e Botica, estão tomadas para huns e outros.

Ao Governo Britannico pedirei Comboi, em tempo competente, para o Brasil e para Portugal.

A Providencia ha de permittir que estas Disposições, inspiradas pelo dezejo mais puro de acertar, merecerão a approvação de S. A. R.

A Providencia, sempre justa, mas impenetravel muitas vezes, e por longo tempo, nos seus occultos fins, tem levado a Monarchia Portugueza, por entre precipicios, e por huma serie de acontecimentos inauditos, á huma Crise, que ha de decidir para sempre da sua futura Sorte,

Se a União e a Lealdade prevalecerem; se ficarem extinctas todas as Paixões particulares; se não houver outro Partido senão o Partido da Patria; o Resultado desta grande Catastrophe he certo, seguro, e glorioso: Se nós percebermos bem, que o vinculo mais forte para a nossa União, he a Lealdade imperturbavel á Augusta Caza de Bragança, em qualquer parte do Mundo (que á todas se extende a Monarchia) podemos servilla bem, e fazer respeitar o Monarcha. Fieis ao Principe, e á Patria, mostremo-nos, quaes erão os nossos Maiores — Estimaveis em Paz — Terriveis em Guerra.

(assignado) D. D. de Souza Coutinho.

Condições que se promettem, e segurão, aos Senhores Officiaes, Officiaes Inferiores e Soldados, que se offerecerão para passar á Portugal, e dos quaes se formou, e ha de formar, a Leal Legião Lusitana; assignadas em Nome do PRINCIPE REGENTE *N. S. pelo seu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em Londres.*

I. COmo se tem offerecido passar á Portugal, Officiaes de Infantaria, Cavallaria, e Artilharia, e que não cabe no tempo, que deve ser precioso para todos, formar-se huma Legião completa, nem ha Soldados bastantes para a completar aqui, pareceu mais proprio deixar esta formação ao arbitrio do Governo Supremo do Porto, e formar-se por ora hum batalhão de Caçadores com as Praças que houverem, e mandar-se os Officiaes de Patentes, e Officiaes Inferiores (supernumerarios) para os outros Batalhões que recrutarão no Porto, que eu escrevi ao Governo Supremo, que se dignasse ter promptos e disciplinados; e para accelerar a formação do Corpo inteiro, mandar-se-hão os Officiaes supernumerarios adiante, em Navio separado e com Comboi.

Formar-se-ha logo aqui huma Companhia de Arti-

lharia Volante, e levar-se-ha todo o Armamento e o mais que he necessario para Tropa de Cavallaria Ligeira, de sorte que, agradando o Plano d'huma Legião, possa o Governo Supremo ordena-la e faze-la, quasi instantaneamente, entrar em acção contra o Inimigo.

II. Todos os Batalhões de Caçadores, e as Companhias de Artilharia Volante farão parte de hum Corpo ou Legião, que se chamará a *Leal Legião Lusitana*: O Uniforme será Branco e Verde, cores sempre gratas aos Portuguezes, porque são as da Augusta Casa de Bragança: Ficará á escolha do Supremo Governo do Porto a Nomeação do Commandante em Chefe da Legião. Os Batalhões serão commandados pelos Officiaes de maior Patente que se me offerecerem, e a Organização das Companhias constará do Plano, que será publicado á parte.

III. Além das Armas, Fardamentos, e Petrechos necessarios para o numero existente, embarcar-se-ha o sufficiente para completar o Corpo, apenas chegado a Portugal.

IV. As Armas, Munições, Fardamentos, &c. estão promptos, e estão tomadas as disposições necessarias para o pagamento dos Soldos, e manutenção do Corpo em Campanha.

V. Tomou-se por base dos Soldos e mais Ventagens que hão de vencer os Soldados deste Corpo, a Proclamação do Governo Supremo com data de 20 de de Junho proximo passado, que promette de Gratificação a cada hum, por entrada, hum mez de Soldo,

e de Soldo diario, quatro vinteins com a Farda, Munições, Etapa do costume; conforme a Proclamação do mesmo Governo Supremo, com data de 25 de Junho, os Officiaes Inferiores, terão o mesmo augmento diario de 40 reis. Para os Senhores Officiaes de Patente, ainda que o augmento de Soldo he indispensavel, pareceu prudente segurar-lhes o mesmo augmento que o Governo Supremo do Porto tiver determinado para todos os Senhores Officiaes do Exercito.

VI. Dar-se-ha huma igual Gratificação em dinheiro a todos os Senhores Officiaes para os seus novos Uniformes, e huma proporcionada para a compra de Sellas e Arreos aos que tem Cavallos de Sella pagos pelo Corpo.

VII. Todas as Pessoas que allegarem que tem direito a ser recebidas como Cadetes, serão admittidas como Aspirantes a Cadetes, obrigando-se a fazer as provas necessarias no Reino ou no Brazil.

VIII. A todos os Senhores Officiaes e Soldados se assegura, em Nome de S. A. R. a passagem gratuita para o Brazil (se a pedirem) logo que findar a Guerra em Portugal gloriosamente, como se deve esperar, e igualmente no caso, que DEOS não ha de permittir, que a Guerra acabasse infelizmente.

IX. A todos os Senhores Officiaes de Patente, e Inferiores se assegura, em Nome de S. A. R., finda a Guerra da Independencia de Portugal, e querendo passar ao Brazil, o mesmo Posto a que tiverem sido promovidos pelos seus serviços: E a todos os Soldados,

nas mesmas circunstancias, a liberdade absoluta de continuar, ou largar o Serviço Militar, além da Passagem gratuita para o Brazil.

X. Ao Governo Supremo do Porto, não ha de esquecer a necessidade urgente de renovar os Estabelecimentos que havião, ou de crear outros de novo para acudir ás familias dos que perecerem na Guerra, ou a subsistencia dos que forem feridos nesta Cauza tão gloriosa.

XI. A todos aquelles Pais e filhos de familias que por ora, e por alguns mezes houvessem de separar-se das suas familias, fica assegurada a assistencia em Inglaterra, e toda a attenção praticavel com as mesmas até que seja factivel manda-las ao Brazil, ou a Portugal, a seu arbitrio; decizão que a Providencia ha de permittir que se possa tomar dentro em poucos mezes.

XII. A todos os Senhores Officiaes, Officiaes Inferiores, Soldados, e Paizanos que se alistarem, correrá o Soldo do dia em que prestarem juramento, e sentarem Praça entre os *Leaes Voluntarios Lusitanos*, e a todos se continuará a Comedoria que vencerão a bordo do S. Rafael, e se fixará huma Comedoria aos que não poderem estar abordo, até o dia em que embarcarem nos Transportes, nos quaes serão mantidos á custa da Real Fazenda.

XIII. Com estas Condições que abrangem todas as justas conveniencias, e sem que possa dizer-se violentado, ou compromettido aquelle que a seu pezar talvez he obrigado agora a passar ao Brazil, corrão a

alistar-se todos os Corações briosos que desejão adquirir honra em Portugal, e assignem os seus Nomes nas Listas que para cada Patente e Praça dei ordem que estejão promptas em Caza do Tenente Coronel José Maria de Moura,

SUPLEMENTO.

O Senhor Tenente Coronel Moura está authorisado e encarregado de organizar em Plymouth o primeiro Batalhão da *Leal Legião Lusitana*, e a Companhia de Artilharia Ligeira, que a esta se deve addicionar; ficando á direcção do Senhor Tenente Coronel Lecor, que vai adiante, a Organização dos outros Batalhões, que hão de ser completados por ordem do Governo Supremo do Porto; reservando-me a Nomeação dos Commandantes de Companhias, do Quartel Mestre, e Ajudantes do mesmo, Capellão e Cirurgião-Mór, assim como a escolha de todos os Senhores Officiaes, Officiaes Inferiores e Cadetes, que parecer necessario arvorar no Exercicio de Patente immediatamente Superior; para o que mandará immediatamente a Lista dos Senhores Officiaes, Officiaes Inferiores e Cadetes voluntarios.

Londres 4 de Agosto de 1808.

(Assignado) D. D. A. de Souza Coutinho.

DECRETO.

TEndo-Me sido presente pelas relações que o Marechal General, Commandante em Chefe dos Exercitos Alliados na Peninsula, o Duque da Victoria, e o Marechal do Exereito, Marquez de Campo Maior, Commandante em Chefe das Minhas Forças Militares em Portugal, dirigirão á Minha Real Presença, referindo-Me, nos termos os mais expressivos e distinctos, o heroico comportamento, que o Meu Exercito manisfestou na occasião da Famosa e Memoravel Batalha de vinte e hum de Junho do presente anno contra o Exercito Francez, o completo Triumpho, que obtiverão os Exercitos Alliados junto á Cidade de Victoria; e Tendo visto com a mais viva satisfação os revelantes elogios, com que aquelles invictos Generaes louvarão a Intrepidez, o Brio, a destemida Resolução, e decisivo Enthusiasmo, com que attacarão as Tropas Inimigas nas fortes posições que occupavão, e de que forão desalojadas com immensa perda, assim de Combatentes, como de Artilharia, e de Bagagens; não duvidando os mesmos Generaes attestar-Me terem sido taes as proezas feitas pelo Meu Exercito naquelle Celebrado e Venturoso Dia, que merecendo o mais completo applauso, assim delles Illustres Chefes, que o conduzirão pelo caminho da Gloria, como de todo o Exercito Alliado, que presenciou seus altos Feitos, foi reconhecido e publicado, que não havia Infantaria na Europe melhor que a Infantaria Portugueza;

tendo sido esta Arma a que mais se distinguio, por não haver permittido a configuração do terreno, que as outras Armas tivessem sido empregadas com igual vantagem: Querendo Eu que seja constante quanto Me forão agradaveis e satisfactorias taes, e tão distinctas provas de Valor e Intrepidez, reguladas pela admiravel Ordem e Disciplina Militar, com que as Minhas Tropas se conduzirão, e mostrarão invenciveis, cobrindo-se de credito, e adquirindo huma Immortal Gloria: E Desejando Eu semelhantemente que se não ignore quanto Me Lisongeo e Prézo ser o Principe Regente de tão Fieis, Leaes, e Valorosos Vassallos, a quem nenhum obstaculo e fadiga atemorisa, e que com desprezo da morte arrostão os maiores perigos em defeza da Minha Soberania, Independencia, e Salvação da Patria, parecendo que a renovação de maiores difficuldades seja para elles hum novo e pungente incentivo, para emprenderem maiores e mais assignaladas Proezas: Sou Servido, que estes Meus Reaes e agradecidos Sentimentos, suggeridos pelo Paternal Amor que lhes Consagro, sejão a todos constantes, e notorios pelas expressões, com que Me praz louvar tão Altos Feitos. E tendo-Me sido igualmente constante, que as duas Brigadas de Infantaria, compostas a primeira dos Regimentos Numero Nove, e Vinte e hum, e do Batalhão de Caçadores Numero Onze, commandada pelo Brigadeiro Manley Power, e a segunda, formada pelos Regimentos Numero Onze, e Vinte e tres, e pelo Batalhão de Caçadores Numero Sette,

commandada pelo Coronel Guilherme Stubbs, achando-se pela casualidade das posições, em que estavão postadas, envolvidas nos pontos, em que a peleja se travava com maior calor e animosidade, havião com a maior Intrepidez, Presença d'Espirito, e Sangue frio, marchado direitas ao Inimigo, vencendo gloriosamente todos os obstaculos, e difficuldades extremosas que se lhes apresentavão, e conseguirão desalojallo valorosamente de todas as suas posições; obtendo merecer por huma tal conducta esclarecida a admiração e applauso do Duque Marechal General, e não menos de todos os Militares do Exercito Alliado, que presenciarão tão decisivos Feitos: Querendo Eu que a memoria de tão relevante conducta, que a sorte da Guerra, e a casualidade das posições parecia haver preparado para theatro do Impavido Comportamento e Gloria d'aquelles dois Corpos: Hei por bem Premiallos com a nobre recompensa de hum Distinctivo de Honra, que os torne notaveis, como merecem; e Sou por tanto Servido, que nas Bandeiras dos sobreditos quatro Regimentos de Infantaria Numero Nove, Vinte e hum, Onze, e Vinte e tres, que compõe as referidas duas Brigadas, se haja de pôr, circumdando as Minhas Reaes Armas, a seguinte Inscripção em Letras d'Oiro = *Julgareis qual he mais excellente = Se ser do Mundo Rei, ou de tal Gente* =, a qual se conservará nas mesmas Bandeiras para memoria, em quanto em cada hum dos Regimentos sobreditos existir vivo algum Official, Official Inferior, ou Soldado dos

que assistirão á Batalha de Victoria, e só deverá terminar em cada Corpo com a morte do ultimo destes Individuos. E como os Batalhões de Caçadores não tem Bandeiras, Hei por bem Concedellas aos dous Batalhões Numero Sette, e Onze acima mencionados, para usarem dellas nas Paradas, e conservarem-nas debaixo das mesmas clausulas que ficão determinadas para os quatro Regimentos de Infantaria; devendo estas Bandeiras ser formadas e esquarteladas pelas cores que denotão o Distinctivo da Minha Real Casa, azul e escarlate, ficando as minhas Reaes Armas no centro, e logo abaixo huma Palma circumdada pela Inscripção: = *Distinctos Vós sereis na Luza Historia* = *C'os Louros que colhestes na Victoria.* = Os Governadores do Reino de Portugal e dos Algarves o tenhão assim entendido, e o fação executar com os Despachos necessarios. Palacio da Real Fazenda de Santa Cruz em treze de Novembro de mil oitocentos e treze.

Com a Rubrica do PRINCIPE REGENTE N. S.

CONCLUSÃO APOLOGETICA.

Mihi narraturo veniâ opus fuit, quam non petissem, ni cursaturus tam saeva et infesta virtutibus tempora . . . . Non tamen pigebit, vel incondita ac rudi voce . . . . testimonium praesentium bonorum composuisse.

Tact. Vit. Agr.

AInda que, para os Leitores benignos, subeja apologia me seja a *Protestação* que logo fiz na pag. 13 da Parte I. desta *Memoria*, discriminando categoricamente a *Nação Franceza* da *Facção Gallica* ou da Gente Revolucionaria, não confundindo as *victimas* com os *Instrumentos* voluntarios da Anarchia e Tyrannia que infestou a França, a qual até o Novo Pai da Gente Civilisada, *Adam Smith*, chamou *feliz terra* e *bello clima* *; comtudo, para os Leitores austeros, renovo a mesma Protestação, por epilogo da Obra; a fim de que

* João de Barros, insigne Historiador das nossas Descubertas, hum dos antigos Donatarios do Brazil, e o principal classico Portuguez, nos deixou nobre lição da decencia historica no Prologo da Decada 3.ª, onde censura a Tito Livio, "na relação que fez como os Francezes tomarão Roma, dizendo, que por causa do vinho que havia em Italia, entrarão nella, e isto em modo de infamia."

não se escandalisem da aspereza de algumas expressões com que caracterizei os horridos actores, e os espectadores panegyristas das scenas tragicas da medonha Revolução, que, affectando adoptar as cruas theorias do *Republicanismo* (as quaes, posto que seductoras, são, como bem diz *Hume*, *desmentidas pela Historia do Genero Humano*) se manifestarão detestaveis hypocritas, e amadores do *Despotismo*, calumniando os Governos regulares, e applaudindo o mais feroz Tyranno, que recordão os Annaes da Sociedade.

Ainda quando os mais graves historiadores qualificão os caracteres e vicios dos povos, sempre se subentende que pura e simplesmente fallão da classe infima, e não da gente de educação, e ainda assim com reserva de muitos bons individuos de todas as ordens do Estado. Sentindo cada patriota vivamente os males com que nos acabrunhou a dita Facção, fazendo-nos, sem a menor razão, tão cruel guerra, sendo antes a Nação Franceza estimada pela Nação Portugueza, até por enlaço de Symbolo Catholico, Familias Reinantes, Casas Nobres, e predilecção de Literatura, podendo-se justamente applicar-lhe o honorifico pensamento do maior Antagonista da Revolução *Burke* = *gentis incunabula nostræ* =; era impossivel reter eu a indignação escrevendo (segundo observa Tacito) com *recentes odios*, e não tendo longe as causas delles. Direi com o mesmo Burke em sua apologia = não temos coração para igualmente nos compadecer dos opprimidos, e dos oppressores. =

A verdade historica forçou-me a censurar com acri-

monia os que offenderão o nosso Principe e Estado; * tendo ainda incomparavelmente mais forte motivo de dizer contra os authores e enthusiastas do *espirito de conquista*, o que o nosso Epico disse (sem que ninguem o estranhe) com licença poetica **, não obstante a sua magnifica descripção da França.

Tendo dado á luz huns Extractos das Obras Politicas do dito *Burke*, não podia deixar de ter os seus mesmos sentimentos de estima da Nação Franceza, constituida como era antes do arranco da Revolução; e muito mais agora com a esperança de cordial reconciliação, vendo o restabelecimento de seu justo Monarcha, e legitima Dynastia, sob cujo regimen protector a França ostentou a scena de civilisação, que aquelle Propheta Politico assim descreve como testemunha de vista = ,, Vi com os proprios olhos a magnificencia de suas cidades, e de seus canaes artificiaes para a navegação interior, e conveniencia das communicações ma-

* O nosso Grande Infante D. Henrique prezava-se de trazer no seu Brazão de armas a Letra Franceza = *Talent de Bien faire.* =

** Pois de ti, Gallo indino, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendê-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.
Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo, e tanto?

Lus. Cant VII. 6 e 7.

ritimas: Vi as estupendas obras de seus portos, e todos os apparatos de sua Marinha para Commercio e guerra: Vi as suas fortificações de atrevida grandeza, e magistral pericia, que apresentavão huma frente armada, e barreira impenetravel á seus inimigos: Vi as suas florentes culturas, e manufacturas, que só erão inferiores ás nossas: Vi em fim a *multidão de seus Sabios, Estadistas, e Escritores sagrados e profanos.* Tudo annunciava huma Administração que fomentava opulencia, artes, commercio, e literatura. Não se póde condemnar temerariamente, no todo, hum governo que he capaz de manter tão bellas cousas, ainda que tivesse alguns defeitos, que todavia não o constituião incapaz de reforma, que exaltasse as suas excellencias, e corrigisse as suas faltas. „ *

Tendo eu, e o mundo, testemunhado a ruina de huma tão *Grande Nação*, onde tanta gente, por instigação de libertinos, superficiaes, e scelerados, não só fez mal a si, amigos, vizinhos, e distantes povos, mas até, na sua carreira extraviada, veio attacar a nossa Patria, e tanto atrazar a Prosperidade Nacional, esvrevi com franqueza literaria, e abertura de coração, para desabusar os compatriotas das vertiginosas idéas do Seculo, não menos que para compendiar em synopse as campanhas do Philopémen Britannico, que salvou a Peninsula, e a propria França, do Dragão Corso, que, mais medonho que Beocio, tentou destruir o Genero Humano. Elle, entrando victorioso na França, pro-

* Veja-se Extract. Part. I. pag. 90.

clamou, que não fazia guerra á Nação, mas só ao Monstro, e á seus adherentes. Sou o humilde echo desta Proclamação.

Para satisfação geral, peço venia, e retracto qualquer excesso de phrase em que (no juizo dos cordatos) tenha cahido, confessando têllo feito por dorído, como o celebrado moderno Escritor Inglez *Malthus* refutando o famoso Mathematico Archi-Revolucionista *Condorcet*; sendo doloroso á todos que desejão a universal benevolencia da Humanidade, " ver o espirito humano em huma das mais illustradas Nações do Mundo eclipsado pela fermentação das mais vis paixões de medo, crueldade, malicia, vingança, ambição, philaucia, e loucura, que teria envilecido as mais selvagens Nações nos mais selvagens seculos; dando o mais tremendo abalo á theoria da Perfectibilidade Social ,, *

Felizmente não temos a vingança em lucro, nem a gratidão em pezo. Logo depois da primeira Paz de París, vimos com serenos olhos as Bandeiras das Flores de Liz tremolando em os nossos portos, á par dos Pavilhões de todas as Nações pacificas; comprazendo-nos do generoso systema conciliador, com que a Divina Bondade se dignou felicitar-nos. Devia porém eu satisfazer a pensão do louvor devido ao Governo e povo, que, com tantos sacrificios, nos ajudou a restaurar a independencia do Throno e Estado; sendo unisono á linguagem, não só dos Governadores de Por-

---

* Malthus = An Essay on the Principle of Population. Tom. II. Liv. III. pag. 3.

tugal, * mas tambem das Universidades de Tolosa e París, e dos Escritores de maior credito na França, desde *Montesquieu* até *Ganilh*, os quaes, prescindindo da nota de anglomania, se elevarão sobre os prejuizos do vulgo, e rancores da Rivalidade Nacional, fazendo justiça ao Genio da Grande Nação, que a Natureza ilhou geographicamente da Europa, para se avantajar em Marinha, mas unio á todo o Orbe, pela Extirpação da Furia Revolucionaria, e orthodoxia da Geral Concordia. Aos compatriotas de superior intelligencia pertence completar a historia do Auxilio Britannico, e do periodo mais critico da nossa Monarchia, de que mal lancei alguns traços, e colligi documentos. Ora congratulemo-nos de ver em fim realizado o Voto e Empenho de Sua Magestade George III., quando em 10 de Janeiro de 1808 orou no Parlamento de Inglaterra, implorando o favor da Divina Providencia á Empreza da Expedição do nosso Soberano ao Brazil, para Ostentar o Imperio Lusitano *com augmentada força, e esplendor.*

Quanto ao que disse do Heroe Anglo-Luso, seria ociosa a apologia ao Público, se eu não carecesse de excusa, por me ingerir a expor e louvar feitos de Campanhas, que só dignamente faria competente estudioso da Profissão Militar, e vizinho á séde de tantas proezas, e com proporcionados recursos.

Porém não me arroguei o compor regular *Historia* da Invasão de Portugal, mas rude *Memoria* dos prin-

---

* Veja-se esta Mem. Parte I. pag. 210 e 384: Parte II. pag. 16.

cipaes notorios successos, com que he livre a qualquer o Consignar a verdade dos quasi miraculosos *RESULTADOS* da Politica e Milicia, que destroirão a *Maravilha fatal da nossa Idade*, e que são os perennos Testemunhos, e os melhores Panegyristas das Façanhas do Invicto Generalissimo dos Exercitos Alliados; cumprindo dizer com Tacito = *Hi limpidissimi testes, hi maximi laudatores.* =

Estes immortaes *Padrões de Gloria* exuberantemente desvanecem rumores e escritos ephemeros dos emulos da dignidade e fortuna do Varão Feliz, e Honra do Seculo XIX., tentando-se em vão eclipsar-lhe o esplendor da Vida Pública.

Mr *Sarrazin*, que se intitula Marechal de França, e na *Historia da Guerra da Peninsula* se erigio, sem titulo, em Juiz do *Merito Superior*, fazendo notas de Serviço ao Mestre do Generalato, acclamado por tantos Capitães da primeira ordem, arguindo-lhe erros de Engenharia e Tactica *, como se o Vencedor dos *Tippoos* da India e Corsica tivesse vindo aos campos do Continente a aprender a lição, e a Sciencia Militar se monopolizasse na Escola de *Brienne*; todavia faz justiça ao Commandante Victorioso, bastando citar as seguintes passagens, omittindo outras em que o censor se contradiz e refuta por si mesmo. **

,, Os movimentos do Lord Wellington, que precederão a Batalha da Victoria, forão hum chefe d'obra

---

* Veja pag., 258, 275, 278, 295, 326, 327.

** Veja pag. 336, 218, 326.

de Estrategia. Depois do seu triumpho os Francezes confessarão que o terror lhes chegou ao maior auge . . . Luiz XIV fez *profundo elogio* ao Duque de Vendome, quando teve noticia da Batalha de Villaviçosa = Eis o que póde hum Grande Homem! = ... He hum homem feito para Commandar em Chefe. . Para salvar hum Imperio basta hum Grande Homem . . . . A Providencia parece havello destinado para humilhar o orgulho de Napoleão. ,,

Seja-me pois licito concluir, dizendo, que ao Duque da Victoria he dado usar da linguagem semelhante á do nosso Affonso de Albuquerque (a quem o equiparei na epigraphe) escrevendo á ElRei, *confiado na grandeza de seus serviços*, como diz Barros = *A Europa fallará por si, e por mim* = ; e como Principe de Waterloo, sendo o imitador da prudencia, moderação, e magnanimidade do seu antigo Soberano Eduardo III., na parcial conquista da França depois das victorias de *Cressi e Poitiers*, (tão elogiadas pelo Mestre de Historia de Inglaterra) merece no proprio Brazão d'Armas a *Letra* que tomou então no seu o Principe de Galles = EU SIRVO. =

Resta fazer votos para ser a *Paz da França* fiel, e perpetua. Possamos dizer com o Imperador Romano = Fomos invadidos pelos Francezes ; mas foi breve a guerra : seja ora constante a harmonia ; importem-nos suas artes e riquezas ; reciproquem-se os bens do commercio, cessada a separação do *Systema do Continente.* = Capti á Gallis sumus . . . . Attamen, si cuncta bel-

la recenseas, nullum breviori spetio, quam adversus Gallos, confectum. Continua inde ac fida pax. Jam moribus, artibus, affinitatibus nostris immixti, aurum et opes inferant potius, quam separatim habeant.

Tacit. Annal. XI. 24.

F I M.

ERRATAS DA PARTE II.

Pag.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
3	1	prespectiva	perspectiva
9	ult.	minitros	ministros
10	5	que havia	cujo filho havia
—	16	pertubadores	perturbadores
—	17	Governo	Genero
11	25	licentian . . . prœmiorum	licentiam . . . præmiorum
—	26	vosces que	voces que
16	16	oanstantemente	constantemente
27	4	*Exercitos*	*Exercito*
28	14	descripção	discrição
33	6	cssa	essa
34	antep.	*mentira*	*mentira*
36	ul.	*vinditrici*	*vincitrice*
37	5	dissipados	dissipadas
46	7-8	*cavallaria e infantaria*	*cavallaria e artilharia*
51	29	camados do	chamado dos
54	21	pertubar	perturbar
57	23	quando cahirão principalmente	cahirão principalmente quando
63	20	Fædum	Fœdum
68	20	ostheorios	os theoricos
—	21	Poetasas	Poetas as
72	10	mostru	mostrou
84	1	Erynnis	Erinnys
87	ult.	efere	refere
92	16	extraorninario	extraordinaria

ERRATAS DO APPENDICE.

8	11	Rei da Hollanda	Principe Herdeiro do Reino dos Paizes Baixos
9	19	monachico	monarchico
15	9	disvelos	desvelos
30	antep.	ilis	ills
—	penult.	Archi-machialista	Archi-machiavellista

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emenaas.*
40	14	para só	para com
—	23	em 1801	de 1801
51	17	authoriza-o	authoriza o
53	23	populus	populos
60	2	faltaráõ	faltarão
73	5	Parinenses	Parisienses
—	17	Fidcicommissario	Fideicommissario
74	18	uuião	união
76	6	incontinente	in continente
78	24	perverserança	perseverança
81	19	putatatote	putatote
88	ult.	suffoca	suffocão
152	6	Bitannica	Britannica
162	16	*Governo*	*Genero*
176	penult.	Tem-seo dit	Tem-se dit
206	17	meior	maior





